

Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes

Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe¹

Uma estrada de cem línguas começa
por um passo.

Provélio chinês.

Explicação prévia

Não pretendo com este trabalho nem encantar pela forma, nem seduzir pela erudição. Limitei-me a juntar algum material que encontrei disperso, dizer alguma cousa sobre o que não me parecia bem e finalmente acrescentar mais algumas informações que eu encontrei durante as minhas leituras.

Sei de antemão que o meu trabalho passará despercebido: por um lado porque, dada a sua insignificância, não pode esperar outra cousa, por outro porque estes assuntos relacionados com as línguas orientais não merecem ainda qualquer consideração sincera a muitos dos nossos estudiosos.

Tal como esta *Explicação prévia*, há nêle alguma cousa que não figura no texto apresentado ao Ex.^{mo} Júri das Licenciaturas de Filologia Românica no ano lectivo de 1937-38. Esses acrescentos, como é fácil de prever, são o produto de algumas gentis sugestões, novas resoluções pessoais ou ainda informações colhidas posteriormente à primeira redacção do trabalho.

¹ Este trabalho é a dissertação apresentada pelo autor para a licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo 1937-38.

I

O que é este trabalho

Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes, com o sub-título *Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe*, é o pretexto de que me utilizo para dar a conhecer o que eu penso sobre este elemento do nosso léxico.

Embora não tanto como o latino, a complexidade deste assunto é maior do que quase todos julgam.

Povo de importância rural cujos elementos sociais infimos não recuaram ante o reaparecimento do domínio cristão, não perderam logo a sua língua, os seus usos e costumes; por isso não admira que deixasse nas populações onde a sua influência foi mais intensa uns vestígios psicológicos e lingüísticos que de dia para dia urge cada vez mais estudar antes que o seu desaparecimento, hoje ainda gradual, amanhã seja completo.

Os primeiros estão mal estudados, mas existem; quem conhecer certos usos e crenças do Alentejo e Algarve não os poderá pôr em dúvida, antes os poderá testemunhar.

Os segundos, melhor conhecidos, estão ainda longe de bem estudados. É necessário lançar-se o gosto pela investigação lingüística local. A importância desta actividade não interessa só ao caso puramente árabe; interessa ao germânico, ao românico, ao filológico em geral.

Temos estado até hoje em demasia aferrados ao elemento latino e raramente daí saímos. Ele constitui o fundo, mas isso não quer dizer exclusividade; um edifício não é constituído só pelos caboucos; tem uma infinitade de materiais que ajudam a completar o todo.

O elemento latino é o primordial do português. As suas influências fonética, morfológica e semântica têm sido intensamente estudadas, mas mesmo dentro deste elemento há um aspecto que tem sido votado ao desprezo: o sintáctico¹.

Quem há entre nós que tenha também estudado profundamente o elemento germânico do português?

No entanto nos meios cultos de Portugal há pessoas que o podem fazer. Porque não o fazem?

¹ A *Syntaxe Historica Portuguesa* de EPIFÂNIO DA SILVA não passa dum ponto de partida.

Bibliografia estrangeira não falta. Para não estar a desfiar um longo rosário de nomes basta-me indicar três: Ernest Gamillscheg⁴, Joseph Piel² e o Dr. Georg Sachs³, de que aquele largamente se utilizou na sua *Historia Lingüística de los Visigodos*⁴.

Só estes são suficientes para alargar horizontes.

Mas se se quiser estudar êste elemento em trabalhos portugueses no estado actual das cousas apenas se pode contar com *O elemento germânico no Onomástico Português*, do Prof. J. Joaquim Nunes, e mesmo êsse, como o do Dr. Sachs, não trata do Léxico e o seu autor não era especialista.

¿ Quando aparecerá um trabalho onde, além das influências, se estudem as leis da evolução das línguas germânicas para o português?

Esperemos.

Entrando no campo arábico: ¿ que importância se tem ligado ao que o Prof. David Lopes tem dito nos dominios da História e da Filologia? Cá continua-se a dizer *Al-Fagar* e a derivar *Alfama* de الْجَمَاعَةُ (*al-jamā'a*) e outras cousas mais. E tudo isto faz-se e diz-se com uma sinceridade e uma presença de espírito como se tratasse da cousa mais certa dêste mundo.

Ora o elemento árabe é, como disse, numeroso e complexo. Estas características arrastam dificuldades que ainda mais se avolumam se se observar o problema como em minha opinião o deve ser. Mais adiante⁵ trato do assunto.

Para êle ser estudado com detalhe eram necessários anos de intenso trabalho e condições sólidas de Cultura (sobretudo arábica) que não posso, nem julgo estar em circunstâncias de vir a ter.

Encontrei muitas dificuldades para a realização dêste trabalho, que por isso mesmo ainda se torna de mais modestas pretensões do que eu em princípio lhe queria atribuir. Eis a razão por que nôle me limitei a coordenar *alguns* apontamentos que eu possuía acerca

¹ *Romania Germanica*, Berlim e Leipzig, 1934, e «*Historia Lingüística de los Visigodos*», publicada na *Revista de Filología Española*, t. xix, pp. 117-150 e 229-260.

² «Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa», publicados no *Boletim de Filologia*.

³ «Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal». *Berliner Beiträge zur Romanischen Philologie*, n.º 4, 1932. O Prof. JOSEPH PIEL está a publicar no *Boletim de Filologia* um trabalho denominado «Os Nomes Germânicos na Toponímia Portuguesa».

⁴ Publicada na *Rev. de Fil. Esp.*, t. xix.

⁵ No capítulo «A influência árabe».

de *alguns* arabismos e *algumas* considerações a *algumas* palavras de origem arábica do *Dicionário de Nascentes*. Juntei a tudo isso *alguns* vocábulos cuja presença me parece indispensável na obra do filólogo brasileiro.

Este trabalho, como já disse, tem pretensões modestas, não só porque o seu autor não tem condições para mais, como porque nele não pôs todo o material de que dispõe. Uma das provas está no facto de não fazer um trabalho com carácter próprio, mas como que uma espécie de crítica a uma obra consagrada desde a sua publicação, qual é o *Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes*.

Estas linhas desprestiosas são o ponto de partida para estudos de maior fôlego; por isso me satisfaço agora plenamente como título modesto, mas exacto quanto ao meu ponto de vista, de *Comentários a algumas Arabismos do Dicionário de Nascentes — Subsídios para um Vocabulário Português de Origem Árabe*.

II

A influência árabe e algumas palavras a propósito

Arrastados pela força irresistível das novas místicas os árabes apoderaram-se rapidamente de quase toda a Península. O seu domínio foi longo: cinco séculos em território português, sete no espanhol.

Apesar de o seu domínio ter acabado há setecentos anos muita coisa cá nos ficou dos *mouros*. A sua permanência secular, o carácter do seu povo, tudo deve ser apontado como as causas desse legado que ainda hoje vive, embora diminuído.

Neste momento nada mais me interessa além do vocabulário deixado por êles em a nossa língua.

É numeroso. Sobe a centenas. Opiniões desencontradas têm aparecido no que diz respeito à quantidade das palavras entradas. Enquanto D. Carolina Michaëlis acreditava que o seu número ascendia a um milhar, Adolfo Coelho descia-o a quatrocentas. O Prof. David Lopes julga ser aproximadamente uns seiscentos vocábulos, donde um terço é antigo ou desusado e o maior número está na letra *A*¹.

¹ O filólogo brasileiro João RIBEIRO (*A influência do Árabe na Língua Portuguesa*) cita um estudioso (Razy Basile) que lhe comunicou em carta que «só

Na minha opinião estas hipóteses são ainda um pouco prematuras. Para que uma certa seja emitida de uma cousa se necessita: um *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Ainda não apareceu nenhum em condições¹.

Por él é que se poderia verificar qual daquelas opiniões é a exacta ou, pelo menos, qual a mais próxima da verdade.

É um triste facto o que disse mais acima: ainda não apareceu um *Vocabulário Português de Origem Árabe* em condições. Na realidade as obras de maior vulto de que os estudiosos em geral se utilizam umas estão, como veremos², já antiquadas (como o *Glossaire* de Engelmann e Dozy) ou não merecem confiança (Sousa, Moura, Lokotsch, Eguíllaz). Depois delas... só estudos parciais, muito parciais mesmo.

O conceito vulgar de *Vocabulário Português de Origem Árabe* é, em geral, incompleto. Com essa designação julga-se que se têm apenas em vista as palavras árabicas entradas no português durante a Idade Média. É um princípio, como disse, incompleto, porque os elementos árabicos da nossa língua não entraram só naquela época.

O contacto com as populações marroquinas durante cerca de três séculos deu em resultado a entrada de mais umas dezenas de vocábulos no português. Quem o puser em dúvida que leia Azurara, Góis, Bernardo Rodrigues e consulte as chancelarias reais desde D. João I até D. José.

No Oriente conhecemos vários povos: árabes, hindus, persas, malaios, jans, chineses, japoneses, etc.

As línguas dessa amálgama de povos, cada um representado por muitos milhões de seres, influíram também na dos homens partidos do longínquo Portugal. Além das especiarias raras, de drogas custras e de preciosidades inumeráveis também enriquecemos no Oriente o nosso pecúlio lexical.

Entre as muitas línguas que «nos reinos lá da Aurora» exportaram elementos para a nossa conta-se a arábica.

É, pois, ao conjunto das palavras recebidas da língua que falou Maomé, na Península, em Marrocos e no Oriente, que, em minha opinião, se deve chamar o *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Para

na letra A foram descobertos (por R. B.) mil e duzentos vocábulos; o léxico português terá ao todo «dez mil palavras de origem árabe». Sem comentários.

¹ Cf. o que digo mais adiante em «Os Estudos Árabes».

² Idem.

fazer o seu estudo tam completo quanto possível são precisos alguns anos de investigações em documentos de carácter diverso, desde o puramente literário até ao judicial; entre um e outro os degraus são muitos e alguns deles enormes. Depois a sistematização do gigantesco material é obra para fazer dores de cabeça milhares de vezes a quem se lançou nela. A explicação do vocabulário é uma tarefa tal, que se me afigura demasiada para uma pessoa só.

— Mas o que representa afinal tudo isso para quem o quiser fazer?

Apenas um trabalho interessantíssimo que urge realizar quanto antes.

Dir-se-há: «mas hão-de aparecer vocábulos apenas com um ou dois passos abonatórios a autenticá-los e que, além disso, não passam possivelmente de imitação do que por lá ouviam aos indígenas».

Seja como fôr, trata-se de uma palavra que os portugueses conheciam e que um certo número (grande ou pequeno, não interessa) empregou. Desde que um documento a autentique é necessário que figure no Dicionário da Lingua para que, se um curioso futuro a desconhecer, a possa lá encontrar.

Nota-se ainda que essa enormidade lexical que se reúnia tratava só de palavras de origem árabe.

Mas no Oriente não tivemos contacto só com povos dessa raça; não foram só êles que concorreram para o enriquecimento da nossa língua. Muitos mais houve. Se se estudarem um dia tôdas essas influências o futuro *Vocabulário Português de Origem Oriental* será um facto; ele atestará largamente o nosso importante papel em prol da História da Civilização.

Essas línguas não nos largaram umas escassas dúzias de palavras. Leiam-se Castanheda, Tenreiro, Mestre Afonso, Gaspar Correia, Baltasar Teles, Fr. João dos Santos, Fr. Gaspar de S. Bernardino, Barros, Couto e muitos outros; isto se quisermos falar só de literatos, porque se quisermos alargar o campo da colheita e entrarmos nos documentos emanados de chancelarias (publicados e inéditos) encontraremos ai um material a recolher ainda mais abundante e talvez mais precioso do que o fornecido pelos escritores.

Era bom que se olhasse para isto e se facilitasse a alguém a leitura dessas preciosidades e ainda o estudo das línguas orientais que pudessem interessar àquela obra gigantesca pelo tamanho, pelo valor e ainda pela influência que decerto exerceria depois de publicada. Era uma tarefa rude, mas abençoada.

Dalgado no *Glossário Luso-Asiático* já previu essa enormidade; conhecedor de um número considerável de línguas asiáticas deu com

aquela obra um bom auxílio a quem um dia se lançar nessa ingente obra.

Há ainda o admirável *Hobson-Jobson* que também auxilia bastante qualquer investigação neste campo.

Não é tudo, mas é alguma cousa.

No campo de contacto lingüístico dos portugueses com os povos orientais há ainda um outro assunto que nos devia chamar a atenção: a influência do português nessas línguas¹.

Pensar-se nisto é bom, mas estudar e sobretudo demonstrar essa influência é excelente.

Esse trabalho dar-nos-ia forças morais ainda maiores do que as que já temos hoje perante o mundo; ela daria um novo e forte impulso à propaganda da acção portuguesa nas terras do Oriente. É aqui que está uma boa parte da epopeia portuguesa.

Realizou-se há pouco um *Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo* que foi ilustrado por uma interessante Exposição onde figurava o *Mapa da Expansão da Língua*; pois foi com bastante tristeza que diante dele lembrei a insuficiência dos nossos trabalhos filológicos nesta matéria; eles deviam provar a veracidade do que aquele mapa mostrava. E lá estava bem patente o resultado do que fizemos. Como seria interessante emoldurá-lo com as obras onde o assunto estivesse profundamente estudado!

A parte a *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, do Prof. David Lopes, e poucos trabalhos de Dalgado nada mais há digno de figurar entre obras de algum fôlego². Na realidade a primeira representa um trabalho sério que só consegue quem tem profundo conhecimento do assunto e dispõe das condições necessárias para poder explorar os materiais indispensáveis para a sua realização. Nesta obra, além de se fornecerem muitos dados históricos, aduzem-se provas que se tornam indiscutíveis ao saberem-se as fontes que lhe serviram de base: obras de modernos autores estrangeiros que verificaram quase boquiabertos tantos casos de persistência da língua portuguesa nas línguas dos indígenas; tra-

¹ «Along the sea-coasts the Portuguese have left a Vestige of their language, tho' much corrupted, yet it is the language that most Europeans learn first to qualify them for a general converse with one another, as well as with the different inhabitants of India», HAMILTON, *New Account*, «Preface», p. xii. Citaç. de *Hobson-Jobson*, p. xvii.

² Entre as de menor importância cito: FOKKER, «O elemento Português na Língua Malaias» (*Revista Lusitana*, VIII); GONÇALVES VIANA «Vocabulário malaio derivado do português» (*idem*, *idem*), etc.

balhos existentes em bibliotecas nacionais e estrangeiras, como livros para propaganda do cristianismo impressos por missionários de outros países... em português. Viam-se na necessidade de assim proceder porque o gentio nenhuma outra língua compreendia além da própria e do português¹. Aprendeu-o, fixou-o e legou-o, mais ou menos deturpado, aos seus vindouros.

A obra do Prof. David Lopes precisa ser agora seguida por estudos intensos desses creoulhos; alguns representam raízes portuguesas em terras de outros senhores; essas obras impõem-se quanto antes para que não desapareçam e não se percam mais estas recordações épicas dos nossos esforços de outrora.

A obra de Dalgado *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas* dá já uma idéia, embora ainda um pouco pálida, dessa influência. Apesar de ser uma obra que em certos pontos necessite de cautela ao ser consultada, não há dúvida que estamos na presença dum trabalho muito útil².

De importância mais nada³.

É necessário que na Filologia Portuguesa se abra definitivamente um novo capítulo: a expansão do nosso idioma no Oriente. Há lá restos da época em que ele constituía uma *língua franca*⁴: «... o português era no Oriente a língua de comunicação dos Europeus entre si e com os povos com quem estavam em relações... na carta que o Governador Maetsuyker em 1674 mandou aos directores da Companhia (holandesa das Índias Orientais) em Amesterdão em que dizia que o preocupava seriamente o uso tam grande do português naquela cidade (Batâvia). Com prejuízo do holandês: assim, na comunidade portuguesa ele era uma língua tam desconhecida que em 1713 só três pessoas sobre cem a comprehendiam. No fim d'este século havia

¹ «The early Lutheran Missionaries in the South (of India...) all seem to have begun by learning Portuguese, and in their diaries speak of preaching occasionally in Portuguese», Hobson-Jobson, p. xviii, cf. *Notices of Madras and Cuddalore, &c co, by the earliners Missionaries*, Longman, 1858, e outras obras citadas nesse mesmo local.

² Para um estudo mais detalhado cf. a *Expansão*, de DAVID LOPEZ, p. 86 e sgs.

³ Há mais uns pequenos trabalhos, mas de modestas pretensões; como seria fastidioso estar a indicá-los, prefiro enviar o curioso para a obra citada na nota anterior, no cap. III. Algumas dessas obras foram já citadas mais atrás.

⁴ «This they (the Portuguese) may justly boast, they have established a kind of *Lingua Franca* in all the Sea Ports in *India*, of great use to other *Europeans*, who would find it difficult in many places to be well understood without it», Lockyer, *An account of the trade in India*, p. 286.

ainda as mesmas preocupações, como se vê das resoluções destas autoridades nos anos de 1777, 1778, 1786 e 1788... .

«... as medidas que o governo de Batâvia tomou no século XVII para favorecer o uso da língua holandesa não deram o resultado desejado¹. Pelo contrário, os próprios Holandeses se viam obrigados a falar a língua portuguesa em casa com as suas mulheres *mestiças*, com as suas criadas e com os seus escravos; o mais interessante é que achavam isto natural, pois, como o governo confessava em 1674 com graça, os *holandeses* consideraram uma grande hora saberem falar uma língua estrangeira»².

«É sobretudo pela influência que a língua portuguesa exerceu, diz Sebastião Rodolfo Dalgado³, e ainda exerce, em grande parte da Ásia, que se aquilata o alto valor da acção civilizadora de Portugal, toda especial e sem paralelo.

«É bem natural que a língua do conquistador seja a língua oficial, e os indígenas se vejam na necessidade de a aprender e falar. Mas isto dura enquanto o país verga sob o jugo estrangeiro. Assim notamos que a Holanda, que dominou em diversas partes da Índia, não deixou quase nenhum vestígio da sua língua, a não ser uma ou outra palavra em algum idioma.

«E também natural que os descendentes dos conquistadores continuem a usar, especialmente sendo em grande número, o idioma paterno por longo tempo depois de cessar o domínio nacional, como acontece quanto ao português, em Bengala, em ambas as costas da península, em Malaca e Singapura.

«Mas admira muito o fenómeno que se dá em Ceilão. Ali não só os descendentes dos portugueses, mas ainda os filhos dos holandeses, que dominaram por igual período como Portugal, e em geral todos os eurasiáticos e até alguns indígenas têm o português por língua materna, além doutros, europeus e nativos, que o aprendem por conveniências comerciais, domésticas e religiosas.

«E admira ainda mais, e parece muito estranho, que uma classe de indígenas, que não têm nas suas veias uma gota de sangue português, tenha repudiado a língua própria e adoptado, juntamente

¹ «A língua dos holandeses, que eles procuravam estender com combinações penais, deixou há muito tempo de ser falada mesmo pelos seus descendentes directos, enquanto um português corrupto é até o presente dia a língua vernácula das classes médias em todas as idades de importância». Emerson Tennent.

² *Expansão*, pp. 105-107.

³ *Influência do Vocabulário Português*, pp. xviii e sgts.

com a religião cristã, a portuguesa como materna, facto que se observa na presidência de Bombaim e algumas partes de costa do Malabar.

«É pasmosa a expansão que o português teve na Ásia nos séculos passados. «A história dos descobrimentos e das conquistas portuguesas, diz muito bem, e prova-o com muita erudição, o Dr. Schuchardt, é também em geral a história da propagação da língua portuguesa»¹. E pode-se acrescentar a história da evangelização portuguesa é igualmente, até certo grau, a história da difusão do idioma português. Considerava-se então que o português era a língua cristã por excelência e um indício da cultura europeia».

«Falava-se português, puro ou crioulizado, por toda a Índia, na Malásia, em Pegu, no Bramá, em Sião, em Tonquim, na Cochinchina, na China, em Comorão da Pérsia, em Bassorá da Turquia, em Meca da Arábia. E falavam-no não sómente os portugueses e os seus descendentes, mas hindus, maometanos, judeus, malaios e os próprios europeus doutras nacionalidades entre si e com os indígenas. Serviam-se dele os missionários holandeses nos seus domínios, e ainda hoje o empregam os ministros protestantes ingleses na ilha de Ceilão. Era pois por longo tempo a língua franca do Oriente.

«É verdade que o português já não tem tamanha extensão e está agora muito circunscrito. Cessou de ser língua franca; e os crioulos, uns estão extintos, outros agonizam, outros talvez, pelo perpassar de séculos, venham a desaparecer. Mas quando porventura o português não fôr falado no Oriente, os vocábulos da bela língua de Camões, adoptados e naturalizados em uma centena de idiomas vernáculos, não perecerão jamais, mas perdurarão juntamente com os mesmos idiomas, e serão, na sua linguagem eloquente, um momento vivo e constante da dominação e civilização portuguesa».

Era vulgar os nossos aventureiros encontrarem em pontos longínquos das regiões de domínio ou influência portuguesa alguém que soubesse a nossa língua. A história de Fr. Gaspar de S. Bernardino é um belo exemplo².

Fernão Mendes Pinto nos confins da China foi encontrar uma família (cujo chefe era português) que... orava um português «bem pronunciado». Esses indivíduos «disserão o Pater noster & a Ave Maria, o Credo, & a Salve Regina muyto bem ditos & pronunciados, q a todos nos fez derramar muytas lagrimas, vêdo aquelles meninos

¹ *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*, v.

² *Itinerário da Índia por terra...*, c. 10, pp. 108-110 na ed. de 1842.

innocentes, em terra tão apartada, & sem conhecimento de Deos, confessarem a sua ley com palavras tão santas»¹.

No Japão foi encontrado um grupo de individuos que se reúniam a ocultas a ai praticavam em portugués².

No século XVII já causava espanto esta expansão, como se pode verificar neste passo: «Está la lengua portuguesa muy dilatada no solo en Europa, sino tambien en todas las partes del mundo, Africa, America, hasta los fines de la Asia, donde no solamente los Portugueses que por alla andan la hablan, mas todas aquellas gentes que tienen tratos com ellos, que son muchissimas», Ant. de Sousa de Macedo, *Flores de Espanha, Excelencias de Portugal*, Lisboa 1631, cap. XXII, excel. VIII.

O leitor achará talvez tudo isto demasiado para um trabalho que tem como título *Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes*. Em parte tem razão.

Mas uma das principais finalidades dêste estudo é (como disse no capítulo primeiro) ser um «ponto de partida para estudos de maior fôlego».

Que isso justifique esta largueza de informação, mas tudo isto mostra bem a importância, o interesse e sobretudo o alto significado dêstes estudos.

O que sucedeu, por exemplo, aos holandeses com o português, também se verificou com os nossos em relação com as línguas indígenas.

À medida que as naus iam descobrindo novas regiões, novos povos se iam encontrando; era necessário entrar em contacto com êles: a Cultura, a religião, o comércio exigiam-no.

Para que contacto maior se verificasse duma cousa se necessitava: aprender a sua língua, ao mesmo tempo que êles recebiam a nossa.

Cedo se observou êste fenómeno de osmose. Nada há que o demonstre directamente, mas se necessário se tornar observá-lo basta recorrer às alusões dos historiadores, viajantes e aos documentos das Chancelarias³.

¹ *Peregrinação*, cap. cxvi.

² Informação do Dr. Mário de Albuquerque.

³ SOUSA VITERBO organizou um interessante trabalho em documentos desta espécie. Chamou-lhe «Notícia de Alguns Arabistas e Intérpretes de Línguas Africanas e Orientais». Foi publicado nos vols. 52 e 53 (1905-1906) de *O Instituto*. Fez separata.

Não posso esquecer aqui o tam útil como desconhecido trabalho de Fr. Vicente Salgado *Origem e Progresso das Linguas Orientais na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*¹.

No Oriente não podia deixar de suceder o mesmo.

Muitos viajantes mostram que sabiam as línguas das terras por onde passavam. Assim Fernão Mendes Pinto² viu em determinada região chinesa um indivíduo que lhe «acenava com a mão, como q̄ chamava por mym, eu avendo isto por causa nova, lhe disse pela lingoa do Chim, potau quinay? que quer dizer, chamasme?».

António Tenreiro³ encontrou um indivíduo que lhe «fallou em língua Persiana, a qual elle tão mal fallava, como eu».

Poderia multiplicar os exemplos, mas isso só serviria para alongar e sobretudo ainda enfastiar mais o leitor dêste despretensioso trabalho.

Não há dúvida que a partir de certa época a aprendizagem das línguas tornou-se obrigatória, pelo menos para o clero. Assim o rei Filipe II em carta de 21 de Fevereiro de 1610 dirigida ao vice-rei Rui Lourenço de Távora diz o seguinte: «Também sou informado que he de muito impedimento para a conversão dos gentios, não saberem os religiosos a língua da terra onde estão e teem conventos, e que seus prelados se não lembram de lhe encommendar com vigor o façam, ou tirar as egrejas aos que a não souberem e posto que já por vezes mandei advertir aos superiores das religiões tivessem escolas onde aprendessem as línguas, por a materia ser de tanta importancia, lha torno a mandar encommendar, e vol-a-hei por mui encarregada, para que n'ella se proceda na forma que se refere⁴».

O árabe era uma língua muito usual na Índia. Os portugueses não podiam deixar de lá receber a sua influência; mais: os portugueses não podiam deixar de aprender não digo já a língua, mas pelo menos umas frases que os tornassem capazes de se fazer compreender pelos naturais; em vista do diploma régio acima transcrito o clero tinha mesmo que a aprender e para isso se fundou no século XVII uma escola em Dio⁵ e até por sinal «a cada padre que residia na casa de Dio, onde se aprende a língua arabe (se devia dar) hum larim de prata cada dia»⁶.

¹ Lisboa 1790.

² *Peregrinação*, cap. cxvi.

³ *Itinerário*, cap. xxxix.

⁴ *Documentos remetidos*, vol. I, p. 359.

⁵ *Idem*, I, p. 197.

⁶ *Idem*, I, p. 246 (carta de 28 de Março de 1608).

Uma das provas da enorme influência da língua arábica em a nossa nessa época está nisto: enquanto Roxburgh e Buchanan introduzem vocábulos indianos na ciéncia, Bumphius os malaios, os árabicos são introduzidos pelo português Garcia da Orta e pelo espanhol Cristóvão da Acosta¹.

Quem ler os nossos autores dos séculos xv, xvi e xvii encontrará, pois, uma porção enorme de neologismos de origem oriental. O árabe contribuiu com um bom número de elementos. A novidade dessas palavras deve-se às importações lexicais feitas nas populações de Marrocos e do Oriente. É um ponto de vista que tem sido pouco observado. Eis a razão por que eu considerei mais atrás de incompleto o conceito geral de *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Na realidade *açoite* e *alfageme* são tam árabes como *adixar* e *aduar* ou *benjoim* e *sarrafo*. A diversidade está na época e no local da importação. Representam três épocas diferentes, mas isso de maneira alguma lhes pode negar a origem na mesma língua.

A maioria do vocabulário recebido em Marrocos e no Oriente ainda se encontra infelizmente por colhér. É necessário ter-se a paciencia de o ir reunindo à medida que ele aparece em *leituras realizadas expressamente para esse fim*. É aborrecido e esgotante. É facto. Mais uma vez se nota a imperdoável falta de glossários relativos às principais obras literárias (e mesmo não literárias) portuguesas. Cito entre as principais as de Góis, Castanheda, Fernão Mendes Pinto², Tenreiro, para só falar das que mais directamente interessam a este trabalho.

Recolhi, pois, muitos vocábulos em obras dos séculos xv, xvi e xvii relativas a Marrocos e ao Oriente. Angariei notas do que se tem escrito sobre o *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Essas colheitas são ainda muito parciais, como era de esperar. Mesmo assim não introduzi tudo neste estudozinho porque não só não tenho explicações para tudo, mas também ele é mais uma colecção de comentários à obra de Nascentes do que propriamente um complemento.

Antes de terminar este capítulo não quero deixar de exprimir o meu enérgico protesto pelo facto de muitos estudiosos se atreverem

¹ No tratado de las *Drogas y Medicinas de los Indios Orientales*. Burgos, 1578. Estas informações colhi-as no Hobson-Jobson, Introductory Remarks, p. xvi.

² Há um da obra de F. M. Pinto, feito por Gonçalves Viana; ainda está infelizmente inédito. Guarda-se na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa. Mais manuscritos lá existem do grande filólogo. Quando se publicarão?

a lançar aos prelos novas edições de obras antigas relativas ao Oriente, quando não estão à altura de compreender o assunto, visto que a sua especialidade não é essa. Não exemplifico por razões facilmente comprehensíveis. Daí resulta o aparecimento de muitos erros lamentáveis. No corpo do meu trabalho alguns indico. Em alguns casos até introduzo palavras que ocorrem em certas edições mas que... não existem. São produto de fantasias dos editores. Estão neste caso *catua* e *carrafo*, por exemplo.

III

Os estudos arábicos em Portugal. Alguns trabalhos estrangeiros

Portugal tem tido orientalistas. Vasconcelos Abreu, Esteves Pereira, David Lopes, Rodolfo Dalgado, são nomes amiúde citados por estudiosos de todo o mundo e ecoam aos ouvidos embevecidos dos portugueses, que infelizmente só os podem em geral apreciar... pelos elogios alheios.

Poucos têm aparecido por cá que possam dizer qual o valor de cada um deles na justa medida. Compreende-se: em Portugal nunca houve orientalismo no sentido científico da palavra.

Os estudos árabes têm sido algo profundos, mas nunca surgiu o interesse suficiente para se formar a escola. Frei João de Sousa e Frei José de Santo António Moura representam uma fase já bem adiantada dos estudos pessoais, mas sem que o plano em que se encontraram tenha apoios seguros para trás e mesmo para diante. Como Frei Vicente Salgado, são apenas uma consequência da reforma de Pombal, que neste ponto não reformou, mas criou.

Antes é quase o silêncio, embora já o próprio Fernão de Oliveira não ignorasse a influência da língua árabe na portuguesa¹.

¹ «E não so latinos (os elementos lexicais do português) mas gregos / arrabigos / castelhanos, franceses...», *Gram.*, p. 65; «Dições comuns chamamos aílias que em muitas línguas servem igualmente: e o tempo em que se mudarão dhña língoa para outra; fica tão lôge de nos que não podemos facilmente saber de qual para qual língua se mudarão: porq assi as podião tomar as outras línguas da nossa / como a nossa dellas: como alfayate, Almoxarife, alguidar: almo-creve. E muitas outras dições começadas nesta sylba al. as quaes dizem que são mouriscas...», *idem*, pp. 68-69.

Duarte Nunes de Leão também observou essa influência. Quem um dia ler a sua *Origem da Língua Portuguesa* lá encontra alguma cousa a esse respeito¹.

Frei António Baptista foi um bom conhecedor da língua árabe... mas não se preocupou com o grande filão que daí resulta: a influência na portuguesa. Deixou-nos de principal umas boas *Instituições da Língua Arábica*, publicadas em 1774.

Frei João de Sousa deixou-nos uns *Vestígios da Língua Arábica*². É o primeiro estudo sério sobre o assunto. Apareceu em 1789. Regular nos nomes comuns, é péssimo para os nomes dos sítios. Desculpemo-lo: este aspecto é muito mais difícil do que aquele e Frei João de Sousa não contava nem com os elementos actuais, nem com os processos de explorar esses mesmos elementos.

Para o Léxico serviram-lhe (e de muito) os testemunhos da Gólio e D. N. de Leão principalmente. Para topónimos a *Chorographia Portugueza* do Padre António Carvalho da Costa (Lisboa, 1706-12) e Padre Cardoso (*Diccionario Geographico de Portugal* (Lisboa, 1747-51)³. Ambos são de péssima doutrina.

Depois vem o século XIX, que quase nada adiantou sobre este assunto. Santo António Moura, sob o ponto de vista filológico, deixou-nos uma 2.ª edição (1830) dos *Vestígios*, de Sousa, onde conservou a doutrina primitiva e outros acrescentou-a para pior⁴.

Mais alguma cousa de proveitoso deixou Moura de carácter histórico. Muitos desses trabalhos jazem ainda tristemente inéditos na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Esperam pacientemente que um benemérito os entregue ao prelo para verem enfim a luz do dia. Esse estudioso que não se esqueça, porém, de lhes acrescentar umas notas elucidativas e correctivas de que bem precisam.

Além de Moura também têm inéditos na mesma Biblioteca os arabistas Frei Manuel Rebêlo da Silva⁵ e o já citado Frei João de

¹ Capítulo x.

² Cf. o que escrevi na *Bibliografia Filológica* (verbetes 72-77) acerca deste livro.

³ Cf. a propósito DAVID LOPEZ, *Toponímia Árabe de Portugal*, p. 5 e sgs.

⁴ É uma boa exceção o vocábulo *Alfâama*, de que me ocupo na sua devida altura nos *Comentários*.

⁵ Uma das obras mais curiosas é a correspondência trocada entre o Imperador de Marrocos e a rainha D. Maria II. Tem texto árabe e tradução. É o ms. 1185. Embora trate de questões de nulo interesse filológico, tem algum histórico.

Sousa¹. Nestes a importância para o meu ponto de vista é deminuta, mas julgo que isso não pode explicar o desprêzo a que têm sido votados.

Frei José de Santo António Moura, como aliás a maioria dos arabistas, preferiu a tradução e a História à Lingüística. A sua *História dos Soberanos Mauritanos* é uma versão portuguesa do famoso *Cartaz*; ninguém desconhece, decerto, também as interessantes *Viajens extensas e dilatadas do célebre árabe Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta*².

A chamada *Ciência Arábico-Académica* representada por António Caetano Pereira mostrou grande actividade em acusar Herculano de não saber árabe. A aliás fundada acusação de que o autor do *Eurico* só se utilizava de traduções quando pretendia citar obras de autores árabes julgo que devia ter como consequência o fornecer a Herculano a aos estudiosos em geral de então versões dos autores árabes. Era natural e digno, mas nada apareceu, infelizmente, e não só na época mas ainda até hoje, e já lá vão bastantes anos. Continuamos a servir-nos de traduções alemãs, inglêsas, francesas e espanholas.

Apesar disso Herculano defende-se com aquele quási indômito fervor de que só são capazes os ascetas da ciência, cujas almas, para muitos selváticas ou pelo menos isentas de sensibilidade, mostram afinal que a sensibilidade doentia de certos críticos é nêles (os criticados) uma sensibilidade mais nobre porque é a da honra; ela dobrará a cerviz perante a verdade insofismável dos factos, mas jamais arrepia caminho cobardemente diante dos argumentos falsos dos pseudo-sábios.

O acusador de Herculano não teve a coragem de encimar o seu folheto com todas as letras do seu nome; preferiu as iniciais; não estava na posse da presença de espírito suficiente para mandar directamente ao autor da *História de Portugal* um exemplar. Foi preciso que Silva Túlio lhe fizesse chegar um às mãos. Pretendendo dar foros de verdade ao milagre de Ourique³ não teve outra acusação

¹ Frei João de Sousa tem obras de carácter numismático (ms. 1402) e de crítica literária (1385).

² Existe na Biblioteca da Academia das Ciências um exemplar com o texto árabe à margem do manuscrito. Julgo que esse trabalho se deve ao próprio Moura.

³ Houve quem mais tarde quisesse voltar à liça com êste assunto e a outros a ele ligados, mas todos já velhos e de há muito postos de parte. D. ÁVIO LOPES correu em defesa do que escrevera e na de Herculano e deu-nos «A batalha de Ourique e Comentário leve a uma polémica», separata da *Biblos*, III, n.º 11 e 12.

mais segura e mais digna do que *Herculano não sabia árabe*. A resposta em breve apareceu:

O eruditíssimo académico meu adversário declara-me inhabilitado para escrever a história do domínio mussulmano na Espanha, porque não sei árabe.

Pois então dou-a por não escripta. Largo o título de historiador; mas consolo-me com a boa companhia. Masdeu, Noguera, Ferreras não sabiam árabe; Barros não sabia o sanskrito; Raynal não sabia as línguas bunda, tupinamba e iroquesa, Bossuet não sabia as setenta e duas línguas da terra de Babel.

O autor do opúsculo passa a demonstrar como eu não sei árabe. Não era preciso: nas notas do meu livro estou mais do que confesso. Nunca citei um texto escripto nessa língua, que não dissesse de que tradução me tinha valido¹.

Na realidade os historiadores citados ignoravam essas línguas; as traduções estrangeiras dessa época nem todas eram dignas de confiança. Cite-se o exemplo bem frisante de Conde, de quem Herculano alguma influência recebeu². Essa influência perniciosa notou-se não só nas questões propriamente históricas, mas também em matéria filológica.

Uma análise à obra de Herculano sob este ponto de vista estava destinada a um estudioso que acabava de aparecer no mundo científico.

Trata-se do professor David Lopes.

Por ocasião do Quarto Centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia a Sociedade de Geografia de Lisboa fez uma porção de eruditos publicações comemorativas do brilhante feito dos portugueses.

O arabista português alguma cousa publicou também. A *Crónica dos Reis de Bismaga* (1897), a *História dos Portugueses no Malabar* (1897) e os *Textos em Aljama Portuguesa* (1897)³ são obras que o orientalista (historiador ou filólogo) não pode perder de vista. Todas são precedidas por suculentas notícias históricas. As obras em si, além da importância intrínseca, têm a indiscutível quali-

¹ *Opúsculos*, vol. I, p. 190 (4.ª edição).

² Veja-se a propósito o pequeno estudo de A. BOTELHO DA COSTA VEIGA «Análise da Influência do Arabista Conde, sobre Herculano», na 1.ª edição da *História de Portugal*, Exerto do vol. I, t. II (no prelo) dos *Estudos da História Militar Portuguesa*. Lisboa, 1936 (*sic*).

³ No momento em que escrevo prepara-se uma bemvinda 2.ª edição.

dade de tirarem da escuridão dos arquivos o ineditismo dos originais: a 1.^a é um texto português do século XVI; a 2.^a é a versão árabe e respectiva tradução da obra do historiador Zinadim; a 3.^a é a revelação dum género literário que se julgava inexistente em Portugal na Idade Média, mas que tem a sua representação nos princípios do século XVI: a *Aljâmia*. Estes documentos estavam (e estão) encerrados na Torre do Tombo; julgo que mais nada lá haverá, a não ser uns outros, mas em árabe, que Frei João de Sousa publicou em 1790 sob o título: *Documentos árabicos para a história portuguesa copiados dos originais de T. T... e vertidos em português*¹.

Os estudos do Prof. David Lopes são de carácter histórico e filológico. A *História de Arzila e os Portugueses em Marrocos*² atestam, entre outros trabalhos, a actividade do historiador. *Os Árabes nas Obras de Herculano* (1910)³ e uns pequenos trabalhos dispersos⁴ fazem ver a faceta linguística do estudioso. Em 1936 publicou um novo trabalho: *A Expansão da Lingua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, ao qual me referi mais acima.

Quanto aos estrangeiros foi Engelmann quem iniciou a coleção. O seu *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés*⁵ de l'Arabe apareceu em 1861; em 1869 publicou-se uma nova edição correcta e aumentada por Dozy. A doutrina desta obra é regular. Melhor a do anotador do que a do autor; mas isto não quer dizer que em certos pontos a dêste não seja superior. É uma obra que pode ser consultada com alguma segurança, mas antes de se utilizar a sua doutrina deve-se banhá-la profundamente numa sagaz crítica. Além dos seus autores não serem peninsulares, de conhecerem mal as línguas hispânicas, há ainda a acrescentar o facto de escreverem em meados do século XIX. Um dos maiores defeitos desta obra está nas transcrições, quase sempre em absoluto desacordo com as normas da Fonética Hispano-Árabe. Pois apesar disso quase todos os estudiosos portugueses se servem delas sem escrúpulo!⁶

¹ Cf. J. MARTINS DA SILVA MARQUES, *Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, p. 57.

² Separata da *História de Portugal*, de Barcelos, vols. III e IV.

³ Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vols. III e IV.

⁴ Tais como: «Cousas árabe-portuguesas», separata do *Bol. de Seg. Clas.*, vol. x, «Toponymia Árabe de Portugal», idem da *Revue Hispanique*, tome ix; «Toponímia Árabe de Portugal», idem da *Rev. Lusit.*, xxiv; «Alguns vocábulos Árabe-Portugueses da natureza religiosa, étnica e lexicológica», idem da *Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, etc., etc.

⁵ *Dérivés*, não *tirés*, como diz NASCENTES na «Bibliografia» do *Dicionário*.

⁶ Cf. o capítulo «Da transcrição».

É estranho!

Não os surpreende um certo número de particularidades que tornariam impossível a evolução a adoptarem-se como boas as transcrições que aqueles autores utilizaram.

Nascentes, como veremos, também escorregou nestes *grandes nadas*.

O outro trabalho estrangeiro que é necessário conhecer é o *Suplemento ao Dicionário de Littré*. Denomina-se *Dictionnaire Etymologique des mots d'origine orientale (Arabe, Hébreu, Persan, Turc, Malais)*. Foi publicado em 1876 e o seu autor é Marcel Dévie. A doutrina não é má, mas (cá estamos!) cautela com as transcrições.

Em 1886 aparece o *Glossario etimológico de las palabras españolas (castellanas, catalanas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental*, da autoria de Eguilaz e Yanguas. É uma continuidade de etimologias mais ou menos fantásticas. Apesar de ter sido publicado um século antes (1787), oferece muito mais segurança o *Dicionário Español-Latino-Arabigo* de Fr. Francisco Cañes.

Fokker, ao publicar no *Zeitschrift für romanische Philologie*¹ o seu estudo «Quelques mots espagnols et portugais d'origine orientale, dont l'étymologie ne se trouve pas ou est insuffisamment expliquée dans les dictionnaires», não fez mais do que dar mais uma contribuição para alongar a lista das obras onde os erros se contam amiúde e que ninguém pode consultar com confiança.

Para assuntos relacionados com o árabe e com outras línguas orientais mais digno de confiança é o *Glossário Luso-Asiático*, de Sebastião Rodolfo Dalgado (1910-21). Nos seus dois volumes o autor encerrou uma numerosa documentação, colhida em boas fontes. Só este facto bastaria para se poder fazer uma idéia do tempo e do trabalho que esta obra custou. Dos ensinamentos numerosos que o autor fornece muitos há que não são seguros e outros não soube resolver, mas que lá aparecem. Na minha opinião fez bem: é uma lacuna que ele apresentou e que os outros podem ao menos tentar resolver. A ele cabe a honra de a ter mostrado.

Dalgado na sua documentação de passos abonatórios e da doutrina teve sempre presente uma obra que, embora nem sempre o confessasse, de muito lhe serviu: o *Hobson-Jobson*.

Este livro², da autoria de Yule e Burnell, é um autêntico monumento de erudição e de citações. Os seus autores tiveram o cuidado

¹ Vol. xxxiv, p. 560 e sgs.

² Para o título cf. *Bibliografia*.

de ilustrar cada vocábulo estudado com passos abonatórios de escritores das cousas do oriente. Os mais citados são os portugueses, principalmente Camões, Castanheda, Barros e Godinho de Heredia.

As línguas orientais que parecem conhecer são, além do árabe, o persa, o malaio e o industânico, principalmente.

Todo o orientalista deve ter êste livro na sua estante, assim como aquele que pretender estudar a fundo os nossos quinhentistas sob o ponto de vista filológico.

Bastas vezes me sirvo dôle e quâsi sempre me fornece uma boa informação.

O seu prefácio constitue um motivo de orgulho para nós, portugueses, porque lá se diz bastante sobre a expansão da nossa língua. Essas informações não são deslocadas: será por elas que o investigador menos versado nestas cousas compreenderá a razão de ser de tantas palavras portuguesas que aparecem no corpo da obra como vulgares no Oriente.

A Academia Espanhola tem desde há muito o seu *Dicionário*. As suas edições caminhavam a tôda a pressa para a segunda dezena.

Uma das suas principais fraquezas é constituída pelos elementos arábicos. Ninguém deve consultar êste dicionário como tira-teimas ou na ânsia de informes seguros. O resultado não seria dos melhores. Era bom que se fizesse para esta obra o mesmo que eu faço à de Nascentes, com uma diferença: era necessária muito mais competência, que me falta não só para a do erudito brasileiro, como principalmente para a da douta Academia Espanhola.

Em 1927 saiu em Heidelberg a obra de Lokotsch (*Etymologisches Wörterbuch der europäischen Wörter orientalischen Ursprungs*) que mal conheço, pelo que me abstendo de comentários.

E é êste o principal material com que conta o estudioso das *cousas* vocabulares árabes no português. Pouco de portugueses, mais de estrangeiros, mas êste ou é antigo ou pouco seguro.

Foi diante destas circunstâncias que se viu Antenor Nascentes quando pretendeu recolher arabismos para o seu *Dicionário*.

Por isso urge um trabalho de revisão e de acrescentos à sua obra; mas justo ainda seria comentar as obras anteriores sob o aspecto de simples crítica (como faço agora com a obra de Nascentes) ou sob a forma de reedições *correctas e aumentadas*.

Depois de 1927 no campo puramente vocabular apenas acho digno de menção especial (pelo menos no que eu conheço) o trabalho do Prof. Max Leopold Wagner *Sobre alguns arabismos do por-*

tuguês¹. É um trabalho excelente: além de boa documentação tem doutrina segura.

Para a parte fonética há já a *Contribución á la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano*, do Prof. Arnaldo Steiger². Mas também é de um estrangeiro. É uma pena este nosso desprêzo por um assunto tão interessante como mal estudado.

Estes dois últimos trabalhos, principalmente o primeiro, apenas têm importância no meu trabalho como complemento à obra de Nascentes. O autor do *Dicionário* não os podia ter conhecido a tempo, pela simples razão de serem posteriores ao aparecimento da sua obra.

IV

Os comentários a alguns arabismos do Dicionário de Nascentes

Já por várias vezes me tenho referido elogiosamente ao importante trabalho do professor brasileiro. Embora o seu valor seja indiscutível, isso não quer dizer que esteja isento de defeitos. É natural. Cumpre emendá-los para bem da Ciência e da obra de Nascentes. Já algumas tentativas têm sido feitas, mas quase todas pecam por violentas ou amesquinadoras. Como exceção não posso deixar de citar a crítica feita nas páginas do *Boletim de Filologia*³ pelo Prof. Rebêlo Gonçalves. O filólogo português ocupou-se principalmente dos helenismos; fê-lo sorenamente e com os profundos conhecimentos de que dispõe sobre o assunto.

A uma obra como a de Nascentes toda a crítica deve ter em vista sobretudo apontar os deslizes, que não escapam a ninguém, e acrescentar-lhe o que se disse depois, isto é, actualizá-la.

Um dos pontos mais desfeituosos do *Dicionário* de Nascentes é, como noutras trabalhos citados antes, o que diz respeito aos arabismos. Em resumo pode-se dizer que sob este ponto de vista peca principalmente pelo que passo a indicar:

a) *Tem más transcrições.* — Numa obra onde as palavras árabes não nos são apresentadas no tipo próprio, o seu autor devia esfor-

¹ Saíu na *Biblos*, x, pp. 427-453 (1934).

² Madrid, 1932. *Rev. de Fil. Esp.* Anejo xvii.

³ Vol. II, p. 282. Nascentes respondeu na mesma Revista, vol. III, p. 323.

car-se por resolver este grande problema o mais uniforme e satisfatoriamente possível.

Neste ponto com alguma cousa contava: o Dr. David Lopes já nos deu um bom quadro de transcrições nos seus *Textos em Aljamiado Portuguesa*. Outro nos deu nos *Árabes nas Obras de Herculano*, mas prefiro o primeiro: é mais claro e os caracteres ai utilizados são facilmente compreendidos por qualquer. O outro tem muitos de forma estranha. Apesar disso há uma cousa com que discordo no sistema apresentado nos *Textos*: a transcrição do س e do ح que o Mestre transcreve por s e ss, respectivamente⁴. Quem vir transcritos desta maneira aqueles fonemas árabes há-de tê-los como se existisse em árabe um som correspondente ao s português, o que não se verifica. Daqui um êrro de Fonética ao pronunciar-se uma palavra árabe. Há ainda a acrescentar o facto de certos fonemas igualmente árabes serem transcritos com um s e... em português geraram ç, como قصٌّ que se transcreveria (adoptando esse sistema) *assot* e em português é *agoute*. É um facto que parece muito estranho. Nascentes ressentem-se muito disso. As transcrições daqueles fonemas são sempre feitas com ss.

Em Nascentes não devia ter concorrido para isso o sistema do Congresso, mas sim os adoptados por Dozy (portanto por Engelmann também) e Eguilaz. Nem sequer usa um diacrítico ou outro qualquer sinal para distinguir o س do ص; por isso a influência de espanhóis e franceses no seu trabalho é notória. Quando outro não existisse, este facto bastava para o demonstrar muito à vontade,

Outro erro vulgar nas transcrições é no que toca ao *ش*. Representa-o quase sempre por *sh*, quando o português tem o excelente *x*.

Tanto o ζ como o \bar{z} são sempre K . Não os distingue.

Tudo isto impossibilita o estudioso de reconstituir as formas árabes pelas transcrições do *Dicionário*.

b) *É incompleto.* — Incompleto em vocabulário e incompleto em obras consultadas. Bem sei que o fim último de Nascentes na sua obra é *dar a conhecer de entre o que se tem dito o que é consequiu-*

⁴ É o sistema de transcrição legislado pelo Congresso Internacional dos Orientalistas realizado em Genebra nos fins do século passado. Esse sistema foi elaborado à revelia das nações que nêle maior influência deviam ter tido: Espanha e Portugal, isto é, aquelas que na Europa estão em melhores condições de apresentarem a sua opinião em consequência da influência árabe que as suas línguas receberam: a Espanha, na Europa e África; nós na Europa, África e Ásia. Uma dia, se puder, hei-de tratar d'este assunto com maior largueza. Cf. o capítulo «Da transcrição».

angariar, isto é, o seu *Dicionário* é uma espécie de *Bibliografia* do vocabulário português (dentro do que lhe foi possível, claro está).

Foi uma bela idéia, que é da maior utilidade para quem trabalha só nos poucos momentos de ócio que a luta pelo pão lhe consente; nele encontra num instante uma porção de informações que talvez não conseguisse em alguns meses. Isto representa um grande auxílio, mas só para os já largamente iniciados. Aos principiantes porém traz contrariedades: além de alguma doutrina mal revista¹, tem o inconveniente de em certos casos trazer muitas informações que não comenta.

O principiante ante essa série de citações cruza os braços e muito naturalmente hesita.

«O que há-de fazer?

Ou se dirige aos mestres ou começa a perder um tempo infinito a investigar por conta própria o que a obra podia trazer já resolvido. Num ou outro caso o *Dicionário* é posto de lado, o que decerto não aconteceria se aparecessem os tais comentários, que, bons ou maus, não deixavam de ser para os principiantes a opinião duma pessoa autorizada a fazê-los e valeriam como tal na balança da sua consciência.

Em alguns pontos encontra na obra doutrina que não pode compreender. O mestre explica-lhe doutra maneira; noutros surgem-lhe casos com que ele próprio não concordará. Os dois aspectos fazem vibrar no seu espírito a veia quixotesca do deserdito que o leva a ser injusto com o precioso *Dicionário*.

Entre as obras que Nascentes esqueceu ou não pôde consultar para os arabismos lexicais e que foram publicadas numa época suficientemente atrasada para Nascentes as poder folhear e utilizá-las no *Dicionário*, cito o útil *Hobson-Jobson*, que em muitos passos o esclareceria, e a obra de Brunot *Noms de récipiens à Rabat*². *Os Árabes nas Obras de A. Herculano* e a *Toponímia Árabe de Portugal*³ do Prof. David Lopes também faltam. A primeira foi manuseada, porque o autor a cita s. v. *agoteia*, mas julgo que muito ligeiramente, porque

¹ O *Dicionário* foi revisto à pressa com toda a certeza. Assim, por exemplo, s. v. *Boaba*, lê-se: «Larousse afirma que o voc. significa árvore de mil anos, mas diz em que língua». É evidente que entre *mas* e *diz* falta *não*. Cf. ainda o que digo s. v. *almeida*, onde aceitou (como noutros locais) uma etimologia para a qual logo a Fonética é suficiente para a fazer pôr de lado.

² Publicada na *Hespéris*, t. 1, pp. 111-140.

³ Refiro-me às duas obras publicadas pelo mestre sob este título: uma na *Revue Hispanique*, t. ix; a outra no vol. xxiv da *Revista Lusitana*.

certos pontos, que lá vêm estudados duma maneira excelente e até definitiva, ao serem tratados no *Dicionário* não acusam a mais pequena influência dessa preciosa obra, de que se necessita uma 2.^a edição.

É igualmente incompleto êste *Dicionário* na *distribuição dos elementos por origem*, onde não cita as palavras gregas entradas pelo árabe. Não se encontram nem sob a rubrica de *Árabe* nem na de *Grego*. Daqui resulta que as percentagens, conforme já o fiz sentir duas vezes ao autor¹, são arbitrárias. Faltam nessa lista mesmo alguns vocábulos de origem indiscutivelmente árabe, embora o autor tenha injustificadas dúvidas, como *almeida* e *saloto*, por exemplo.

Sob o ponto de vista vocabular alguma causa acrecento neste trabalho, mas fá-lo-ei mais largamente noutro que tenho em preparação.

Quero ainda dizer que algumas das palavras que faltam no *Dicionário* são bem importantes, como *alcalde*, *alcraão* (tórre), etc.

Quanto aos arabismos recebidos em Marrocos e no Oriente o *Dicionário* quase nada tem; alguns acrecento, mas não muitos, porque saia do caráter de complemento para entrar no de inconveniente insistência.

Nascentes raramente abona um vocábulo; isso viria alargar o seu trabalho e parece-me desnecessário (embora uma abonação nunca o seja) porque geralmente não cita palavras desconhecidas dos mais vulgares dicionários.

Nestes comentários preferi dar abonações em alguns casos. Não para dizer que Nascentes também o devia fazer, mas simplesmente para documentar a minha doutrina. Como se trata de um trabalho especial e não geral como o *Dicionário*, julgo que elas ficam bem. No *Dicionário* os passos abonatórios avolumam e podem passar como desnecessários; aqui julgo que não.

c) *Na maioria dos casos apresenta a palavra, a respectiva etimologia (transcrição, claro está) e em geral... nada mais.* — Não diz pois onde foi buscar a doutrina. O consultante fica sem saber a quem se deve a explicação. Era uma lacuna que não custaria muito cobrir durante a colheita de verbetes; uma abreviatura bastava. Deste modo a responsabilidade de qualquer deslize estava salvaguardada, pois ela não lhe seria atribuída, mas sim aos seus autores; mas assim cabe-lhe toda (pelo menos no grande número de passos onde isso sucedeu). Dozy foi talvez o mais esquecido.

d) *Nascentes aceita geralmente sem discussão as doutrinas; não se preocupa se são boas ou más.* — Há alguns casos onde cita sem

¹ Na *Bibliografia Filológica*, verbetes n.^o 280-285, e em carta particular.

um comentário autênticos erros de palmatória. O que mais me arripiou foi o caso de *Alfama*. Ressente-se quase sempre do que eu disse no § b: não consultou algumas obras publicadas muito antes de começar a redigir o *Dicionário*¹. Mais casos se observarão como este nos comentários. Por esta e outras circunstâncias se parece despreender que Nascentes julgou os arabismos assunto de somenos importância e por isso ligou mais importância aos vocábulos de outras origens. No campo arábico parece que pôs em mente procurar na seara o que nela havia de joio.

*

O meu trabalho não é evidentemente exaustivo. Correspondo apenas a isto: às possibilidades fracas de um principiante que tem o desejo de fazer alguma cousa de útil para o maior número (já que não pode ser para todos) dos que se interessam por estes assuntos.

Não comento evidentemente todos os arabismos do *Dicionário*, mas, como digo no título do trabalho, apenas *alguns*. Compreende-se a razão: se alguns há que não precisam de comentários, alguns há também que não sei comentar.

Outros há ainda onde porventura não chego a uma conclusão definitiva, mas as considerações que aí fiz servem apenas ou para tentar dizer alguma cousa de novo (principalmente sugestões), ou para mostrar a minha relutância pelas explicações que têm sido apresentadas.

*

As observações que eu pretendi primitivamente fazer ao *Dicionário* não se limitavam só aos arabismos; alargavam-se muito mais, pois eram destinadas a todo o léxico de origem oriental. Era demais. Era um idealismo tal que, dadas as condições presentes, não tardou a chamar a indispesável desilusão. No entanto essa crítica preparo-a, mas não a prometo para não faltar.

Pretendi tanto quanto possível basear-me no que há escrito. Completo assim o *Dicionário*, ao mesmo tempo que o emendo quando tal seja necessário.

¹ Insisto em afirmar que me refiro só a obras publicadas muito antes do aparecimento do *Dicionário*, para não cair no gênero de afirmações de EDUARDO DE LISBOA. No seu livro *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW* querer este autor que Nascentes consultasse obras ainda não publicadas quando começou a redigir o seu monumental *Dicionário*.

Para isso citei obras anteriores, coevas e posteriores à publicação do *Dicionário*, mas evidentemente que para as últimas Nascentes está fora de qualquer responsabilidade, como seria quase desnecessário dizer¹.

É natural que num ou noutro ponto apareça doutrina minha e que ela constitua novidade. Esperemos até ver como ela será recebida, tanto mais que este trabalho é ponto de partida para outro de maior fôlego, como já disse.

V

Da transcrição

Fiz os possíveis por apresentar todas as formas árabes, persas e turcas (porque algumas aparecem) nos seus caracteres próprios. Julgo que o consegui.

Mas, por um lado porque nem todos conhecem esses caracteres e por outro porque isso corresponde a uma necessidade científica, transcrevi-os.

Eis o quadro de transcrições que adoptei:

ا	a, e, i	ب	d
ب	b	ت	t
ت	t	ث	z
ث	th	ڻ	c
پ	persa-turco p	ڙ	g
ج	j	ڙ	f
ڙ	h	ڙ	q
ڙ	ڙ	ڙ	marroq. gh
ڦ	persa ch	ڪ	k
ڦ	d	ڦ	persa ڦ (român.)
ڦ	dh	ڦ	l
ڦ	r	ڦ	m
ڦ	z	ڦ	n
ڦ	ڦ	ڦ	h
ڦ	x	ڦ	u
ڦ	ڦ	ڦ	i

¹ Cf. nota anterior.

Este meu sistema será porventura mais um para alargar o número já grande de processos de transcrições.

O que éste meu processo (que não considero definitivo) traz de novo e de melhor sobre o mais usual é sem dúvida uma melhor interpretação da fonética árabe e das línguas hispânicas que da língua arábica receberam grande influência e que por isso mesmo jamais deviam ser postas de lado ao pretender-se organizar um sistema de transcrição.

Eis, pois, uma tarefa que se impõe: um quadro de transcrição para português dos fonemas arábicos. É uma tarefa mais difícil do que pode parecer à primeira vista, porque, antes de mais, era necessário marcar um atalho numa floresta de sistemas. A estrada apareceria mais depressa.

O sistema que dou aqui não é completo, nem pretensioso, nem definitivo no que apresenta. Corresponde mais ou menos às necessidades d'este trabalho, feito à pressa.

Não pretendo agora alargar muito o meu trabalho e por isso reservo para esse estudo os comentários que me merecem os sistemas que até agora têm sido tornados públicos.

Resta-me só agora dizer alguma cousa acerca d'este meu sistema:

Não adoptei o péssimo processo que foi legislado, e por muitos seguido, de reproduzir *sempre* o *l* do artigo, mesmo diante das *letras solares*. Segundo êsses o artigo *al* aparece sempre transcrita intacta e não de outro modo. Daqui resulta que nós, os peninsulares, observamos boquiabertos, em livros e revistas da maior responsabilidade científica, artigos assinados por nomes célebres entre os maiores orientalistas cousas como estas: *alsusana* (*sic*), *alsude* (*idem*), *alsote* (*idem*), *alsoq* (*idem*), *aldalil* e outras enormidades. Quem seja pouco versado nestes assuntos acreditaria que a assimilação *l + s*, *l + d* se teria realizado já no romanço, o que não é exacto.

Noutros exemplos a responsabilidade ainda é maior: quem vir a transcrição *aldabba* e não fôr especialista escapa-lhe o importante fenómeno fonético que se observou na forma portuguesa ali originada, que é *aldraba*. O *al* é o artigo arábico, comentar-se-á muito simplesmente. O mesmo sucederá com *aldeia*.

¿Que dirão os árabes se souberem disto?

Que é tudo menos a sua língua.

Na realidade assim parece e a razão é simples: confundiu-se transcrição com transliteração.

Mas a novidade principal está nas transcrições do س e do ح que em geral são feitas com *ss*. É mais um galicismo que urge es-

corraçar quanto antes e no qual Nascentes caíu sempre. É um processo defeituosissimo. Vejamos porquê:

Como se sabe, na Idade Média fazia-se em Portugal distinção entre *ss* e *çç*. Se se vir *السترق* transerito por *assōq*, como se poderá entender no português a forma arcaica e moderna *oçougue* e no espanhol *zoco*?

Além disso a articulação dos fenómenos árabicos não corresponde aos *ss* românicos, mas sim *çç*.

Mesmo que o meu sistema tenha adeptos em Portugal ninguém deve temer dificuldades lá fora: o *ç* não é estranho às outras línguas da Europa, pois, mesmo no caso de nem todas o possuírem, note-se a feliz circunstância de em todas elas se conhecer a francesa, onde ele existe.

Nascentes transcreve geralmente o *ç* por *kh*. É o processo francês. É um caso dos mais extraordinários que conheço; a entidade que legislou esse sistema preconizou dois processos de transcrição daquele fonema: ou *kh* ou *h*. Evidentemente que o segundo é muito melhor. Pois o outro é que frutificou. Não admira: foi a que os franceses adoptaram, portanto cá também se usa e sem mais discussão.

Essa transcrição no entanto não está certa para nós, portugueses, que conhecemos a evolução para *f* desse fonema no período medieval da língua (cf., por exemplo, *alface*, de *الخس*). Embora essa transcrição seja a melhor para *aleaz* (*الخنزير*) e para outras palavras entradas tarde nos léxicos peninsulares no Andaluz e no Oriente em especial, eu prefiro *h* por ser não só mais idêntico ao fonema árabe, como melhor para explicar a evolução para *f* no português ou *h* no espanhol. *Kh* seria bom para transcrever, por exemplo, o *ç* ou o *ك*.

Como pode o som *kh* dar *f*?

Julgo que é impossível, a não ser que voltemos aos bons tempos de Budé.

Se não fosse o *ç* eu preferia transcrever o *ç* por *j* com indicação de que este correspondia ao espanhol, visto que as suas articulações são muito próximas.

Posto isto, vamos aos comentários.

A

Abelmeluco. — É costume transcrever-se o artigo árabe por *el*. É um galicismo que urge escorraçar. É *al*. Veja-se, no *Dicionário*, *abelmosco*, que vem bem transcrita. (De *الملوك*, *habb al-melūk*).

Abencerrage ou Abencerragem. — A forma árabe é ابن السراج (*abn aṣ-ṣarāj*). Com *ṣṣ* e não com *ss* portanto. A tradução é, na verdade, o filho do seleiro.

Abexim. — O A. limita-se a dizer: «forma antiga de *abissínio*». No recente conflito dizia-se e escrevia-se *italo-abexim* e isto em 1936.

Abexim, largamente documentado em textos quinhentistas, é o árabe حَبْصَيْنِي (*habṣayni*). *Abissínio* julgo que veio pelo it. *abissino*.

Açacal. — É uma palavra de grande uso até ao século XVI; apesar disso não vem no *Dicionário*. De السُّقَال (*aṣ-ṣaqāl*), carregador de água.

Açacalar. — É um verbo que devia ter sido formado já no português. Como se sabe, nenhum verbo derivou directamente do árabe. Este devia ter derivado de uma forma *açacal* com o sentido de *aljáeme*, que desapareceu para não se confundir com o nome antigo do carregador de água. Nascentes derivou esta palavra do verbo árabe. Não sei onde se baseou, mas o que sei é que essa doutrina é insustentável; basta a prosódia para a derrubar. O verbo árabe é صَحْل (*ṣayala*), pulir. Não é portanto *shikal*, como se diz no *Dicionário*. *aṣ-ṣaqāl*, palavra formada daquele verbo, significa *aljáeme, bruinidor de armas*. Desta palavra se formou, na minha opinião, o verbo português.

De *açacalar* vem *açacalador*.

Açafate. — O autor, utilizando-se de obras estrangeiras, não se lembrou da diferença do português medieval entre *-s-* e *-ç-*; por isso dá como étimo de *açafate* o dr. *assafat*, quando deve ser *aṣ-ṣafat* (de السَّفَات). É um deslize freqüentíssimo na sua obra: a transcrição do س e do ص por *s* ou *ss*.

Acafalar. — Nascentes apresenta duas hipóteses: «*Kafṣ*, bitume (A. Coelho)» e «*Kafara*, ocultar (Academia Espanhola)». A primeira não é de A. Coelho, mas de Dozy; neste é que aquele foi beber. Na realidade كفر (*qafṣ*), ou كفر (*kafṣ*), significam *asfalto, betume*. Não conheço em árabe nenhuma palavra que correspondendo à grafia *kafara*, signifique *ocultar*, como querer a *Academia Espanhola*. Existe كفر (*kafara*), mas significa *ser ridículo, não acreditar em Deus; ser infiel; blasfemar*. Daqui se formou *crafre* (q. v.). *Ocultar* diz-se خَبَّأَ (*habbā*).

Damião de Góis (*Crón. D. Man.*, II, cap. 18) emprega a palavra: «Dio-godázambuja pouco, & pouco fazia creger ha obra... mandando entupir as bombardeiras antes que bas los Mouros vissem, de pedra, & barro pela banda de fora, & *acafellar* de maneira, que parecia q'era tudo igual». J. Ferreira de Vasconcelos (*Eufrosina*, p. 23) também não a desconheceu: «... quebrar o banco se me cedo nam acodis, pera *acafellar* quantas mentiras por vos digo an sehora minha comadre....». Por estes passos a palavra parece significar *tapar, murar, couraçar*. Por isso julgo mais provável a hipótese de Sousa: de قفل (*gaffala*), «tapar com pedra e cal. Deriva-se do verbo قفل *Cufala* fechar com cadeado, ou com fechadura. Na segunda conjugação; significava tapar huma porta, janella, ou fresta com pedra e cal». Esta doutrina é exaeta. *Fechadura*, por exemplo, diz-se قفل (*qufl*); *botão* é قفلة (*qafla*).

Açafrão. — De **الزعفران** (*az-zā'afrañ*), o mesmo. Nascentes não transcreveram portanto o **ع**. O **ج** não está representado excepcionalmente por **ç** nesta palavra, como disse Nunes (*Gram.*, p. 189) e se repete no *Dicionário*. O mesmo se observa pelo menos na palavra *acepipe* (q. v.).

Açaima. — Não me satisfaçõe a explicação que dá como base desta palavra o **ár.** **عَيْمَةٌ!** (*azimma*), pl. de **عَيْمَامٌ** (*zimām*).

Acedrenche. — Baseando-se também em Nunes (*Gram.*, p. 137), Nascentesacha excepcional o **ç** da palavra portuguesa porque a julga derivada de **السُّطْرُونْجُ** (*ac-xitrāñj*), quando na realidade é de **السُّطْرُونْجُ** (*aq-çitrāñj*), forma corrente da primeira que está no português *xadrez* (q. v.).

Acelga. — Q. v. o que disse em *açafate*. (De **الثَّلْكَةٌ**, *aq-thelqa*, certa hortaliça; do grego *άκαλης*; cf. Dozy e, baseado neste, Rebêlo Gonç., *Element.*, p. 21).

Acém. — A melhor explicação desta palavra não podia ainda aparecer no *Dicionário*; é-lhe posterior. Foi dada por M. L. Wagner na sua obra *Sobre alguns arabismos do Português*, p. 446. Deriva de **السمن** (*aq-çemn*), que em Marrocos significa *gordura*.

Acepipe. — Tal como em *açafrão* o **z** de **ازْبِيبٌ** (*az-zebib*) passou a **c** (= **ç**). Para o caso de o **ب** dar **p** q. v. *pataca*. A forma mais próxima do étimo é *azebibe*, que se emprega no Algarve para designar um *pingo do figo depois de seco*.

Azebibe é também o nome duma cidade na Arábia. Aparece nos nossos escritores do século XVI: «... mandava resgatar por um mercador Judeu natural de *Azebibe*», Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, p. 16.

Acéquia. — Q. v. o que disse s. v. *açafate* (de **النَّاقِفَةٌ**, *aq-ṣāqia*, rôgo, regato).

Aceter. — Q. v. *açafate*. Não sei o que levou Eguiiaz a afirmar a palavra **السُّطُولُ** (*aq-sutul*) como derivada do lat. *situla*. É possível, mas necessitava-se dum demonstração. Viterbo, baseado em Du Cange, diz que «vem do latino *ace-trum*, vaso, ou panella de cobre ou de outro metal».

Achague. — Tal como G. Viana (*Apost.*, s. v.), julgo a palavra árabe geralmente usada para explicar esta pouco aceitável, por causa do **ch** com que o nosso vocábulo sempre aparece. Cf. porém *aleachofra*. **الشَّكَا** (*ax-xakā*) daria naturalmente *axaca*, *axaque*, **ç** ou estaremos muito simplesmente na presença dum convencionalismo ortográfico? Em esp. há *achague*. Nascentes diz que Canello deriva do germânico esta palavra. Donde?

Acicate. — Acho justo o que diz Engelmann: é pouco possível a base deste vocábulo em **الشَّوْكَاتٍ** (*ax-xukāt*), pl. de **شُوكَةٌ** (*rūka*), dardo, espinho, como quiseram Sousa e Dozy e, antes destes, Cañes. Nascentes apenas citou Lohotsch; podia e devia acrescentar pelo menos os dois primeiros que consultou. Parece que não reparou também na evolução pouco possível de **ش** para **c** (= **ç**).

Esta doutrina é seguida, segundo afirma João Ribeiro¹, por Bachir José Chaul.

¹ *A Influência do Árabe na Língua Portuguesa*, p. 159.

Acitara. — Q. v. o que disse em *açafate*. **الستارة** (*aq-sitāra*) significa *cortina*, *parapeito* (Engelmann), mas Cañes também já tinha proposto esta palavra. Cf. Dozy, *Histoire*, II, p. xxxvi do «Appendice».

Açofar. — Q. v. *açafate*. De **الصفرة** (*aq-ṣofra*), amarelo, mas na Península parece que designava o *latão*.

Açoifeifa. — É na realidade de **الزفافيف** (*az-zufāifā*). O gr. **ζόφη** tem como correspondente lat. o *ziziphum* (Lokotsch, 2228). Em ár. há também **زفافيف** (*zefāzīf*). Para a transformação do *j* em *ç* cf., além de *açafata*, *açepipe*.

Açoite. — Q. v. *açoute*.

Açoteia. — Q. v. o que disse em *açafate*. De **السطحة** (*aq-ṣatḥa*), diminutivo de **طح** (*ṣatḥ*), terraço.

Açongagem. — Nascentes colheu em Egüllaz y Yanguas a afirmação de que esta palavra deriva «do ár. *assok-al-laham*». Ainda mais estranho como deixou passar sem um comentário este êrro. Bastava olhar para aquela expressão para que, quase sem raciocinar, a impossibilidade de servir de origem aparecesse. Um segundo de atenção bastava para se observar a formação portuguesa do vocábulo.

Se «não contém o suf. *agem*» como poderia dizer aparecer daquela expressão árabe? É na verdade um derivado de *açougue* (q. v.).

Acérea de palavras derivadas no português de outras de origem árabe cf., por exemplo, *alecária*.

Açougue. — Ninguém pode pôr em dúvida o êtimo dêste vocábulo: é do árabe **السوق** (*aq-ṣūq*). Esta palavra não é a tal ponto *indeterminada* que para se determinar se empregue a expressão *assok-al-laham*, como Nascentes acreditar, baseado no que se escreveu no *Glossário* de Egüllaz y Yanguas. **السوق** significa *o mercado* e para ter esta significação não precisa entrar em expressões. Em esp. a palavra *coco* testemunha-o perfeitamente.

Note-se até a feliz circunstância de Castanheda, para representar a forma árabe, escrever: «E na mesma noite surgiu com toda a frota diante do *coco*...», *Históriu*, II, p. 128. Além disso a frase *assok-al-laham* não está certa; tem um êrro de construção. **سوق الحم** (*ṣūq al-ham*) é que está bem.

Açoute. — Q. v. *açafate*, visto que Nascentes diz «do ár. *assaut*». A forma donde esta palavra deriva é **السوق** (*aq-ṣūq*). Esta é a do árabe falado, a que interessa para aqui. O único filólogo, de entre os que se têm ocupado da palavra, que ligou importância a este facto foi, que eu saiba, Cortesão, que apresentou *acot* (*Subsídios*). Dozy, Engelmann e Zauner (*Allspan*, § 37) dão a mesma forma que Nascentes. Esta, além dos *ss* por *ç*, tem ainda o seguinte defeito: apresenta o ditongo *au*. Este só aparece na forma do árabe clássico: **السوق** (*aq-ṣau*).

Açúcar. — Nascentes baseia esta palavra no «sâncer, *sarkara*, grãos de areia, prácrito *sakhar*, através do ár. *as-sukar*». A forma árabe é **السكر** (*aq-ṣukkar*). Por aqui se verifica que a sua transcrição é desiciente em dois pontos: 1.º Transcreveu por *s*, quando em árabe não há um fonema correspondente

a êste; 2.º não transcreveu como devia o ك, visto que êste tem taxe-dide. Para explicar esta palavra houve já quem apresentasse o lat. *saccharon* e o grego σάκχαρον. G. Viana (*Ort. Nac.*, p. 122) diz que «o vocábulo é de origem imediata árabe», o que para mim também não oferece dúvidas, e são as origens imediatas que interessam principalmente em casos como o presente.

Açucena. — Tem o erro habitual: ss por çç. Neste artigo há a agravante de pôr ao lado a forma esp. *azucena*. Além disso as quantidades não estão bem: é *aq-ṣūqāna* e não *aq-ṣuqāna* (usando a melhor transcrição).

Açude. — De العَدَد (aq-*qudd*). Q. v. o que disse em *açafate*.

Adarve. — O étimo que Nascentes apresenta é *addirb* (الدرب). Está certo. A hipótese é de Engelmann; em 1936 Isidro de las Cágigas (*Rev. de Fil. Esp.*, xxiii, p. 63) confirmou essa hipótese abonando-a num passo do *Tarij Iftitah Al-Andalus*, de Ibn Aleutya. Engelmann não conhecia exemplos da palavra.

Adela. — Nascentes não inclui esta palavra; apresento-a por causa de *adelo*.

Vem de الْدَّالِّة (ad-*dalâta*), feminino de الدَّلَّ (dalâl), corretor. Houve haploglossia.

Adelfa. — A doutrina é de Dozy (de الْدَّفَلَى, *ad-deflā*, aloendro). Cañes tirou de الْدَّلَلَى (ad-*dallâ*). En só consegue a primeira forma.

Adelo. — Masculino de *adela* (q. v.).

Adiá. — Q. v. *odiá*.

Adiafa. — العَيْفَافَة (ad-*diâfa*) significa na realidade *banquet*, mas primeiramente era *hospitalidade*; passou depois a designar aquilo por que esta se manifesta. Segundo Estanco Louro (*Mon. de Aljoretel*) é o banquete que se oferece aos operários depois de certos trabalhos, como a *ceifa*. No séc. xvi aparece a forma *diefa* nos *Anais de Arzila*, de Bernardo Rodrigues (p. 205).

Adibe. — Bem em Nascentes. A forma ár. é الدَّبَّ (adh-*dhib*), lobo, chacal. A palavra foi explicada por Dozy. A palavra não era desconhecida na Península antes da viagem à Índia e é muito usual na Índia Portuguesa. Os *adibes* andam em bandos, vivem em côro durante a noite nos montes e infestam as capoeiras e os canaviais. Diz-se que seguem a pista do tigre que fez presa, para apanhar os restos desta.

Cf.: «... outras sortes de bichos & animais de natureza mais fraca, como saõ veados, porcos, bogios, *adibes*, monos, raposas, & lobos, o que todos estivemos vendo como muito gosto...», F. M. Pinto, *Peregrinação*, cap. LXXIII; «... entrou naquela cerca em que averia ate mil & quinhentas cabeças de alimarias, s. veados, gazelas, carneyros, bodes brauos, vssos, *adines*, lobos, & porcos...», Castanheda, *História*, III, cap. 146¹.

Adixar. — Falta no *Dicionário*. De المُدَخَّر (ad-*dixar*), «Aldeia, povoação feita com materiais de construção», David Lopes, *Anais*, I, p. 113, nota. Opõe-se-lhe o *aduar* (q. v.).

Adoba ou Adova. — Nascentes deriva do «ár. *addaba*, instrumento de ferro, ferrolhos». A fonética não facilita esta explicação porque a árabe só passa ge-

¹ Dalgado ao citar êste passo dá-o erradamente como no cap. 147.

ralmente a o quando precedido de r e seja longo: *Marrocos* de مراكش (*marrākax*); *xarope* شراب (*xarāb*), etc. A palavra apontada passou para português: deu *aldraba*. Nascentes não fez pois mais do que seguir a doutrina do *Dicionário da Academia Espanhola*. Portanto na minha opinião a etimologia deve estar noutro ponto. ¿Será em توبه (*tūba*), *conversão, contrição, penitência?* A ser esta a etimologia (a que a fonética não se opõe) a palavra passou ao sentido de grilheta por se lhe atribuir o condão de converter ou penitenciar os criminosos¹. Um passo abonatório: «... e estando nós em a dita cidade ho mandaramos trazer a prisom da nossa corte (e) jazendo em ella abrira hūu ello *dadoua* que tinha e sse saíra pella porta que achara aberta sem quebrar outra cadea nem prisom...», *Doc. rel. a Marrocos*, I, p. 241.

Os presos podiam estar ou sómente agrilhoados ou encarcerados nas enxovias. No primeiro caso estavam na chamada *casa da adora*, porque ali estavam ligados a essas cadeias; eram os que tinham cometido delitos mais leves. Os «que tinham grandes crimes... eram postos nas enxovias, e ligados a cepas, ou cadeas de ferro». (*Elucidário*, s. v. *Andar em Pago*).

Adobe.—Note-se que também existe a forma *adoro*. A explicação de Nunes (*Gram. Hist.*, p. 173, nota) parece-me bem: esta palavra não deve derivar de الطوب (*at-īzb*), tejolo, mas sim da forma sem artigo, a que se juntaria depois um a- prostético. A presença do artigo duplicava a consoante inicial porque é uma solar e isso trazia a impossibilidade do abrandamento.

Adora.—Falta no *Dicionário*. Cf.: «... e os levou diante si, ficando, porem, muitas covas de trigo, cevada, *adora*, e así muito gado e lás...», *Anais de Arzila*, I, 106. De اللوزة (*adh-dhora*), milho.

Adova.—Cf. *Adoba*.

Adua.—O étimo é الشولة (*ad-dūla*), rebanho, gado, que, como Nascentes disse, foi proposto por G. Viana (*Apostilas*, s. v.). Esta explicação foi depois reforçada por M. L. Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 433).

Aduar.—De الظواهر (*ad-duwār*), aldeia, agrupamento de tendas, acampamento, *povoação temporária*. Opõe-se-lhe o *adixar* (q. v.). Cf. D. Lopes, nota na p. 113 do vol. I dos *Anais de Arzila*.

Adufe.—De الدف (*ad-duff*), pandeiro, tambor. No Magrebe é الدف (*ad-daff*).

Agomia.—Dozy, conforme diz Nascentes, apresentou o étimo كعمة (*kummita*), de كع (*kum*), manga, e comenta: «dans ce cas cette espèce de poignard aurait reçu ce nom, parce qu'on le portait dans la manche de son habit». ¿Não seria preferível aproximar كعمة da raiz كعى (*kamā*), que, além de esconder, significava também cobrir-se com uma couraça e um capacete e dai *armar-se?* Como prova desta última significação existem estes derivados:

1 É curiosa a relação que FRANCISCO JOSÉ FREIRE (*Reflexões*, III, 10) fez entre *adove* e *adova*. Como as julgou ligadas, escreveu o seguinte s. v. *adoba*: «especie de grilhão ou prisão de ferro feito á maneira de um *ladrilho*. Acha-se esta palavra na Chronica d'El-Rei D. João 1º pag. 78, e ainda a usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, dizendo *adobe* e não *adoba*. O itálico é de Freire.

(*takammā*), estar completamente armado; كَمِيْ (kamī), armado, bravo, corajoso; مَتَكَمْ (matakame), armado. كَمِيْ poderá ser um derivado daquela raiz e nesse caso significaria *arma*. O *a* é prostético.

Alabão, Alavão. — A hipótese de Sousa (do árabe الْلَّابَان al-labān), depois aceita por Engelmann e G. Viana (*Apost.*), não frutificou. A de Meyer-Lübke, tirada de Schuchardt (*ZrPh.*, xxxii, p. 87), que a derivou do lat. *allevamen*, é mais racional e tenho-a por exacta. Cf. também o que diz M. L. Wagner (*Alg. arab.*, p. 432).

Alabarda. — É uma das explicações mais surpreendentes do *Dicionário*. Frei João de Sousa escreveu isto: «*Alabarda* (voz teutónica). A arma que os Archeiros, e guardas do Palacio trazem. Puz este nome, e sua Origem, que parece Arabicico, para dar a conhecer, que o não he».

Na 2.^a edição dos *Vestígios* Fr. José de S.^rº António Moura, em nota, é que se saiu com esta explicação: «Eu creio que este nome procede do nome Arabicico الحربة (Al-harba) segundo Gigeo, e Golio, o qual se expressa assim: Pugio, cuspisque hastilis Latior. hinc. Hisp. *Alabarda*».

É uma explicação que não merece um comentário. Aquela palavra árabe daria em port. *alfarba*.

Pois é esta que Nascentes aceitou, embora com dúvida, mas com a agravante de dizer: «parece que, por etimologia popular, deu o médio alto al. *helmbarte*, mod. *hellebarte*, cuja origem é it.».

Embora não o diga (cita-o só incidentalmente), devo afirmar que essa doutrina é de Lokotsch.

Meyer-Lübke (*REW*, 4101 a) deriva essa palavra do médio alto al. *helmbart*, pelo it. (*a)labarda*. Para ele o árabe não pode explicar a palavra formal e historicamente. É esta também a minha opinião.

Dauzat (*Diet. Étym.*) considera o fr. *hallebarde* «empr. à l'it. *alabarda* ou au moyen haut all. *helmbarte*, mots de même rac. et de formation obscure».

O ár. não pode de maneira nenhuma explicar esta palavra. A *alabarda* não é arma de origem ár., mas germ., como se deduz claramente dos textos compilados *apud* Ducange, *Gloss.*, Niort, I, 156 e cf. Carpentier, I, 136, Zaccaria 5. — Formas dignas de menção: sic. *loparda*, romanhol *lumbérda*, niç. *tambardo*, lad. *halumbart*, sab. (Thônes, Amney, Runilly) *altárda*, lieg. ant. *haberare*, Rouchi *albata*», Eduardo de Lisboa, *O Dicionário do Sr. Nascentes e o REW*, p. 25.

Alaçor. — De **الصَّفَر** (*al-safar*), *pardal*, *pássaro* (Dozy). Q. v. *açafate*.

Alaela. — O ár. **الحَلَّة** (*al-hilla*) significa *morada*. Cf.: «... mandou ho Almocadem cõ tres mouros de pazes pera saber onde stava ha *Alaela*, ou raial do Leide çaidé...», Góis, *Crón. D. Man.*, IV, p. 99.

Alamar. — Não sei onde Nascentes encontrou *al-hamēra*. Dozy dá **الْعَمَارَة** (*al-amāra*), *linha de pesca, cordão, guarnição dum vestido*, mas o grande orientalista holandês não explicou o desaparecimento do -a final. Deverá, portanto, supor-se um **الْعَمَار** (*al-amār*).

Alambique. — É preferível a forma gr. *αὐβυξός*. Cf. Rebêlo Gonç., *Elem. gr. do voc. port.*, p. 21. A forma ár. é **الْأَبْيَق** (*al-andiq*).

Alambor. — Não. Julgo pouco viáveis as hipóteses de Engelmann (de **الْأَبْوَب**, *al-abūb*, *abóbada*, ou de **الْحَبَّب**, *al-habūb*) e a que Nascentes apresenta. A expli-

plicação deve ser, na minha opinião, outra, que presentemente não sei qual seja.

Alambre. — Cf. *âmbar*.

Alamia. — A hipótese que Nascentes apresenta (*allama*), tirada de outro autor, não é provável; Dozy deriva de **الاصن** (*al-amīn*), mas nos dicionários que consultei esta palavra não aparece com um significado que satisfaça de perto ou de longe. Além disso também acho a forma proposta pouco viável, porque daria naturalmente *alamim*; a forma **الامنة** (*al-amāna*), com queda do *n* intervocálico, seria mais provável. Se a primeira forma se empregasse com um sentido próximo da nossa, esta minha sugestão poderia perfeitamente ser defendida como um nome de unidade.

Alaqueça. — Q. v. *Laqueca*.

Alarave. — Q. v. *Alarve*.

Alarde, Alardo. — Vem mal transcrita. A forma é **العرض** (*al-arrād*), com ع, mas este fonema não aparece na transcrição de Nascentes, que é *alard*.

Alarido. — Nenhuma das explicações me satisfaz. A alternar com *alarido* aparece nos *Scriptores* a forma *algarido* neste passo: «Dando grandes *algaridos* e poendo as espadas de toda sa força...», p. 187¹. Ora é esta alternativa de *a-* e *ga-* que me faz pensar na existência dum ع no vocábulo que lhe deu origem. O mesmo sucedeu em *algaravia* e *aracia* (q. v.). Penso que a fonte do português seja **العربي** (*al-arrād*); do mesmo radical formou-se *alarde*. **الاريض** (*al-arrād*) significa *largo, amplo, abundante*, mas **العرض** significa *revista militar*, poderia muito bem significar a multidão das tropas e por uma evolução semântica que julgo fácil passaria a designar o barulho que delas saia principalmente no momento do ataque ou depois de alcançada a vitória. É interessante frisar que a palavra antigamente usava-se quase sempre para designar o tumulto das tropas: «... e dando grandes *alarídos* como mouros cuydando espantar...», Crón. Cont., p. 71. C. C. Rice apresentou recentemente na *Language* (x, p. 27) o baseio *alarao*. É uma explicação que ninguém pode tomar a sério.

Alarife. — É outra palavra mal transcrita. Em árabe é **العريف** (*al-arrīf*), com ع que Nascentes não representou.

Alaroça. — Falta no *Dicionário*. É natural. Trata-se dumha palavra que tem poucas abonações. Eu só conheço uma: no *Cancioneiro Galego-Castelhano* de Lang, numa cantiga (a n.º 53) de Pedro Vcles de Guevara que vem reproduzida na *Crestomátia Arcáica*, de J. J. Nunes (pp. 448-449). Eis o passo onde ela ocorre: «E, se vós d'esto queredes dultar, / que vos oge dessen toda ultramar, / nunca alaroça scerdes chamada». A palavra significa *noiva*. É o ár. **العروسة** (*al-arrūṣa*). Perto de Córdova havia um monte que, segundo Edrici, chamava-se **جبل العروسة** (*jebel al-arrūṣa*), o monte da noiva.

Alarve. — De **العرب** (*al-arab*). Cf. o que o Prof. David Lopes escreveu no seu trabalho *Alguns voc. árab.-port.*, p. 8.

Também aparecia a forma *alarave*: «... E os X mil caualeiros d'ata-raues da húa aaz...», Nunes, *Crest.*, p. 50. Cf. pp. 53, 59.

¹ Modernamente a palavra foi utilizada pelo Dr. JÉLIO DANTAS: «Longínquo o *algarido* dos moíros vinha até ao arraial», *Pátria Portuguesa*, p. 78, 3.^a ed.

Alaude.—A transcrição é incompleta (*al-ud*). Em árabe é الْعَدٌ; por isso deve ser *al-aud*.

Alavão.—Q. v. *alabão*.

Alazão.—A hipótese que tira esta palavra de الحصان (*al-hiçān*) é boa. Oxalá ela aparecesse bem transcrita. Cf. *açafate*.

Albacar.—Não sei como viu Nascentes em Dozy a afirmação de que esta palavra provinha de *bab albākar* (*sic!*); o que Dozy diz é o vocábulo originário em البقر (*al-baqar*) sem بـ (*bāb*); esta palavra apenas se subentende. Embora nem Engelmann nem Dozy o digam, devo eu agora dizer o seguinte: a explicação já tinha aparecido em Fr. João de Sousa. As condições que o arabista português fez a propósito são muito interessantes e julgo-as seguras.

Albacara.—«Curral grande para vacas», *Dic. Contemporâneo*. Dozy deriva esta palavra de البكارة (*al-balāra*). A Fonética não se opõe, mas o sentido... Quasi todos os dicionaristas dão a essa palavra o sentido de... *virgindade*. Como البقرة (*al-baqara*) é *vaca*, não será antes de qualquer palavra dêsses radical que esta deriva? Julgo-o possível.

Albacora.—Esta palavra pode ter duas significações:

a) **Fruta.**—Engelmann propõe البکور (*al-bākūr*), fruta temporânea. Dozy parece aceitar esta explicação. Nascentes dá um *albakora* que não diz onde encontrou, mas que me parece bem. Será talvez البکورة (*al-bākūra*), nome de unidade da forma apontada mais acima¹. Esta explicação, além de dar mais perfeitamente a idéia do indivíduo (como sucede com *azeitona*), dá-nos ainda a desinência -a, que na outra não aparece. Como se sabe a desinência -or (*-ōr*) dá geralmente em port. -or (*al-bafor*). O valenciano *albacor* pode talvez ter base nessa forma, mas o catalão *bacora* já postula também a minha. Segundo Moll (368) *bacora* é uma «figuera que fa dos esplets en l'any», «figa d'aquesta figuera».

b) **Peixe.**—É um problema complicado a origem desta palavra. Dozy diz que não encontrou a palavra *al-bacor* (proposta depois também por C. de Figueiredo) em nenhum dicionário árabe. O mesmo aconteceu comigo. Há quem derive de *alba cér*. Crooke, como diz Nascentes, apresenta *al-bukr*, camelo novo, vitela. Ainda pior. Moll (369) dá um *Bakora* que diz ocorrer em Lerchundi (*Vocabulário*, 43). Não consegui ainda consultar esta obra. Como há um peixe chamado *albafora*, não estaremos na presença de vocábulos divergentes com base numa forma (*al-bākūra*)? O mesmo pensamento teve Adolfo Coelho, mas não encontrei essa palavra nos dicionários que consultei com um sentido que pudesse servir ao presente caso. No entanto a palavra romântica existe. Está também em catalão: *albacora*, «bacoreta, toninha» (Moll). *Arbecona*, segundo o mesmo Moll baseado no *Voc. peixos* de Griera, é próprio de Tarragona e produziu-se por etimologia popular com o nome da povoação *Arbeca*; também ali se chamam *arbequines* às azeitonas. Não sei a antiguidade de *albacora* em port., mas na relação dos «antimētos que o g.º dom João de Crast.^o leixou e deposito na fortaleza de Dio o ano de 1547», publicado por A. Baião na *Hist. Quin. do Seg. Cerclo de Diu*, citam-se «de alboquoras sete centos peixes» (p. 246).

¹ Cf. W. MARÇAIS, *Textes Arabes de Tanger*, p. 234, s. v. .

Albafor. — O étimo de Lokotsch (البَخْرَر, *al-baħrūr*) é o mesmo que dá Engelmann.

Albafora. — Cf. *Albacora* (b).

Albarrã. — O étimo البرانى (*al-barrāni*, *sic*) é de Engelmann, mas Dozy dá com mais propriedade البرانة (*al-barāna*); é preferível البرانة (*al-barrāna*). Esta explicação serve, segundo eu penso, para a dupla acepção de *torre* e *cobola*.

Albarrada. — Não há dúvida que esta palavra deriva do ár. الباردة (*ad-barrāda*), vaso, chaleira. Simonet baseia esta palavra no lat. *pries*, *tis* e não no árabe بَرَد (*bard*), como é de razão. É uma doutrina que só se admite na fantasia desse autor. No Norte de África é vulgaríssima a forma بَرَاد (*barrād*). Cf. Marçais, *Textes Arabes de Tanger*, p. 228, e Brunot, *Noms de récipients à Rabat*, ambos s. v. بَرَاد (*bard*), que significa *frio*. Segundo Pedro de Alcalá بَرَاده (*barrāda*) era a forma peninsular.

Não sei explicar a segunda acepção do vocábulo.

Albarraz. — A forma ár. é حَبَّ الرَّاس (habb ar-rāq). Esta expressão significa realmente *semente de cabeça*. Cf. também *Rec. Lusit.*, xii, p. 222.

Albende. — A hipótese de Casiri, Marina, Alix e Engelmann é a melhor (البند, *al-bend*, a bandeira). Nascentes dá *albenda*. Nunca encontrei esta forma. Havia a variante *alrende*¹.

Albetoça. — Nascentes deriva esta palavra de الطَّفْلَة (*al-botqa*), *naxis encraria bellica*. Esta explicação não me satisfaz por causa da acentuação. Eu preferia uma forma الطَّفْلَة (*al-botaqa*) com deslocação de acento.

Alboque. — Só conheço *alboque*. A forma ár. é الْوَقْ (al-būq). Nascentes não indicou portanto a quantidade da vogal.

Albornoz. — De البرنس (*al-burnuq*), o mesmo. Cf. *açafate*.

Albricoque. — A palavra árabe البرقوق (*al-burqūq*) tem origem no grego μπρικόκον. O grego moderno é βρύκοκον. Esta palavra foi estudada pelo Dr. Rebêlo Gonç. (*ELEM.*, p. 19). A idéia da fonte latina do vocábulo árabe devia ter sido colhida por Nascentes em Dozy, Diez, Malin ou Devie.

Albudeca. — A forma árabe é البُطْخَة (*al-bitħa*) e não *albittaikha*, como diz Nascentes. A hipótese é de Dozy.

Alcaçar. — Cf. *Aleaceer*.

Alcaçaria. — A forma que Nascentes dá é a apresentada por Engelmann (القيسارية, *al-qaiṣāriya*, bazar).

Alcacel. — De القصيل (*al-qaqil*), e não *alkasil*, significa «orge ou blé coupés en vert». Belot.

Alcacema. — Nascentes indica o vocábulo e como explicação diz apenas «do ár.». Não encontrou, portanto, explicação. Cañes e Freytag trazem um vocábulo que me parece bom: القسمة (*al-qaqema*), divisão, do verbo قسم (*qaqama*), dividir, partir em várias porções, sub-dividir.

Alcacer. — Nascentes faz uma confusão nesta palavra. Diz-lá «de *alcacel* por dissimilação»; disto se depreende que é uma divergente daquela. No entanto é a

¹ «... que preserunt nostros priores cum cornu et cum *aluende* de rege...», *Diplomata*, doc. vi, de 870.

forma usual hoje para designar o que o A. parece querer dizer s. v. *alcáçar* que é um arcaísmo (o esp. tem *alcazar*). *Alcacer* (ou *alcáçar*) deriva de **القصر** (*al-qasr*), que Nascentes transcreve *alkaṣr*. *Alcacec* e *alcacer* nada têm de comum entre si.

Alcachofra. — Freytag traz **الحرشف** (*al-horxuf*); Dozy, baseado em Alcalà, apresenta **الخرسون** (*al-horxūn*). É este o étimo que Nascentes apresenta; em minha opinião é muito mais aceitável a hipótese de Cañes **الخرسونة** (*al-horxūna*), que significa o mesmo que a palavra portuguesa¹.

Alcáçova. — Como sempre, Nascentes transcreve o ص por *s* (*alkasaba*), mas aqui há um erro: a forma árabe é **القصبة** (*al-qasba*), isto é, o ص não tem vogal; e porque a pôs Nascentes? **القصبة** (*al-qasaba*) é outro vocábulo; tem a significação de *cana*. Passou para a Toponímia: está no nome *Alcáçovas*. Cf. D. Lopes, «Toponímia», *Rev. Lusit.*, xxiv, p. 258.

Alcaçuz. — «Do ár. *irkasus*», diz Nascentes. Quasi todos os estudiosos dão como étimo desta palavra عرق سوس que transcrevem por *irk sus*. Foi nêles que se bascou o douto filólogo brasileiro. Todos usam essa expressão sem repararem que ela pode ser tudo menos árabe; a verdadeira é (*‘arq aṣ-ṣūs*); na realidade a presença do artigo ligado à segunda palavra não só auxilia a evolução fonética, como ainda dá à frase uma construção certa à luz da gramática árabe.

Alcadafe. — O étimo **القدافا** (*al-qudāfa*) e a significação latina são de Dozy.

Alcatoiote. — **الغواص** (*al-qauuad*), significa «aleno». A explicação é de Dozy.

Alcaiz. — É na verdade uma palavra de difícil explicação.

Alcalde. — Falta no *Dicionário*. De **القاضي** (*al-qāḍī*), o juiz. Muitos confundem esta palavra com *alcaide*.

Alcamonia. — A explicação é de Engelmann (de **الكمونية**, *al-kammūniya*). A tradução não foi feita com exactidão; essa palavra não significa o *cominho*, mas sim relativo ao *cominho*.

Alcanfor. — Q. v. *cânfora*.

Alcaparra. — A explicação desta palavra pelo árabe **الكبار** (*al-kabār*) ou **القابل** (*al-qabār*) é de Engelmann. É a que Nascentes dá. Dozy aventou com muito mais propriedade **القارنة** (*al-qabāra*), isto é, o nome de unidade daquela. Não há dúvida que esta forma é muito mais viável. Pena é que não se cite no *Dicionário*. Conforme já o reconheceu também Engelmann, a palavra árabe tem base no grego καππάρις. O Prof. Rebêlo Gonçalves, baseado neste, estudou a palavra nos seus *Elementos Gregos do Vocabulário Português*, p. 21.

Alcar. — É de Dozy a explicação dada no *Dicionário* (de **القارة**, *al-qāra*); mas não serve; ela exigiria em português uma forma *alcara*, que não conheço. Deve ser de **الغار** (*al-qār*), donde se formou aquela como nome de unidade.

Alcaravão, Algorabão. — Nascentes dá como étimo da primeira palavra **الكروان** (*al-karuān*). Está bem. *Alcaravão* tem variantes em português. Que eu conheça há pelo menos as seguintes: *algorabão*, *algreivão*, *algravão* (em Mou-

¹ No quadro de medicamentos que acompanha o interessante artigo *Un problème de Bibliographie Arabe — Le «Toquim Al-Adwiya» d'Al-lā'i* de H. P. J. Renaud (*Hespéris*, xvi, p. 85) é a forma **الحرشف** (*al-horxuf*) a apresentada.

rão), *algorovão*. No Dicionário aparece-nos *algorabão* (e *algorovão*) com origem diferente: de **الغراب** (*al-garāb*), *corvo* + o suf. —ão. A hipótese, conforme o confessa, é de Egüllaz. Seria, portanto, um aumentativo formado em português, mas cujo positivo não persistiu. A existência de *alcarava* e de algumas suas variantes próximas de *algorabão* levaram-me a preferir esta palavra a *alcaravão*.

Alcaraviz. — A palavra **القرابيس** (*al-qarābiṣ*) é o pl. de **قربيس** (*qarabīṣ*), que significa *arção*.

Alcarria. — Cf. *Alqueria*.

Alcarraza. — Foi Devic quem deu a forma **الكاراز** (*al-karrāz*). Dozy apresentou **الكراز** (*al-karāz*). O primeiro diz infundadamente que a palavra é turca. A palavra portuguesa não pode derivar directamente de nenhuma das apresentadas, mas sim do nome de unidade da primeira.

Alcateia. — A forma ár. é **القطعة** (*al-qatū'a*). Nascentes não transcreveu o ع. É o nome de unidade de **القطيع** (*al-qatī'ū*). Existe também **القطعة** (*al-qatū'a*), *esquadrão*.

Alcatifa. — A palavra árabe tem o *i* longo (**القطيفة**, *al-qatīfa*). (Engelmann).

Alcatrão. — A forma árabe é **القطران** (*al-qatrān*); significa o mesmo. Nas *Leges* (p. 193) aparece a divergente *algadrom*.

Alcatraz. — A engenhosa doutrina de Devic é bem vista no *Hobson-Jobson*. O dicionarista francês pretende derivar esta palavra (s. v. *albatroz*) do mesmo vocábulo árabe que deu *alcatruz* porque em certas regiões chama-se ao pássaro **قاقة** (*qaqā*), *carregador de água*, e dai o dar-se-lhe em árabe o mesmo nome que aos baldes dos poços. Esqueceu-se de dar uma explicação fonética que pudesse atenuar as dificuldades que oferece a semântica.

Alcavala. — Não comprehendo porque é que Nascentes manda ver *Alcabela*, se esta palavra é tratada como o mesmo que *alcabila*, *cabilda*, *cabila*. *Alcavala* vem do ár. **القابلة** (*al-qabāla*), *caução*, *garantia*. *Hipoteca*, *Imposto*, *taxa*.

Alcool. — Para a prosódia (de **الكحول**, *al-kohūl*, forma de **الكحل**, *al-kohl*) cf. *Álgebra*.

Alcorão. — Falta em Nascentes o sentido de tórre, tam vulgar nos nossos escritores quinhentistas. Julgo a origem desta palavra na que designa o livro santo muçulmano. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, vi, p. 3.

Alcorça. — De **القرصنة** (*al-qorṣa*), cf., portanto, *açafute*.

Alcouce. — Engelmann, e, baseado nélle, também Nascentes, pretende que esta palavra é uma redução de *alcoceifa*. Não é admissível. O Sr. Joaquim da Silveira tratou dêste vocábulo (*Rev. Lusit.*, xxiv, p. 202). Julgou-o acertadamente como a base dos topónimos *Belcouce*, *Alcouce*, *Couce* e *Couso*. Aceita (e em minha opinião bem) o árabe **القوس** (*al-qūs*), *o arco*. Ora pela simples circunstância de qualquer luponar tristemente célebre ficar perto de um arco, talvez êste passasse a designá-lo. O sentido alargou-se até significar qualquer dessas casas. É possível que a manutenção da idéia do latim *fornix*, que, como o nota o Sr. J. da Silveira, significava *arco* e *luponar* ao mesmo tempo, também concorresse para ajudar o alargamento do sentido do vocábulo.

Aldeia. — De **الضياع** (*ad-dai'a*). Nascentes transcreve *addaya*. «Onde está a representação do ع? O i nestas circunstâncias aparece em muitas palavras de origem árabe não «por analogia com a forma intacta do artigo», mas

arrastado por certos fonemas de carácter enfático; por vezes é um *r*; há muitos exemplos: *arrabalde*, *aldraba*, *alcalde*, *Arzila*, *alicerce*, *alferce*, etc.

Aldraba. — Acérea do *l* e do *r* q. v. o que disse em *aldeia*.

Alfa. — Ver *alfosa*, *alfalfa*.

Alfábar, Alfámar, Alfambar. — ¿Como quere Nascentes que *alkhumra* dê *alfámar*? Gayangos (*Mem. Hist. Esp.*, ix, 92) apresentou (al-*hamal*), plumagem, franjas de um tapete ou de um fato. Dozy aceitou esta expliçação, mas antes Engelmann sugerira outra que me parece mais aceitável: (al-*hanbal*), tapete, que não vem citada no *Dicionário*.

Alface. — De (al-*haq*), que Nascentes transcreve *alkhass*.

Alfadia. — A palavra árabe (al-*hadīa*) significa propriamente *prenda*. Cf. *Odiá*.

Alfafa, Alfalfa. — Nascentes acredita no étimo *alfafasa*. Não diz porém onde viu aquela explicação. Não explica como de uma forma se chegou à outra. A doutrina é de Dozy; foi bem recebida por Cortesão, que a soube transcrever, ao contrário do que fazia esperar a forma dada no *Glossaire*. Cortesão no entanto dava como étimo imediato o espanhol.

Na língua arcaica havia *al-falfa*: «De carrega de sparto, e de baraços *dal-falfa*...», Foral de Beja, *Inéditos*, v, p. 534; alternava com *al-farfa*: «et melhor solta de *al-farfa* ualeat tres denarios...», *Leges*, 195.

Estas formas bastam para demonstrar que a etimologia verdadeira é (al-*halfa*), *esparto*, erva própria de Espanha (Engelmann). Desta forma sem artigo veio também, mas por intermédio do francês, *alfa*.

Alfaiate. — A forma árabe é (al-*hālāt*), o que cose, do verbo (*hājta*), *coser*. Em Hita (est. 66) aparece num provérbio: «Remendar bien non sabe todo *al-fayate* nuevo».

Alfajeme. — A palavra árabe é (al-*hajjām*). Está bem em Nascentes; o que não me parece é bem traduzida: *cirurgião*. O radical (*hajjāma*) significa *aplicar ventosas, lancetar*. O encarregado dessas operações é (al-*hajjām*), mas esta palavra também designa o *barbeiro* e foi com este sentido que entrou no português. A evolução de sentido para espadeiro deve-se ao facto de os barbeiros também se entregarem a este mestre (cf. Viterbo, *Elucidário*, s. v.).

Alfama. — Parece-me impossível que Nascentes ainda dê como étimo desta palavra o fantástico «*al-jama'a*, reunião (de homens)». Ainda é mais imperdoável o facto de ter citado só esta hipótese, principalmente numa obra que, como a sua, é destinada a inserir tudo, ou pelo menos quase tudo, que se tem escrito acerca de cada vocábulo. Nascentes não podia conhecer todas as obras. É uma verdade. Mas o outro étimo de *Alfama* tem sido largamente discutido (apesar de, em minha opinião, não precisar disso) e bastava uma pequena referência de um autor para o pôr de sobreaviso e obrigá-lo a fazer a citação. Outro assunto: ¿porque não pôs ao menos um (?) depois daquela inexplicável explicação? Um (ז) dar f com certeza que não é possível em nenhuma Fonética, pelo menos nas poucas que eu conheço. Note-se que o A. apresenta esse mesmo vocábulo mais adiante para *Aljama*. Isto também lhe devia chamar a atenção.

Nascentes, que desfolhou e consultou tantas obras, viu estas, que cita várias vezes: *Os Vestígios da Língua Árabe*, de Fr. João de Sousa, na 2.^a edição de Moura (em nota, s. v.); *Os Arabes nas Obras de A. Herculano* (pp. 36, 59) e *Toponímia Árabe de Portugal* (p. 17), ambas do Prof. David Lopes, e finalmente as *Palestras Filolójicas* de Gonçalves Viana (p. 98). Em todas estas obras se apresenta uma hipótese para mim indiscutível: o árabe **الحَمَّة** (*al-hamma*), *caldas, fonte quente*. Na descrição de Lisboa, Edrici diz-nos que «no meio da cidade existem caldas» (**الحَمَّات**, pl. de **الحَمَّة**) quentes (*sic*, porque **حَمَّات** vem reforçada com o adj. **حَارِّة**, quente) tanto no inverno como no verão» (p. 184). Nada mais claro.

Nada portanto faz garantir o étimo **الجَمَاعَة** (*al-jamā'a*), *reunião*, que eu julgava ter sido apresentado pela última vez por A. Cortesão nos seus *Subsídios*. Afinal Nascentes volta a él e há autores que, *pelo menos*, parecem ainda contemporizar com tal explicação. Note-se ainda que não conheço nenhum caso de a acentuação recuar na passagem do árabe para o português. Cf. *Algema*.

É um dos piores erros doutrinários do *Dicionário*.

Alfamar. — Cf. *Alfábar*.

Alfambar. — Cf. *Alfábar*.

Alfândega. — A forma port. e as esp. (*alhondiga* e *fonda*) implicam o nome de unidade: **الفندة** (*al-fundeqa*). G. Viana (*Apost.*, 1, p. 41) dá como étimo da palavra ár. o gr. **πανδοκεῖον**, mas julgo que foi buscar essa doutrina a Henrique Yule em *The Book of Sir Marco Polo, the Venetian*.

Alfaque. — Em que obra de Engelmann viu Nascentes a doutrina que atribue àquele autor a propósito desta palavra? Engelmann não sabe explicar esta palavra; põe um (?); Dozy na segunda edição deixou ficar tudo o que o autor do *Glossaire* escrevera. É um caso grave êste.

A Academia Espanhola dá com dúvida **الحكوك** (*al-hakūk*). Não serve.

Na *Peregrinação* (cap. 48) vem *alfaque*: «... o rio era todo muyto largo & limpo, & sem baixo nem alfaque...».

Alfaqueque. — A palavra **الفاكك** (*al-fakāk*), donde esta deriva, significa o que resgata.

Alfaqui. — Na explicação desta palavra aparece uma aborrecida gralha: vem *alkīh* quando deve ser *alfakīh*, se quisermos manter a transcrição adoptada.

A forma árabe é **الفَقِيْه** (*al-faqīh*), *inteligente, jurisconsulto, doutor, letrado* (Marrocos).

Alfaraz. — De **الفارس** (*al-farṣ*), cavalo. *Alferes* é do mesmo radical (q. v.).

Alfarda. — Nascentes apresenta só a *alfarda*, pano, vestuário. Mesmo nesta acepção a sua doutrina não está bem. *Alfard* (**الفرد**) não explica a forma romântica. É necessário recorrer-se ao nome de unidade respectivo: **الفردة**, *alfarda*.

Será também desta mesma forma que deriva outra *alfarda*: estréla de segunda grandeza.

É necessário ainda estudar a forma que significa *tributo*; que não é bem de **الفرض** (*al-fard*) como quere Dozy, visto que, como se fez em cima, é necessário o nome de unidade: **الفرضة**, *alfarda*. Segundo Moll (s. v. *farda*) *alfarda* era o «tribut que pagaven els moros vassalls del rey d'Aragón» e

ainda o «dret que té l'arrendador de l'aygua de les séquies, de cobrar un tant per faneea de regadius».

Alfareme. — O e de *alharem* deve ser longo; houve imala (de **الحرام**, *al-harām*, forma vulgar de **الأحرام**, *al-aharām*). O significado é *proibido, ilícito*, porque era primitivamente o véu que cobre o rosto das mulheres. O cat. tem *alfarem, alfilem* (Moll, 1729).

Alfarje, Alfarja. — São uma e a mesma palavra. Não sei o que tem de ver a primeira com **الفرش** (*al-farx*, esta é a melhor transcrição), *assolhado*. A explicação, como veremos, é de Engelmann.

Segundo Cândido de Figueiredo a primeira significa: a. — «moinho de vento»; b. — «Diz-se de um estilo peninsular de artes decorativas, caracterizado por lavores multiformes». *Alfarja*, diz o mesmo dicionarista, em Trás-os-Montes é um «grande vaso de pedra, em que gira a roda que moi a azeitona». Estas significações estão próximas das espanholas apontadas por Engelmann e Dozy.

Quanto à explicação, o primeiro dá como etimologia o árabe (*al-farxe*), que embora só significasse, segundo Cobarrubias, «stratum, sagulum», na Península designava também «une sorte de pavé sur lequel était placée la pierre inférieure du moulin».

Além da alteração semântica, um pouco forçada, sou obrigado a pôr esta explicação de parte, porque julgo rara a transformação do ش em j¹. Dozy por sua vez explicava o nome do aparelho por **الحجر** (*al-hajar*), a pedra; evidentemente que tanto o sentido como a fonética mostram essa evolução difícil; para o estilo artístico apresenta a forma que Engelmann apresentara para o aparelho.

Modernamente o Dr. Wilhelm Giese (*ZrPh.*, LIV, 119) em crítica ao trabalho de Wilhelm Bierhenze, *Ländliche Gewerbe der Sierra de Gata*, diz que o port. *alfarja* não vem do carb. *Faras...*, mas do árabe **الصخور** pedra². Evidentemente que esta forma **الصخور** (*aq-ṣuṭū*) não pode ser tomada como base da portuguesa. Basta olhar para ela para a pôr imediatamente de lado.

Ora em Beaussier e outros dicionaristas encontra-se uma forma que, em minha opinião, explica perfeitamente os dois vocábulos: **الحرج** (*al-harje*), *aparelho, engrenagem, equipagem* e ainda *enfeites, bordadura, guarnição de passamanaria*. Trata-se de um vocábulo que é atestado no Ocidente e ao qual a Fonética e a Semântica não se opõem à sua entrada no português. Tem ainda a vantagem de explicar o nome do aparelho e o do estilo decorativo².

Alfarroba. — É necessário um nome de unidade porque **الخرفوب** (*al-harrūb*) não dá a palavra portuguesa; derive-se portanto de **الخروبة** (*al-harrūba*).

¹ Digo rara mesmo na presença do exemplo do *Alfanje* de Santarém, que se deriva de **الخنثى** (*al-hanxe*); aí o ش passou a j, mas por influência do *alfanje* (espada), de **الخنجر** (*al-hanjar*).

² Esta explicação vem também no *Boletim de Filologia*, VI, p. 7.

Há a variante *garroba*¹, que mostra a evolução do خ para *g*. Cf. o fr. *caroube*.

Alfavaca. — É preferível **الحباقة** (*al-habāqa*), forma magrebina (*Rev. Lusit.*, xiii, 230). Emende-se pertanto o *Dicionário* e as *Apostilas* de Gonçalves Viana (s. v.).

Alfazema. — Em árabe é **الخزاماً** (*al-ḥuzāmā*). A transcrição de Nascentes (*alkhuzama*) não é portanto boa sob vários aspectos. Cf. esp. *alhucema*.

Alfeça. — De **الفَاسِة** (*al-fāṣa*), enxada.

Alfeire. — A explicação que apresenta como étimo **الحِير** (*al-hair*), cercado onde se guarda o gado, é de Dozy. Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 429) corrobora esta opinião.

Alfólea. — O Ar. **الحلوة** (*al-halāwa*) significa realmente *doce açucarado*, mas esqueceu dizer que a explicação é de Engelmann. Esta palavra tem uma divergente em português: *aluá* (q. v.), que entrou no séc. xvi.

Alfenide, Alfenim. — Não comprehendo o que quere dizer Nascentes com as palavras «ár. persa *pānīd*». Se é árabe não é persa, se é persa não é árabe. Além disso aquela palavra não me parece árabe, por causa da presença do *p* e não sei também como ela poderia explicar as formas portuguesas.

Ora existe em ár. o vocábulo que convém. O próprio Nascentes o cita. É **الغانيد** (*al-ғānīd*), que por sua vez deriva do *persa* پانید (*pānīd*). Lokoček é bem claro neste ponto: «Ar. *fānīd*... aus pers. *pānīd*...», 583.

Alferes. — Cf. *aqafate*. (De **الفَارس**, *al-fāris*, cavaleiro).

Alfim. — De **الفَل** (*al-fil*) na realidade. A significação é o elefante.

Alfinete. — A etimologia que se costuma apresentar para esta palavra é na verdade **الخلال** (*al-hilāl*). Foi apresentada pela primeira vez por Engelmann. No N. de África essa palavra designa os «agrafes que les femmes arabes mettent sur leurs épaules pour arrêter leurs habits», Jaubert, *Gram. et Dict. abreg. de la lang. berb.*, p. 22. O esp. tem *alfilete* e *alfiler*.

Alfitra. — ¿Como pode *alfarda* dar *alfitra*? ¿Onde viu Nascentes essa tan fantiosa explicação?

¿Porque não pôs uma observação judiciosa a esse étimo, indicando como bom o de Eguilaz?

Esta palavra deve na realidade derivar-se de **النَّطْرَة** (*al-natrā*), que significa propriamente «nouvelle création. Nature, naturel. Sentiment religieuse» (Belot) e ainda *ea res appellatur, quae die, quo jejunium Ramadhanī solvitur, elemosyna datnr. Quae primum libera erat consuetudo, fortasse in his regionibus a regibus tamquam justum tributum exigebatur*, Torneberg, p. 441.

Alfobre. — É Dozy que apresenta o étimo **الخُفْرَة** (*al-hofra*). O *-a* desapareceu.

Alfola. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra pelo ár. **الحَلَة** (*al-holā*).

Alfombra. — A explicação é de Engelmann. (Do ár. **الخُمْرَة**, *al-ḥumra*, tapete para orar).

Alforba. — De **الحَلْبَة** (*al-holba*), *foenum graecum*. Engelmann foi o primeiro a explicar assim esta palavra. Também havia a variante *alforva* (q. v.).

Alforje. — O ár. **الخَرْج** (*al-ḥorj*) significa a sacola.

¹ No *Vocabulário de Gonçalves Viana*.

Alforreca. — Em minha opinião esta palavra não tem sido explicada satisfatoriamente.

Como é natural, Nascentes cita as mais usuais.

De tôdas a melhor é a de Engelmann (e não Dozy, como se diz no *Dicionário*): de **الحرّاق** (*al-hurāq*), «valde salsa (aqua)». O erudito arabista andou próximo, mas não atingiu o alvo, a ser exacta a minha explicação.

Parece-me melhor derivar esta palavra de **الحرّيق** (*al-hurrāiq*), nome de unidade de **حريق** (*hurrāiq*), *urtiga*. Beaussier dá a forma **حاريق** (*hārīq*). A primeira julgo-a magrebina. Vem em Ben-Cedira. Será desnecessário lembrar aqui que este animal é provido de órgãos *urticantes*. (Cf. *Bol. de Fil.*, vi, p. 8).

Alforria. — Em minha opinião Eguilaz, Lokotsch e A. Coelho devem ter razão: a palavra deriva do ár. **الحرّية** (*al-horrīa*), *liberdade*. Portanto a sua formação fez-se no árabe e não no português.

Alforva. — O mesmo que *alforba*. Cf. *Rev. Lusit.*, xiii, p. 233. Cf.: «... e a outro dia dalhe as *alforvas* na prumada...», «Livros de Faleoaria», no *Bol. de Fil.*, i, p. 209; «... hanse de purgar com a purga da bolha e tanbem com as *alforvas* e alquetira...», idem, *ibidem*, p. 211.

Alfoz. — O étimo é **الخوز** (*al-hōz*) e não *alhaud*, que Nascentes foi buscar não sei onde. Nunes (*Gram.*, pp. 176 e 191), Cornu (*Port. Spr.*, § 39) e Zauner (*Alt-spanisches*, § 44) apresentam o mesmo étimo. Isto ainda aumenta mais a minha estranheza. A palavra árabe significa *arredores, arrabalde, costa, praia*.

Alfrezes. — Tal como a doutrina de Eguilaz (de **الخرش**, *al-harax*) a explicação de Dozy também não satisfaz para a forma com *z*: **الفراش** (*al-farāx*), «tapis à longues laines qui sert de lit». Nascentes não cita este último caso. Conforme G. Viana (*Apost.*, i, 44) diz, deve ser com *s* (= *ss*): *alfresses*.

Alganame. — Do ár. **الغنم** (*al-gannāmē*), *pastor*. Nascentes transcreve pois mal: *al-gananām*.

Algar. — **الغار** (*al-gār*) significa *caverna*. O pl. é **الغروون** (*al-geirān*), que está no topónimo *Algcurão*, tal como a forma do sing. em *Trafalgar* (cf. David Lopes, «Top. Árabe», *Rev. Lusit.*, xxiv, p. 260). Cf.: «E na sexta ilha, que é de Tanarife, ou do Inferno, porque tem em cima um *algar* por que sae sempre fogo», *Azurara, Guiné*, ii, p. 178.

Algara. — O ár. **الغارا** (*al-gāra*) não significa bem *depredação*, mas *incursão de tropas a cavalo* (de **غار** (*gāra*), *penetrar*). Cf. *Almogávar*. *Algara* pode ser ainda a *película fina do óvo*, que, segundo Dozy, deriva de **الغاللا** (*algalāla*), *película*. Esta última acepção falta no *Dicionário*.

Algaravia. — Esta palavra nada tem que ver com *algarb*, oeste, nem mesmo na pretensa influência desse nome para a passagem de ع a *g*, como diz Nascentes, baseado em Lokotsch. É uma divergente de **عربة** (*arabīa*), que por outro lado deu *aravia* (q. v.). Para *algaravia* passou com o artigo. O ع dá por vezes *g*: *Gomar* é uma forma romance do nome *Omar* (em ár. vulg. *‘omār*) que aparece nos *Dipl.* (p. 67), como nome duma testemunha. No *Arc. de Hita* (1229) vem: «El rrabé gritador con la su alta nota: *Calbi garabi*

ba teniendo la su nota»; a expressão em itálico equivale a قلبى عربى (*qalbî arabi*), o meu coração é árabe. Cf. Salinas, *De Musica libri septem*, p. 339 (ind. de França). Esta palavra também existe em provençal.

Algarismo. — A obra de *الخوارزمي* (*al-huarizmî*) foi traduzida, ou pelo menos imitada, para latim no séc. XII. *Musa* não é boa ortografia; deve ser *Muça*.

Algarrada. — Falta no *Dicionário*. De المَرْدَد (*al-marrâda*), balista (Engelmann). Para o g cf. *algaravia*.

Algarve. — Falta no *Dicionário*. É uma palavra que se empregava (e emprega) como nome comum, embora não passe de um alargamento semântico do próprio. De الغرب (*al-garb*), *oeste*, *poente*, *ocidente*. «Não é exacto que à Peninsula se chamassem *Al-Gharb* em oposição a *Al-Maghreb*, dado à Mauritânia. Os dois termos são synonymos na significação; e *Al-Gharb* («occidente») designava não a Peninsula toda mas só a parte occidental d'ella», D. Lopes, *Arab. em Here.*, p. 188. Na realidade o Pôrto ainda estava no *Al-garb*. Era com esta palavra que os árabes designavam Portugal.

Algarvio. — Falta no *Dicionário*. De العربي (*al-garbî*), que é do Oeste, occidental. É um vestígio do sufixo árabe formativo de nomes de origem. Não é portanto o sufixo -io, como julgou Leite de Vasconcelos (*Lic.*, p. 411). Nos «Nomes Étnicos» (*Rev. Univ. de Coimbra*, XI, p. 150) já traz aquela doutrina; julga raros os vestígios daquele sufixo árabe em nomes étnicos; sob este ponto de vista tem razão; mas existe em funções primitivamente adjetivantes em muitas palavras onde sofreu tratamentos diversos: *baldaquino*, *ccitil*, *javalí*, *morabitino*, *maravedi*, etc.

Algazarra. — A doutrina é de Engelmann; este baseou-se em P. de Alcalá (de الغزار, *al-ghazâr*). Preferível o nome de unidade.

Algebra. — Como *alcool*, esta palavra é um dos poucos exemplos de uma palavra de origem árabe ter a acentuação no artigo. A forma árabe é الجبر (*al-jabr*), redução, que entrou no latim medieval sob a forma de *algebra* (Cf. Dauzat, *Dict. Etym.*, s. v. *algébre*). Daí é que teria entrado nas línguas modernas. Cf. *almucabala*.

Algema. — É estranho que Nascentes aceite a explicação de Nunes (*Gram. Hist.*, 173), que não está certa. O étimo não é *al-jâmi'a*, como este diz; deve ser *الجامعة* (*al-jâma'a*), pulseira, que o A. aceitou noutro lugar como étimo de *Alfama*.

Nunes não era autoridade em assuntos árabicos; por isso não deve ser seguido.

Algeroz. — É Dozy quem deriva esta palavra de التروب (*az-zarâb*), pl. de *canal de água*.

Algibe. — Cf. *Aljube*.

Algibebe. — A forma ár. é *الجباب* (*al-jabbâb*) e não *al-jabbeb*, como escreve Nascentes. Houve imala que por aquela transcrição não se pode observar.

Algibeira. — É preferível *الجبيبة* (*al-jibaira*), saquinho de couro e com vários bolsos usado pelos cavaleiros árabes. Na *Rev. Lusit.* (XIII, 239) D. Car. M. de Vasc. dá *الجعفة* (*al-ja'aba*) (étimo de *al-java*) + -cira. Não me parece provável. Cf. a propósito a crítica que Eduardo de Lisboa fez num número do *Diário Português* cuja data não consegui averiguar.

Algoz. — A forma árabe do nome da tribo é **غُز** (*guzz*).

Alguazil. — Cf. *aguazil*.

Alguergue. — A doutrina é de Engelmann (de **الفرق**, *al-qerq*), espécie de jôgo.

Alguidar. — Nascentes fez bem em não seguir Dozy neste ponto. No *Dicionário* dá-se como origem desta palavra (e bem) o ár. *algidar*..., escudela de barro». O anotador do *Glossaire* dá **الخمار** (*al-gadāra*), que daria uma forma semelhante a *alguidara*. Além disso essa palavra tem o inconveniente de semanticamente não servir: segundo Belot significa *argila esverdeada*. **الخمار** (*al-gidār*) é pois preferível.

Alhaima. — Falta no *Dicionário*. Exemplos: «Também andei nos aduares com meus companheiros, e neles comprei, de um sehor de ūa *alhaima* ou tenda...», B. Rodrigues, *Anais de Arzila*, I, p. 329; «... o conde, que dos dianteiros era, parou em ūas *alhaimas*...», idem, *ibidem*, p. 341. O étimo é **الحِمَة** (*al-haima*), tenda.

Alhela. — Falta no *Dicionário*. Exemplo: «... recolhendo asi todas as mais cabildas e alarves de toda aquela terra de maneira que trazia ūa *alhela* que toma tres ou quatro leguas de muitos aduares...», Rodrigues, *Anais*, I, p. 112. O Dr. David Lopes explicou aí em nota: de **الخَلَّ** (*al-helā*). Significa «arraial, acampamento de gente de guerra; por extensão exército».

Alheta. — A forma ár. é **البَطْأَة** (*al-batā'a*), bainha. A palavra significa ainda *costura, a arte de coser*. À raiz de *alfaiate* é a mesma.

Alicate. — O étimo é de Dozy: de **اللِّقَاط**, (*al-liqāt*). Nascentes transcreveu mal portanto (*allakkāt*). Tem como divergente *aluquete* (q. v.).

Alicerce. — De **الأس** (*al-iṣā'ī*), base, fundamento, fundação, princípio. Nascentes não dá a tradução. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, V, p. 175, nota.

Alidade. — De **الصَّادَة** no dizer de Nascentes, mas a transcrição não é boa: *al-idāda*, quando deve ser *al-idādā*. O *i* está num **غ** que não aparece no *Dicionário*. Acrescente-se que aquela forma não é muito conveniente: é preferível **العَصَاد** (*al-icādā*).

Alifafe. — O étimo desta palavra na acepção de *tumor dos cavalos* (que é de D. Carolina M. de Vasconcelos, *Rev. Lusit.*, XIII, p. 257) não me parece bom:

النَّفَر (*an-nafah*) dificilmente explicará o termo português. Deve ser de **اللِّحَافُ** (*al-lihāf*), peça de vestuário que cobre todo o corpo.

Alime. — A transcrição de Nascentes é má (*ālim*); deve ser *'ālim*, pois em árabe é **عَالِمٌ**, sábio; *o que conhece a lei*; teólogo, jurisconsulto. Cf. *ulema*.

Alizar. — O *a* é longo. A forma ár. é **الازَّار** (*al-izār*).

Aljama. — **الجَمَاعَة** (*al-jāma'a*) é pois a mesma palavra que explica *algema* e que Nascentes (segundo outros) apresentou como étimo de *Alfama*.

Aljamia. — É uma palavra acerca da qual Nascentes poderia fazer umas considerações interessantes. Os elementos não lhe faltavam. Na realidade deriva de **العِجَمَة** (*al-'ajamīa*). Vem portanto mal transcrita no *Dicionário*, que lhe dá a forma *alajamia*. Falta-lhe a representação do **غ**. Esta palavra deriva do radical **عِجمٌ** (*'ajam*), ser estrangeiro, não árabe. Primitivamente esta palavra parece que se aplicava aos persas, isto é, aos primeiros indo-europeus que

estiveram em contacto com os árabes. A Pérsia para os árabes era بَرْ الْعَجْمَ (barr al-*ajam*), terra estrangeira; عَجْمُونَ (*ajamu*) ou عَجْمَانَ (*ajmu*) eram os colectivos que designavam os Persas; عَجْمَانِي (*ajani*) era um estrangeiro, mas mais geralmente um Persa. Ibn-Caldune (iii, 10, 296) emprega عَجْمَ nesse sentido. Os caracteres do alfabeto árabe são, segundo eles, de origem estranha; por isso lhe chamam حُرُوفُ الْعَجْمَ (*harūf al-mu'ajam*), letras estrangeiras.

Julgo que a palavra الجَمِيَّةُ (*al-ayāniya*) era sômnente empregada para estrangeiros civilizados: os persas, os cristãos da Europa, etc. Para os povos que os árabes reconheciam como mais atrasados em relação a eles usavam uma forma onde me parece ver uma irônica onomatopeia: طَمْطُمٌ (*timtim*), que pronuncia mal o árabe. Empregavam esta palavra os árabes do Iémene para os abissínios (cf. Renan, *Hist. Génér. des Lang. Sémit.*, p. 309).

Na Península a palavra *aljamia* designava os textos romances escritos em caracteres árabes; da Idade Média Portugal nada possue dêsses documentos, mas em compensação existem na Tôrre do Tombo documentos dos princípios do séc. xvi redigidos em *aljamia*; foram publicados pelo Prof. David Lopes em 1897 sob o título *Textos em Aljamia Portuguesa*. Mereceram em 1931 um cuidadoso estudo ao Prof. Wilhelm Giese, que o publicou na *Biblos* (vii, p. 482) sob o título «Como os mouros de Ásfi grafavam o português».

Se se quiser ter noções sobre *Aljamia* leia-se Palencia, *Literatura Árabe-Española* (pp. 27, 279); Simonet, *Glossário* (p. viii e sgs.) e principalmente o prefácio da obra já apontada do Prof. David Lopes.

Os escritores dos séculos xv e xvi das cousas de Marrocos usavam a palavra designar a língua portuguesa em bôca de mouros: «... E alguns que sabião fallar *Aljamia* começaram logo d'ameaçar os nossos...», Azurara, *Cr. de Duarte de Men.*, p. 106).

Aljaya. — A transcrição desta palavra não é boa no *Dicionário*. Em árabe é الجَاهَةُ (*al-ja'aba*); Nascentes pôs *aljaba*.

Aljorces. — Melhor no sing. A palavra emprega-se na Beira. Significa campainha ou chocatão do gado. No Alentejo há *arjoz*, *cascavel*, *guiso* (Pombinho Júnior, *Rev. Lusit.*, xxv, 70). No port. arc. houve *aljarge*. Nascentes dá *aljaras*. É o étimo de Sousa (الجراس, *al-jarāṣ*). Não o aceito por causa da prosódia. M. L. Wagner, numa nota da crítica à obra de Steiger na revista *Volkstum und Kultur der Romanen* (vi, 292), apresenta الْجَرَاصُ (*al-jarāṣ*). Também não o aceito, não só pela mesma razão da anterior, mas também porque não encontrei a palavra nos Dicionários de Belot e Ben-Cedira. Em compensação ambos me forneceram uma que me serve sem inconvenientes: الْجَرَسُ (*al-jarṣ*), sino, badalo, guiso. O *a* passou a *o*, como em *almocoávar*, mas deixou vestígios no port. arc. *aljarge* e no esp. *aljaraç* com mudança de acento. A forma alentejana (*arjoz*) representa a evolução do *l* do artigo para *r*, como em *arcabuz* e *armazém*. Cf. *Bol. de Fil.*, vi, p. 9.

Aljube. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de الجَبَّةُ (*al-jubb*), cisterna. Do mesmo radical formou-se *algibe*.

Aljuz. — Não será preferível الجُزُّ (*al-juzz*), noz?

Almácega. — Nascentes aceita muitas explicações sem um comentário que ponha de sobreaviso o estudo. *Almostanca* (forma dada por Devic e Egulaz) não pode evidentemente originar *almácega*. Para evitar mais comentários: *almácega* vem do ár. *الصلك* (*al-maṣṭakā*) ou da sua variante *المصطكي* (*al-maṣṭakī*). Ambas estas formas se baseiam no grego *μαστική*.

Almádena. — O étimo é de Sousa *الآدنة* (*al-mādhnā*). Cf. D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 194.

Almadia. — Mal transcrito; não é *almadija*, mas *al-maṭadīa* (de *العدية*, à letra, *aquilo que passa*).

Almadrava. — Como a forma arábica é *المصربة* a transcrição deve ser *al-madraba*.

Almáfega. — Boa doutrina a de Nascentes neste ponto: do ár. *المرفقة* (*al-mar-faqā*). Note-se apenas o seguinte: nas *Leges et Consuetudines* (I, 193) num doc. de 1253 ainda aparece uma forma com o *r*: «... cobitus de *armarfega*, ualeat duos solidos».

Almajesto. — É na verdade do grego *μάγεστη* pelo ár. *الماجيستي* (*al-maṣīṭī*) que a palavra entrou no português. Faltou dizer que a doutrina é de Engelmann. O Prof. Rebêlo Gonçalves seguiu-a no seu trabalho *Os elementos gregos do Vocabulário Português*, p. 20. Cf. também *Bol. de Fil.*, II, p. 284.

Almarada. — A doutrina é de Dozy, mas não deve estar certa (de *المخازن*, *al-maḥārāz*).

Almea. — De *المعة*. A transcrição é portanto *al-maṛīa* e não *almaia*.

Almece. — Wagner (*Algumas Arabismos*, p. 430) deriva de *الميس* (*al-meīṣ*), *sôro de leite*; baseia-se em P. de Alcalá, Egulaz e Steiger; Dozy dá *اليص* (*al-meīṣ*), vocábulo que está registado por Beaussier e Lerebundi. Deve tratar-se talvez dumna variante local.

Almegue. — Falta no *Dicionário*. Cândido de Figueiredo (*Dic.*, 4.^a ed., s. v.) dá-lhe, com dúvida, a significação de *lodeiro*, *lodaçal*. A palavra foi estudada pelo Dr. D. Lopes («Top. Árabe de Portugal», *Rev. Lusit.*, xxiv) onde dá alguns passos abonatórios. Deve ser de *الملح* (*al-meḡṭā'a*), no vulgar *المطلع* (*al-meḡṭā'a*), *vau*.

Almeida. — Então Cândido de Figueiredo era um etimologista que podia ser citado sem comentários? Nem mesmo com um? como fez Nascentes. O étimo *almadin*, *mina*, é desastroso. Muito antes de Nascentes pensar em compor o seu *Dicionário* já ela estava explicada. Em 1902 o Prof. Dr. D. Lopes explicou-a na *Top. Árabe* (p. 19): de *اللادن* (*al-mādhnā*), *mesa, outeiro*.

É, como se sabe, um elemento da toponímia portuguesa. A razão de ser do nome da cidade pode ver-se no *Ajbar-Majmua*, p. 18, ou 27 da tradução.

Almeirão. — Simonet não é de confiança; no entanto neste ponto a sua doutrina não é má: do ár. *أميرون* (*amīrānē*). O que Nascentes escreveu não é portanto exacto.

Engelmann derivou a palavra portuguesa de *الميرون* (*al-mīrīnē*), que encontrou em Alcalá, mas Dozy considerou-a (e bem) como uma corrupção

¹ Cf. *Hespéris*, xvi, p. 91.

de أميرون (*amīrūne*), que é nome da *chicória selvagem*. A *chicória* chama-se حنطة (*hanṭebā*).

Conforme observou Dozy, a palavra arábica deriva-se do grego ἄρχεν. Cf. também Rebêlo Gonçalves, *Elem. Gr. do Voc. Port.*, p. 21.

Almeizar. — O étimo المزار (*al-maizar*) é de Engelmann. Nascentes não transcrevem bem.

Almena. — Note-se que foi Engelmann quem apresentou o étimo الماء (*al-me-na'a*), *ameia*, que vem mal transcrita no *Dicionário*; note-se ainda que Dozy não aceitou a explicação, preferindo a de Diez: *mina*. Eu prefiro a primeira.

Almenara. — Cf. *Minarete*.

Almez. — É de Engelmann a explicação (de الميس, *al-maīṣ*); Dozy põe-lhe algumas reservas. Cf. *almece*.

Almiar, Almiara. — Nascentes não viu tudo o que havia acerca deste assunto. Engelmann e Dozy também se ocuparam dêle. O primeiro deriva esta palavra de الميار (*al-miār*), pl. de الميارة (*al-miāra*), que significa *aprovisionamento, monte de cereal* (Ben-Cedira dá como pl. ميارة). Dozy, tal como Monlau, prefere البيردر (*al-beidr*), *monte de feno*. A prosódia opõe-se à sua evolução até *almiar*; a fonética ainda mais. As engenhosas explicações não me convencem. A primeira parece-me melhor: é conhecido o uso dos campões de, à medida que a ceifa caminha, ir amontoando o cereal; se qualquer dêles, cansado pela dura tarefa realizada sob a torreira de sol, fizer recuar o largo chapéu para o alto da cabeça e limpar a testa orvalhada ao lenço enorme e olhar a parte da vasta planície já percorrida, a sua atenção, pelo menos momentaneamente, demorar-se-á nos montes de cereal que se foram levantando à medida que ele e os seus companheiros os foram deixando pelo solo. *Montes de feno* é الميار, mas por individualização (como sucedeu em *folia* > *fólia*) passou a designar o *monte de feno*. A palavra الميارة devia-se empregar como colectivo. Sobre isso não tenho dúvida. Prova-o *almiara*, onde julgo ver um nome de unidade dessa palavra: الميارة > الميارة (*al-miāra*).

Almirante. — Nascentes coligiu as principais opiniões que têm sido apresentadas, mas fá-lo de tal maneira resumidamente que corta algumas considerações que julgo indispensáveis para a boa compreensão das doutrinas. Por isso faço uma revisão e digo depois o que me parece.

Engelmann apresentou أمير البحر (*amīr al-bahr*), *comandante do mar*, e afirmou que «évidemment c'est là l'origine du mot en question», mas logo parece hesitar ao verificar que «le français *amiral* se rapproche le plus de l'original; en italien et en espagnol le mot a été alteré», e fica-se por aqui. Dozy julgava ver na sílaba *-al* de *amiral*¹ a terminação latina *alis* ou *alius* e *ayius* em *almiragius* (citado por Du Cange) e ant. esp. *almirage* ou *almiraje*; *-ans*, *-antis* para o esp. e port. *almirante*, etc. Eguilaz, como Lokotsch, pretende *amir al-rahīl*, *comandante de transporte*, onde o *al-* é causado pela analogia com outras palavras árabes e o sufixo por etimologia popular com

¹ ALBERT DAUZAT no seu recente *Dictionnaire Etymologique* (s. v. *amiral*) diz a palavra «empr. à l'arabe *amīr*, chef, avec une finale obscure».

o participípio presente latino. Littré e Diez dizem o mesmo que Dozy. A Coelho pretende um *almirar* que significaria *comandar*, mas Gebhardt já prefere a expressão *amir-amiron*, o *emir dos emires*.

Na minha opinião a hipótese de Dozy é a única que deve ser tomada em conta: *amir* tomaria na Península Ibérica e na Itálica a terminação latina *-ans*, *-antis*. A ser assim estamos na presença dumha forma híbrida. Esta forma devia ter tido uma grande vitalidade. No fr. arc. aparece-nos *amirant* (*REW*, 423), no prov. *amiran* (*idem*); julgo estas palavras de origem peninsular, assim como me parece ser a vulgar no Norte de África na época de Iben-Caldune; este escritor diz o seguinte: «Le commandement de la flotte forme une des dignités de l'empire musulman. Dans le royaume de Maghreb et (dans celui) de l'Ifrikiya, l'officier qui remplit cette charge est inférieur en rang au chef de l'armée, et, dans beaucoup de cas, il est tenu de lui obéir. Son titre, en langage des marins, est *almilend*, emprunté à la langue des Francs, qui s'en servent avec la même signification», *Prolegom.*, vol. II, p. 37. O testemunho do grande escritor é insuspeito e é melhor do que tôdas as teorias que possam ser arquitectadas. O *l* de *al* não é portanto o artigo árabe, mas um fonema estranho para os árabes e que se encontrava na palavra romance; aqui era produto dumha analogia com o artigo. Há mais casos deste fenômeno e nesta palavra: «... fuit enim Scripturam amator, eloquentia mirificus, in praelitis expeditus, qui et apud *Almiralum inimicis* prudentior inter ceteros inventus...», Isidoro L'acense, citado por Lafuente e Alcântara nos *Apêndices* (p. 149) do *Ajbar Majmua*. Na *Crón. de Afonso Henriques*, de Duarte Galvão: «... e estando assi o Infante D. Sancho em Santarém *Almiramolim* Emperador antre os Mouros Rei de Marrocos...», p. 160. Cf. as seguintes.

A influência das línguas hispânicas sobre o árabe setentrional é grande; no campo náutico sobretudo. Um exemplo: uma das palavras que designam uma *armada* é *رماة* (*remāda*); deriva do peninsular *armada*. Esta palavra ocorre em quâsi todos os dicionários dos dialetoes magrebinos e substitue a forma oriental *أسطول* (*aqṣūl*), do gr. *πόλεις*. Verifica-se portanto que as palavras que designam *armada* em árabe têm uma ascendência imediata não semítica.

Almirante é uma palavra antiga no português, mas é possível que o seu uso se desenvolvesse com a criação do cargo; como se sabe, ele foi privativo durante bastantes anos da família Peçanha, de origem italiana. No Livro III da *Chancelaria de D. Denis*, fol. 137, está um documento datado de 14 de Abril de 1321 e que tem por epígrafe «Carta per que os Arrayzes e Alcaides e petintaaes nomi Respondam senous perante o Almirante». Nas «Provass» da *Hist. Gen.* (I, p. 95) vem uma «Carta do Almirante a Miccer Pessanha» de 1 de Fevereiro de 1322. Em Fernão Lopes são vulgares alusões ao cargo nessa família (*Crón. D. Pedro*, pp. 32, 76, 77, etc.). Segundo Viterbo (s. v. *Cabdel*) os *Almirantes* em certa época também eram chamados *cabe-deis* e cita em abonação um trecho que não indica donde extraiu e em que era foi escrito.

¿ Não será a palavra portuguesa de origem italiana?

Notem-se a propósito estas palavras de Viterbo: «*Almirante*. Hoje em Portugal he a segunda pessoa depois do general da Armada. Dos *Amiraes*,

ou *Admiraes dos Mouros* passou este nome (que entre os Turcos, e Sarraquenos se dava a senhores de terras, e governadores de praças) aos Sicilianos, e Genovezes, que com elle intitularam os generaes das suas galeras. D'aqui passande ao resto da Europa foi dado o título de *Almirante mór* ao general da armada de alto bordo; ficando o de simples *Almirante* ao general das galés» (s. v.).

É pena que o passo de Iben-Caldune acima citado não seja um pouco mais preciso a propósito dos *Frances*.

No *Livro de Montaria* de D. João I (publicado por Esteves Pereira) aparece *armiral*: «... ca assi aconteceu ao *armiral* que o bôe duque Guadufel prendeo no cerco de Antiochia...», p. 19. Como nessa época já existia *almirante* julgo que estamos na presença dum galicismo.

Além da forma acima citada de provável origem peninsular, existiam em fr. arc. outras, mas não com o significado de *capitão de mar*, mas no de *chefe* (geralmente pagão). São as seguintes: *amiragle* («Les amiragles et les filz as cuntrue», *Canç. de Rol.*, v. 850); *amuragles* («Uns amuragles i ad de Bala-guez», *idem*, v. 894); *amiral* («Si la tramist li amiralz de Primes», *idem*, v. 967; cf. v. 166); *amirail* («Co est l'amiraill le viel d'antiquitet», *idem*, v. 2615; cf. 2747). Para *Amiral* «de sens modern s'est développé à la cour des Normands de Sicile, où *amiragliis* était le titre du chef de la flotte», no dizer de Melander, p. 91. Bloch é da mesma opinião. Na época de Joinville (séc. xiii) a palavra já significava *capitão de mar*: «Li grans *amiraus* des Galies», 326, segundo a citação de Darmesteter (*Dict. Etym.*); este A. apresenta *admiral* como do séc. xvi. O *ad-* vem por confusão com a mesma preposição latina. Ainda nos aparece em 1718 no *Dict. de l'Acad.* É a ela que se ligam as formas inglesa e alemã: *admiral*.

Em italiano além de *almirante* existe também *amiraglio*, de um antigo *almiraglio* citado no *REW*; no *Purgatorio* (xxx, v. 58) aparece já com o sentido moderno: «Quasi *amiraglio* che in popa et in prora / viene a veder a gente che ministra / per li altri lequi...». A palavra italiana era conhecida no Cairo no séc. xvi; mas julgo-a que aí tinha o sentido de *chefe, nobre, grande senhor*. O testemunho é do nosso Tenreiro: «... vi na dita cidade (Cairo) outros dez, ou doze aposentos, como estes, que sabião a ser de outros grandes senhores dos mesmos Mamaluceos, que se chamavão *almiratus*, que em aquele tempo já não havia memória, pela maior parte morrerem nas batalhas...», *Itinerário*, p. 82.

Meyer-Lübke (*REW*, 423) cita ainda *amiratus* (forma latina em Eibnab), *amiré* em fr. arc.; no prov. da mais acima apresentada há *almirat* e *amiral*; no grego moderno temos *amirás*, -*oidon*.

امير البحر (*Amīr al-bahr*), que Engelmann apresentou, aparece-nos no Oriente no séc. xvii: «E o *mirabir* seraã do divão e dos portugueses...», Júlio Biker, *Col. de Trat.*, 1, p. 87 (in Dalgado, *Glossário*, s. v.).

Almíscar. — A doutrina é a de Dalgado (*Glossário*).

Almóadas. — Falta no *Dicionário*. De **المُوحَدُون** (*al-mūħādūn*), *unitários*, porque o seu fundador afirmou a unidade de Deus absoluta e por isso eles revoltaram-se contra os *Almorávidas* (q. v.), considerados politeístas pela forma material e grosseira que davam aos atributos de Deus (D. Lopes). Acórcia da terminação -as, mais portuguesa, q. v. D. Lopes, *Árabes em Herc.*, p. 190.

Almocábar.—Q. v. *Almocávar*.

Almocadém.—É na realidade de الْمَقَدِّم (almoqaddeme). Esta palavra foi expli-

cada por Dozy, como já o fôra por Cañes. A forma arábica significa *chefe, capitão, Superior duma confraria*. Nascentes diz «capitão de navio». Essa acepção deram-lhe os portugueses tarde. Primitivamente era um capitão de infantaria: *almocadens*, it est, Princeps Peditum», segundo Rodrigo Cerratense (*Esp. Sag.*, iv, 396); «... e com esta vontade mandou o adail com seus *Almocadens*, e escuitas a saber parte da terra», Azurara, *Duarte Men.*, p. 40. É até bem elucidativo este passo: «Do boom peam se fazia o boom *Almocadem*, e do boom *Almocadem* o bom almoquavare de cavallo, e daquelle o boom Adayl», *Cod. Alf.*, liv. i, tit. 66 (cit. de Viterbo, s. v. *Coudel*).

Note-se ainda que hoje a palavra é largamente empregada em Marrocos: designa um oficial inferior (Cf. Sicard, *Voc. Franco-Arabe*, p. 219).

No séc. xvi é que nos aparece a palavra com a significação de patrão dum navio, piloto. Os outros povos que foram ao Oriente receberam a palavra. Veja-se o *Hobson-Jobson* s. v. *Mocudum*. A obra de André Bellessort, *Voyages de S. François Xavier*, traz a seguir à p. 32 uma interessante gravura onde mostra «comment voyageaient les portugais sur la côte des Indes». A gravura é holandesa e antiga; junto ao piloto traz a palavra *Mocadaon*¹. A prosódia árabe exigiria *almocádem*, mas por uma deslocação fácil do acento surgiu a forma aguda, como em *armazém* (q. v.).

Almocafre.—A doutrina é a de Dozy (de المخافر, *al-muħāfir*). Julgo difícil a passagem de ح a k. Engelmann apresentara a forma المخطف (al-muħāfi), que não satisfaz.

Almocávar.—Nascentes dá a etimologia s. v. *almocábar*. Esta não é a forma mais usada. المقبرة (al-moqabara), como querem Engelmann e Steiger, daria *almocávara*, que não está documentado. Dozy dá المقابر (al-moqābar), que já explica a palavra portuguesa satisfatoriamente. É a forma marroquina. Wagner aceita-a (*V. K. R.*, vi, p. 292). Esta palavra no singular significa «túmulo, sepulcro. Cemitérios» (Beaussier). O plural equivale portanto a um colectivo: *túmulos*. O conjunto de túmulos constitue o cemitério. É curioso e bem esclarecedor este passo: «Huma legoa destes pardieiros, esta (=está) huma serca em que emeteram os Mouros, a que chamam *Almocavar*», *Une Description du Maroc*, p. 14.

Almocela.—De مصل (al-muṣala), tapete para rezar; à letra: lugar onde se reza. Bem em Nascentes, mas mal transcrito. Cf. *aqafale*.

Almocreve.—Quasi todos os estudiosos desde Engelmann são unâimes a afirmar como etimologia desta palavra o ár. مكاري (al-mukāri) que, segundo Beaussier, significa «journalier, surtout pour moissoner. Ouvrier, manoeuvre, homme à gages, mercenaire. Locataire. Muletier, moncre, Poneur de montures». Pelo que se acaba de verificar o sentido é mais ou menos o

¹ Essa gravura vem também reproduzida na *História da Expansão Portuguesa* em folha sóta (junto à p. 89 do 2.º vol.) com a designação de «Barco Indo-Português». Infelizmente (talvez por vir invertida) cortaram ai a palavra. Segundo se afirma nessa obra, a gravura vem na *Navigatio ac Itinerarium* de J. Huygen van Linschotten. Haia, 1599.

mesmo; por esse lado portanto nada se opõe. Sob o ponto de vista fonético é que as dificuldades aparecem: poder-se-á aventar que não será aquela a explicação, mas no *Livro Negro de Coimbra* aparece-nos este passo: «Ut *almokeri* non faciant sine suo grato plusquam unum sernicium in anno», fl. 222 r. A leitura não pode oferecer dúvida. Em *almokeri* julgo ver um representante regular daquela forma árabe, assim como no arc. *al-moqueire*. *Almoereve* derivará daí? O e constitue uma grande dificuldade que não sei como resolver.

Almoeda. — É Engelmann que pretende derivar esta palavra de المَادِيَة (al-mānādīyah). Esta palavra daria *almonadía*, *almondia* ou *almoedit*; nunca *almoeda*. Cañes aventou المَنَادِي (al-munādī), gritador público, pregoeiro de leilões. A Semântica e a Fonética opõem-se a essa explicação. Dozy apresentou المَادِيَ (al-monādī). Daria *almonadī*, *almoedi*. Mais próxima semântica e fonéticamente da forma portuguesa é a palavra المَلَدَادَة (al-monādātā), proclamação, anúncio, leilão. Aben-Cuzmán (Canc. xxiv, v. 15) dá-nos a forma المَادَادَة (al-monādātā), que satisfaz perfeitamente.

Almofate. — Como diz Nascentes, Egüllaz e Lokotsch aventaram المَخْتَفَى (al-mīhiyāt), agulha. Embora não sirva, acrescente-se a hipótese de Dozy: de المَخْرَاز (al-mīharāz).

Almofia. — Nascentes dá المَحْفِيَة (al-mūfiyah), que não sei aonde foi buscar. Sousa dá a forma المَوْفِيَة (al-mūfiyah), que Dozy desconhece. Eu também não a encontrei nos dicionários que consultei. Segundo Gayangos (*Mem. Hist. Esp.*, III, 95), a forma africana é المَهْفَيَة (al-mēfāyah), que em Tetuão é o prato de cobre onde se serve a aportada. É esta a forma que a Academia Espanhola dá. Em Rabat existe a palavra المَحْفِيَة (al-mīfīyah). É um noite de vaso. Designa um prato grande de barro envernizado ou esmaltado, profundo e muito largo. Serve para apresentar os cusçus. É o maior prato da casa e tem sempre um certo valor. Já não se fabrica. (Brunot, p. 119). Cf. Marçais, p. 282. O étimo de *almofia* julgo que deve estar numa destas palavras: المَهْفَيَة ou المَحْفِيَة, que não devem estar longe da forma que se usou na Península.

Almofreixe. — Muito mais razoável é a explicação de Dozy, baseado em Cobarrubias: de المَفْرَاس (al-mofrās), «la funda en que se lleva la cama de camino».

Almogama. — É Dozy quem deriva esta palavra de المَجَامِع (al-majāmū'ah), plural de جَمْع (majāmū'a). Vem, portanto, mal transcrita em Nascentes. Acrescente-se que esta doutrina foi apresentada pelo Dr. David Lopes (*Cousas*, p. 9, e *Top. Árabe*, p. 11).

Almogávar. — A forma árabe é المُغَارِبُ. A transcrição é *al-mugābūr*. A palavra não significa guerreiro, mas o que faz incursões. Deriva do verbo غَارِب (gā'ib), fazer uma incursão, que por sua vez deriva de غَار (gā'ir), penetrar.

Almojávena. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de المُجَاهِبَة (al-mujāhabah). O ب não é portanto geminado, como vem no *Dicionário*.

Almôndega. — Para melhor explicação desse vocábulo é necessário o nome de unidade: البَنْدَقَة (al-bundaqah); em caso contrário o -a final ficava por explicar.

Almorávidas. — Tal como *Almóedas* falta no *Dicionário*. De المَرْأَطُون (al-murāṭūn), os ermitas. «Receberam o nome de um relato que Ibn Iacine, o

primeiro que lhes pregou a religião do islamismo e foi o seu primeiro imame, construiu numa ilhota junto da costa do Oceano, aonde acorriam os que desejavam ouvir a sua doutrinação santa; e tam numerosos se tornaram que em breve subjugaram os berberes do Sáhara, e por fim Marrocos e a Península», D. Lopes, *Arabes em Herc.*, p. 191. Acéreca da transcrição -as da palavra portuguesa q. v. a obra citada, p. 190.

Almotacé. — A explicação é de Engelmann (المحتسب, *al-muhtasib*). Com esta palavra designam-se os individuos encarregados de verificar os pesos e medidas nos mercados. Engelmann dá a forma *almutaceb* como existente no *Fuero de Madrid*; pois em port. arc. também ocorrem formas muito euro-sas: «Minea iohannis *almotaceph* et da septentrionem sia», *Dipl.*, p. 478 (doc. de 1094); «Omne piscatum quod uenerit de mare, uendatur in sua barca per manu de *almutazeb*... nullo modo uendatur nisi per manus *almutazeb*. Et piscatum aut marisicum quod ad easam de bonis hominibus uenerit non uendatur ibi nisi per manu de *almutazeb*», *Leges*, I, p. 743. A propósito de *almotacés* q. v. Herculano, *História*, VII, pp. 315-325; Gama Barros, *Adm.*, I, p. 602. De *almotacé* formou-se *almotaçar*: «... e homees bôdes do deecto Couto metiam almotaçees no deecto couto que *almotaçauam* o pam e o uynho...», *Uma Certidão de F. Lopes*, XLVII, p. 96.

Almotolia. — Quem primeiramente estudou esta palavra foi também Engelmann: de المطلي (al-mutali), mas eu prefiro o nome de unidade: المطالية (almotolia).

Almoxarife. — Nascentes faz mal em citar o Prof. Nunes para questões árabicas. O sábio professor não era um especialista. Note-se no entanto que na 2.^a ed. da *Gramática Histórica* esta palavra vem bem explicada (p. 191): de *almoxrif*, que é uma boa transcrição do ár. *المشرف*, *honrado*, *ennobrecido*, *ilustrado*, *ilustre*, *nobre* (Beaussier); *inspector*, *intendente*, segundo também Engelmann, que Nascentes devia consultar. A transcrição do *Dicionário* não é, pois, boa (*almushrif*). Note-se que Lokotsch (1519) também transcreveu bem.

Almuadem, Almuadim. — A forma vulgar é المؤذن (*al-muadhhen*), «pregoeiro que do alto da torre da mesquita chama os fieis à oração». As mesquitas não tem sinos..., D. Lopes, *Arabes em Herc.*, p. 194. Modernamente tem aparecido o escusado *muezzin*. É um galicismo. Cf. Gonç. Viana: *Apost.*, I, 53; *Palest.*, 10; *Ort. Nac.*, 220, 223.

O Prof. David Lopes no seu recente trabalho *Alguns vocábulos árabico-portugueses*, etc. (p. 7), prefere como melhor forma portuguesa *almuedam*, vinda talvez pelo esp. *almuedan*. *Almuadem* não será mais do que a transcrição da palavra árabe. A palavra *almuedam* ocorre em Azurara sob a forma *almoedam*. Vem na *Crónica da Conquista de Ceuta*. O Dr. D. Lopes fez a citação no seu estudo. Mas agora uma curiosidade: o cap. XIII da *Crónica de D. Pedro de Meneses* coincide em muitos passos com o da de *Ceuta* onde ocorre o vocábulo (o LXXXIX). Pois lá também ele nos aparece num passo semelhante, mas com outra forma: «... o qual me deu a ensinar a hum *Almoedan* da Mesquita maier...».

Almucábala. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de المقابلة (al-muqābala), que significa realmente *comparação*. *Álgebra* dizia-se علم الجبر و المقابلة (*‘ilm al-jabar walmuqābala*), *ciência da redução e comparação*.

Almude.—De **الملود** (*al-mūd*), medida de grãos com a capacidade de cerca de 75 centilitros (Ben-Cedira), mas, tal como sucede hoje na Península, também no Norte de África o *almude* varia de capacidade conforme as regiões (cf. Sicard, *Vocabulaire*, p. 24). Como a Gramática Comparativa das Línguas Semíticas ainda não tem bases seguras neste ponto, tal como a Gramática Histórica de cada uma das suas línguas, julgo que é ainda cedo para se poder aventar qualquer hipótese acérea da influência mútua delas; quando um dia for possível calcular mais ou menos aproximadamente a antiguidade de cada vocábulo dentro do árabe é que talvez, de acordo com os outros meios de que a Filologia dispõe, se possa determinar até onde essas influências chegaram. Portanto julgo que dizer o árabe **الملاعنة** derivado «do hebraico *mad*, medida, através do grego *mōdios* e do lat. *modius*», é uma afirmação ainda arriscada. Nada o testemunha. ¿ Quem nos diz também que Eguilaz não tem razão ao «admitir a hipótese de a palavra ser comum às línguas arianas e às semíticas? » ¿ Quem sabe se não se trata dum a mera convergência mórfica apenas acidental? Veja-se o que sucede com o árabe **أرض** (*ard*) em relação com o inglês *Earth* e o alemão *Erde*. Cf. *Vestigios*, de Sousa, p. iv, para outros casos.

Almunia.—O ár. **المونيا** (*al-mūniā*) significa *casal, herdade*. Cf. D. Lopes, *Top. Árabe*, p. 20.

Alpe.—Julgo pouco possível a etimologia desta palavra no «ár. *mlabá*, coberto».

Alpercata.—Note-se que em árabe há **بلقة** (*balqā*), «espèce de pantoufles, de souliers ordinairement en cuir jaune, couvrant tout le pied» (Beaussier). A forma portuguesa poderia portanto vir do plural, que neste caso não seria **بلاغي**, mas o regular **البلغاب** (*at-balqāt*).

Alqueive.—Engelmann deu **القراء** (*al-qāra*). É uma explicação que não satisfaz; espera-se ainda hoje por uma razoável.

Alquequenje.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de **الكافكاج** (*al-kākāj*, *kanj*), *resina*.

Alqueria.—**القرية** (*al-qariā*) significa *aldeia*. Devia ser preferível fazer o verbete cheio em *alearia*. É forma mais vulgar.

Alquermes.—A doutrina é de Engelmann: de **القرمز** (*al-qarmz*), *grã de escarlate*. Da mesma raiz que *carmesim* (q. v.).

Alquiece, Alquiez.—A forma ár. é **القياس**; portanto *al-qīāṣ*, que significa realmente *medida*. A explicação foi dada por Dozy.

Alquiafa.—Dificilmente se pode admitir a etimologia de Eguilaz.

Alquifol.—É uma forma que representa a evolução normal de **الكحول** (*al-kohūl*), forma vulg. de **الكحول** (*al-kihul*). É realmente um divergente de *alcool* (q. v.).

Alquilé, Alquiler.—A explicação é também de Engelmann: **الكراء** (*al-kirā*). É a «pension que se paga por alquile». P. Alcalá.

Alquimia.—Foi Dévic quem apresentou a etimologia grega (*κύψις* ou *κυψία*) do árabe **الكيمياء** (*al-kīmīā*). No lat. med. havia *alchémia*. O Prof. A. Magne diz a forma grega de origem egípcia (*Rev. de Fil. Hist.*, I, p. 385).

Alquiná, Alquinal.—Falta no *Dicionário*. De **الفناع** (*al-qinā'a*) (Engelmann).

Alquitara. — Engelmann foi quem derivou esta palavra de القطارة (*al-qatāra*), *atambique*.

Altaforma. — Engelmann diz que a palavra التافرمة (*at-tāfarma*) de P. Alcalá lhe é desconhecida. Não sabe se é palavra árabe, se é transcrição da forma espanhola, ou se será ainda uma forma berbere, como lhe pareceu indicar o prefixo *ات-* (*iṭā*).

Aluá. — É uma palavra que falta no *Dicionário*. Vem registada no *Glossário* de Dalgado. Entrou no Oriente. De حلة (*halāha*), que, como se viu, deu regularmente *al-féloa* (q. v.) no continente.

Aludel. — A forma ár. é الْأَذْلَل (*al-uthāl*). A explicação é de Dozy. Diz o grande orientalista que essa palavra na língua clássica é glória, nobreza. Devia ter sido considerada como sinónimo de اثْلَال (*athala*), utensílios.

Aluquete. — É uma palavra que falta no *Dicionário*. Significava cadeado, fechadura. Segundo eu penso deve ter origem no ár. القُلْقَاف (*al-luqāf*), tenazes, pinças. É portanto uma forma divergente de alicate (q. v.). Cf. *Bol. de Fil.*, vi, p. 11.

Alvaiade. — No *Dicionário* a transcrição vem sem o *o* do artigo. É uma gralha. (De البياض, *al-baīād*, branura, giz, terra branca).

Alvanega. — A segunda sílaba é longa em árabe: *al-banīqa* (البنقة), peça triangular que se coloca sob as mangas da camisa para a alargar; espécie de carapuça de mulher, usada especialmente para a saída do banho.

Alvará. — O verdadeiro étimo desta palavra é البراءة (*al-barārah*), carta, cédula. Nascentes traz *albarat*. Havia também a forma regular *alvaral*: «... vay san-deu / a Eluora por aluaral / delrey...», G. Vie., *Auto Past. Port.*, fl. 26 v.

Alvaraz. — Está bem. É de البرص (*al-barṣ*), lepra branca. Acrescente-se: *Rev. Lusit.*, xiv, 243, onde Nascentes devia ter visto essa explicação.

Alvarral. — Não sei como é possível الغربال (*al-garbāl*) dar *alvarral*. Na realidade o sentido é o mesmo. (Onde viu Nascentes esta explicação?)

Uma hipótese apresentada *sob todas as reservas*: não será de البرى (*al-barārah*), que significa terra, poeira. Do sentido de *o que passava pela peneira* se teria chegado ao da própria *peneira*.

Alveci. — É interessante esta palavra. A ser exacto o étimo proposto (de الوشى, *al-uaxi*) temos um ش a dar *c*, o que é raro. Viterbo (s. v. *alveci*) dá um *alvejō*. Mais de acordo com o étimo acima apresentado está *alquexi*, que ocorre em Du Cange.

Alvenaria. — Como ajoagagem esta palavra é de formação romântica. A sua base está em بنيان (*banā*), construir, como *alvanel*.

Alvissaras. — Costuma-se derivar esta palavra de البشرة (*al-bixāra*), a recompensa que se dá a quem traz uma boa nova; julgo a passagem de uma forma grave a esdrúxula difícil; o inverso já é frequente. Por isso outra explicação se impõe. A forma que proponho tem a vantagem de não oferecer dúvida de carácter prosódico ou semântico: البشرى (*al-buxrā*), *boa nova* (Beausier). Freitag e Gólio fazem esta palavra sinónima da outra: *Lætus nuntius*. Embora أبشر seja a forma mais usual *hoje*, isso não quer dizer que a outra não o fosse na Península; note-se que sendo elas sinónimas num ponto (*boa nova*), e que a palavra grave também significa, como disse, *recompensa* e ainda para mais tendo elas a mesma raiz, tudo isso me leva a acreditar numa

confusão, a que as formas port. e esp. (*albricias*) ainda mais força dão. Num ou noutro caso porém o que não se deve pôr em dúvida é a grafia com *ss*. Essa grafia é antiga no português: «pediolhe a *atissera* do que mandara fazer...», F. Lopes, *Cr. D. Pedro*, p. 30. Mais passos abonatórios há, mas a falta de espaço impede-me de os apresentar aqui. Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, vi, p. 12.

Alvitana. — Não é impossível que esta palavra derive do ár. الْبَطَانَة (al-bitāna), *fórro, pele de carneiro*. ¿Significaria *rèle* na Península? Hoje emprega-se largamente em Marrocos na tecnologia marítima (cf. L. Brunot, *Notes Lex. sur le Voc.*, etc., s. v.).

Alvorôço. — A forma ár. é البرُوز (al-borūz). Diez explicara por um لَفْط (al-fort). A explicação é de Engelmann.

Ambar. — A forma ár. é عَسْر, por isso a transcrição deve ser *anbar* e não *ambar*, como faz Nascentes. É necessário respeitar a inicial aspirada. Também há a forma com o artigo: *alambre*, assim como a variante *ambre*.

Anaco. — Falta no *Dicionário*. É o árabe حَنْقَى (anāq) «de caprae pullo sem nondum anni spatio peracto ad hibetur» (Freytag, iii, 234), «chêvre à moins d'un an» (Gasselini, i, 237), e quanto à Península cf. *Vocabulista in Arabico*, 281, s. v. «capra»: لَبَّادَة e igualmente na parte árabe-latina, p. 146», M. L. Wagner, *Algumas Arabismos*, p. 440.

Não se justifica portanto a hipótese castelhana. O Dr. Agostinho Fortes, *Nótulas acéreas dum falar da margem esquerda da Guadiana acompanhadas de algumas notícias folclóricas*¹, apresentou esse étimo com dúvida.

Anadel. — A ser exacto o étimo proposto (الْأَنْذَلُ, an-nāḍar, *inspector, intendente*), esta palavra dá-nos um exemplo da articulação oclusiva ápico-dental do ل, de que mais tarde nos aparecem testemunhos na Aljânia Portuguesa. É a articulação do Norte de África. O t não é irregular. Cf. *anafil, enxoval, agnázil*, etc.

Anáfega. — De *annabika?* Como? Dozy derivou de الخفقة (an-naṣeqa), explicação que me parece aceitável.

Andaime. — Decerto por descuido de revisão a forma ár. que dá o *Dicionário* parece composta por duas palavras, o que não é verdade. O étimo (conforme disse Dozy) está na verdade num plural: الْدَّعَائِمَ (ad-dā'īm), que se transcreve *ad-dā'īme*. O singular é الدَّعَائِمَة (ad-dā'īma), mas também aparece (ad-dā'īma). Em Du Cange aparece um *adā'īmum*, mas trata-se já de uma forma românica.

Anexim. — Como a forma ár. é الشَّيْءَ الْمُنْخَلِقَ, a transcrição deve ser *an-naxīd*. O ant. esp. tinha *anexir* e *anaxir*. Freytag traduziu a forma ár. por «recitatum carmen».

Anfião. — A forma ár. correspondente ao gr. ἀντιαῖον é عَفِيَّون, que se transcreve *afīān*. Nascentes não representou pois o ع.

Anta (1). — É Dozy quem deriva de لَامَتْ (lāmt), *animal do género dos antílopes*. A estar aqui o étimo, seria preferível o nome de unidade: لَامَة (lāmata). Ver L. Vasc., *Lig.*, 252, n., conforme indica Nascentes.

¹ *Língua Portuguesa*, iii.

Anúduva.— Falta no *Dicionário*. De **النُّدْبَة** (*an-nudba*), *convite, chamamento, apelo*. A *anúduva* era o imposto braçal nas fortalezas e edifícios reais. Portanto quando elas eram necessárias *chamaram-se* os indivíduos sujeitos a esse imposto.

Aqueme.— Não sei como **الحاكم** (*al-hakem*), *juiz, árbitro, daria aqueme*. E o *t* do artigo? Deve ser pois de **حاكم** (*hakem*) que a palavra deriva.

Arabe.— Do lat. *arabe*; não de **عربي** (*arabi*), que daria regularmente *arabi* ou *aravi*. A explicação é do Dr. D. Lopes (*Alg. Vac.*, p. 7-8), que acrescenta: «Os escritores... falam de Árabes na forma *Alarabes* (*Alaraves* e *Alarves*); e na verdade na língua árabe *alarab* designa o povo Árabe e é um colectivo; por isso não podia dar o vocábulo estudado acima (*árabe*). Do colectivo a nossa gente fez um plural; e, de facto, é sempre no plural que os nossos escritores o empregam. Este vocábulo deve ser relativamente moderno na nossa língua; o texto mais antigo que conheço é do século XIV e vem no *III Livro de Linhagens* nos passos indicados pelo Sr. Dr. J. J. Nunes na *Crestomátia Arcaica*¹ nas formas *alarabes* e *alaraves*. Chamaram os nossos assim à população nómada de Marrocos de origem árabe, que vivia nas plantações daquele país. Devia ser muito conhecida dos Portugueses que iam ou viviam nas praças de África. Os cronistas e documentos estão cheios de exemplos. Sejam estes entre muitos. Nos meus *Textos em Aljâamia Portuguesa*: «... assi alarves como barbaros»²; em Janer «Moros alarbes»³; e em Mármorel «los arabes»⁴. Góis já lhes chama *Arabes*⁵ (Idem, *ibidem*, p. 8).

Esta palavra perdeu terreno ante a invasão de *mouro*, que, embora primitivamente designasse só os habitantes do Magrebe, mais tarde viu alargar o seu sentido até passar a designar na linguagem corrente um sectário de Maomé.

Há um autor português cujo testemunho é particularmente curioso: António Tenreiro. No seu *Itinerário* emprega quase sempre *Mouro* por

¹ «P. 50, 53 e 59: batalha do Salado».

² «P. 182. Cf. p. 102, 103, 120, 121, 125, etc. Também ocorre na forma *alaraves*: p. 92, 93, 147 etc.».

³ «Condición social de los moriscos», p. 173».

⁴ «Descripción de África», P. II, fls. 114-5».

⁵ «Crónica de D. Manuel», III, cap. 47». Por me parecer interessante transcrevo este passo, onde o A. põe em contraste as qualidades do árabe propriamente dito e do berbere: «hos habitadores dos lugares cercados, sam mouros de naçam, naturaes da terra, a que chamão Barbaros, ho qual nome tomão da província de Africa, chamada Barbaria, que he esta em que estes tambem vivem, cõ outras muitas. Hos outros que sempre andão no campo se chamam Arabes, & dizem que este vierão de Arabia, & se fezeram senhores terra, hos quaes sam mais guerreiros, & poderosos que hos que vivem nos lugares cercados».

O mesmo Damião de Góis também empregou a palavra na *Crón. do Princ. D. João*: «... na qual dignidade continuou atte ho tempo em que hos *Arabes*, & seguidores da seita de Mafamede ganhara, & aqueria pera sim (sic) toda ha Mauritania», p. 41.

Árabe; um exemplo: «Desta cidade (Sabá) vay num deserto para a banda do ponente, que vay ter junto do rio Eufrates e Babylonia, ou Bagodar, chamado assim pelos *mouros*», p. 25; no entanto existiam dentro do enorme colectivo que é *mouro* algumas raças e muitos povos que era necessário distinguir; eis alguns exemplos também tirados do mesmo Tenreiro: «... os habitadores são *mouros*, gente branca, todos *turquimais*, e *persianos*», p. 25; «Será (Cefete) de mil vizinhos *mouros Árabes*, e judeus hespanhoes...», p. 69; «... chegámos a húa aldêa povoada de *mouros Árabes*...», p. 70; «He habitada de *mouros árabes*...», p. 72; «... os mais dos dias vinham muitos *mouros e mouras e Persianos* em magotes...», p. 38.

Nascentes explica esta palavra assim: «Do ár. *arabs*», e mais nada. Nessa frase há dois erros: 1.º *Arabe* tem origem latina e não arábica. Em lat. havia a palavra *Arabs*, *-ab/s*, que, segundo o *Magnum Lexicon*, foi empregada por Vergílio. 2.º A ter uma origem arábica não seria aquela porque a palavra que julgo estar ali é عرب (**arab*) e essa é um colectivo; designa árabes e não árabe (que é como disse acima، عربی). 3.º A transcrição não é boa: conforme o costume, Nascentes não usou um sinal que testemunhasse a existência do *ء* na forma originária.

Araca. — A etimologia é essa. Dalgado e Yule também a aceitaram. A transcrição é que não é boa: visto que a forma árabe é عرق, deve ser *'araq*. *Araca* é uma palavra medieval.

Embora não a perdessemos, tornamos a recebê-la no séc. XVI no Oriente sob a forma *Orraca* (q. v.).

Aranzel. — Este artigo encerra algumas afirmações que não são verdadeiras:

1.º Não foi Lokotsch que explicou primeiramente esta palavra do ár. مراسم (*marāṣim*), mas sim, como se vai verificar, Dozy.

2.º Dozy-Engelmann, *Eguilaz* não se *apegam a "alasar" ou "alaser"*, pl. de «assir». Dos três autores citados só quem defendeu essa hipótese foi Eguilaz. Dozy e Engelmann apresentaram outras explicações: Engelmann citou dubitativamente الرسالة (*ar-raqāla*), «qui signifie une missive officielle» (?). Dozy por sua parte deu حراسم (*marāṣim*), que no *Dicionário* aparece atribuído a Lokotsch.

O étimo da Academia Espanhola por sua vez não vem bem transcrito: como é علم الاعمار deve ser *'alam al-aqā'ār*.

Nenhuma das explicações me parece muito sedutora, mas principalmente a de Dozy.

Aravia. — De العربية (*'arabiū*), a língua árabe. É uma forma divergente de *algaravia* (q. v.). Não é portanto verdadeira a doutrina de Meyer-Lübke (*Gram. des lang. rom.*, I, & 405) que diz esta palavra derivada de árabe com o sufixo *-ia*. Leite de Vasconcelos seguiu esta doutrina (*Lig.*, p. 196). Os passos abonatórios desta palavra são muitos; contam-se às dezenas em cada autor das nossas *coisas* de Marrocos e Oriente.

Argola. — Dozy deu الغول (*al-gol*) que não conheço. A forma exacta é a que traz Nascentes: الجل (*goll*). Significa «golilha, ferros, cadeias, algemas». Note-se que é preferível o nome de unidade: الغلة (*al-golla*). Esta forma explica perfeitamente a forma portuguesa.

Armazém. — A palavra com esta forma deve datar do séc. xvii; nos princípios d'este ainda se dizia *almazém*: «Também sou informado que os *almazéns* das fortalezas estão mal providos das armas e munições necessárias», segundo diz uma carta régia datada de 6 de Março de 1605 e inserta nos *Doc. Remet.*, I, 32. O étimo está realmente em **الخزان** (*al-mahazan*), *botica*, *celeiro*, *sítio*, *entreposto*. A palavra significou até ao séc. xviii *arsenal* (q. v.). O fr. tem *magasin*, o it. *magazzino* e o sic. *magasenu*.

Que eu saiba, o primeiro que aventurou a analogia com *arma* para explicar a forma moderna foi D. Rafael Bluteau, nas *Prosas Portuguesas*, p. 18.

Arrabalde. — Tem-se proposto a forma **الرَّبْض** (*ar-rabḍ*), *subúrbio*. Essa explição tem a contrariá-la a prosódia. Salvo melhor explicação penso que o étimo está no plural **أَرْبَادُون** (*arabād*). O *t* apareceu atraído pelo **ض**. A forma do sing. ainda é seguida sem discussão por M. L. Wagner (*Zu einigen*, etc., p. 661, n. 1).

Arrabil. — O étimo foi proposto por Engelmann; G. Viana (*Apost.*, II, 326 e sgs.) aceitou-o. De **الرَّابِلَةُ** (*ar-rabālāt*), espécie de violino de três cordas (Engelmann, s. v. *Rabel*). Tem a forma de um segmento de esfera (Iben-Caldune, *Prolegom.*, II, p. 412). O *-t* foi atraído pela sílaba *bā* tornada final, que passou a *bi* por imala, como diz Nascentes. Como exemplo de redução do mesmo tipo q.v. *piaçá*, de *piaçaba*. Cf. ainda a forma latina *arra*, de *arrabo*, (s. v. *arras*).

Arraia-miúda. — Também julgo que o étimo de *arraia* está no ár. **رجائِيَة** (*raṭāia*) que, à letra, significa realmente *rebanho*, mas emprega-se com os seguintes sentidos: *os governados*, *os súbditos*, *o povo* e ainda *paróquia*, *ovelhas* (sentido eclesiástico).

Arrais. — Melhor seria *arraiz*. De **الرَّائِسُ** (*ar-rāīs*), *cabeça*, *chefe*, *capitão de um navio*. É um adj. De **رَأْسٌ** (*rās*), *cabeça* (q. v. *rēs*). Segundo Iben-Caldune era o *arraiz* quem «faisait marcher le vaisseau à l'aide des voiles ou des rames et ordonnaient la manœuvre du mouillage» (*Prolegom.*, II, p. 40). No Oriente aparecem muitos indivíduos com o título de *Raix*. Eram personagens com algum grau elevado político ou social. Cf.: «... de que ho Soldam deu ha capitania ha *Raix* soleimão turco de naçam...», D. Góis, *Cr. de D. Manuel*, IV, 30. Mais exemplos nas pp. 33, 34, 126, 148 e sgs., 189 e sgs. do mesmo vol. Em *Mestre Afonso* vem *rēx*: «... e o capitão drogusto *rēx* que o turco mais sentiu que tudo...», p. 258.

A doutrina etimológica de Viterbo para esta palavra é certa em parte: «Vem do verbo arábigo *rasa*, ser eleito para cabeça, chefe, superintendente, ou governador de um povo, casa ou família». O verbo **رَأَى** (*rāqa* e não *rasa*) significa realmente *comandar*, *pôr-se à frente de*.

¹ Cf. LAOUST, *Pêcheurs Berbères du Sous*, p. 330, onde diz que afi é o «maître d'équipage, marin qui dirige la manœuvre de la pirogue en se tenant au gouvernail, assis sur la tôle d'arrière... Le mot figure aussi dans le langage terrien dans le sens de «chef d'orchestre, chef d'un groupe de chanteurs et de musiciens», à côté du mot berbère *anärir*». Cf. também L. BRUNOT, *Notes Lexic.*, p. 51.

É interessante a forma latina que aparece num documento de Ricardo II de Inglaterra datado de 1386 e que vem citado por Viterbo (s. v.): «Mittet Domino Regi Angliae decem galeas, ipsius Domini nostri Domini Regis Portugaliae sumptibus, et expensis, bene armatis. Videlicet; de uno Patrono, tribus Alcaldibus, sue *Arraizin*, duobus Carpentariis, octo, vel decem marinariis...».

Arras. — Nem Engelmann nem Dozy mencionam a palavra. Nascentes, julgo que baseado em Boisacq, deriva-a «do semítico», o que é muito nebuloso, embora acrescente que «em hebraico *arravón*, palavra de trato comércial, comunicada aos gregos pelos mercadores fenícios, através do grego *arrabon* e do lat. *arrabo*, *arrhal*. O hebraico significa penhor». Em árabe há uma forma ربعون (*rabūn*) que, com o artigo (الربيعون, *ar-rabūn*), está próxima da hebraica. Significa também penhor.

Para mim o étimo imediato da palavra *arras* está no lat. *arrab*, *ae*, que, segundo o *Magnum Lexicon*, aparece em Plínio. Ermout e Meillet (*Dictionnaire Etymologique des Langues Sémitiques*) trazem *arra*, *ae*, como «forme populaire syncopée de *arrabo*, -onis, empruntée au gr. ἄρρεβον», conforme disse Nascentes; o étimo exato desta é que me parece mais difícil de determinar, embora Ermout e Meillet o afirmem semítico.

A propósito de *arras* cf. o interessante estudo do Prof. Paulo Merca: «Arras, alegas para a solução dum problema filológico-jurídico», publicado no *Boletim de Filologia* (iv, p. 285) e depois inserto nos seus *Novos Estudos de História do Direito* (p. 139 e sgs.).

Arraté. — الراط (ar-rat) significa *libra* (pêso).

Arrebique. — Eu não tenho dúvida em derivar esta palavra do ár. الربيك (ar-rabīk), como disse Dozy. O Sr. Dr. Joaquim da Silveira (*Rev. Lusit.*, xxiv, 190) pretendeu harmonizar esta explicação com a de Egúilaz (do lat. *rubicu*), fazendo desta a origem daquela. Não tenho dados para apoiar ou condenar esta doutrina.

Arrecada. — Não concordo com a explicação de Dozy.

Arriaz. — A etimologia foi primeiramente apresentada por Dozy: de الرأس (ar-rās), «capulus ensis».

Arrifana. — É na realidade um nome próprio (topônimo). Este deriva do árabe الریانة (ar-rīhāna), *murla*. Cf. David Lopes, *Ar. em Herc.*, p. 37, e *Top. Ár.*, p. 52.

Arrôba. — De الأربع (al-arbūq), *quatro*, *um quarto*. Nascentes não transcreveu o ع. O a final não teria assim explicação. Devia ser pois: *ar-robāt*.

Arrôbe. — Julgo boa a explicação de Nascentes: do ár. الرطب (ar-rub), *succo, sumo de fruto; xarope*. Cf.: «Buçetas de conservas e jarras de mel e manteiga e arrôbe e azeite eram alli tantas estroidas...», Azurara, *Cr. Conq. Ceuta*, p. 235.

Arroz. — A língua portuguesa recebeu esta palavra do árabe الرز (ar-rūz).

Arsenal. — Está bem em Nascentes. Faltou só dizer que esta palavra é documentada desde o séc. xviii (de دار الصنعة, *dār aṣ-ṣin‘a*, casa da indústria).

Arzarnefe, Azarnefe. — A explicação é de Dozy: de **الزرنيخ** (*ar-zarnīḥ*), do grego ἄρσενικόν (em latim *arsenicum*) (cf. também D. Car. M. de Vasc., in *Ree. Lusit.*, XIII, p. 261). Note-se que Cañes já tinha dado aquela origem árabe.

Arzola. — Como pode *allauza* explicar aquela palavra? Melhor doutrina é a de Dozy: de **أرزولا** (*arzula*).

Ascarí. — Cf. *Lascarin*.

Assassino. — O termo árabe é **حشاشي** (*haxāxi*); a explicação foi dada por Dozy. Esta palavra não entrou em português directamente; a maioria dos estudiosos tem apresentado o francês. Na minha opinião foi o italiano: não só nessa língua a palavra divulgou-se cedo (com as Cruzadas e mais tarde com o *Livro de Marco Polo*), mas também porque o sufixo *-ino* tem toda a aparência italiana. Note-se ainda que a palavra francesa (*assassin*) é explicada como de origem italiana (Brunot, *Hist. da lang. francesa*, II, p. 208). A doutrina de Nascentes não é, portanto, boa neste ponto.

Quem quiser conhecer de perto a história do velho da montanha leia, entre outras, as seguintes obras: Yule, *Travels*, vol. I, pp. 65-66, em comentário ao cap. VI do *Livro de Marco Polo*; *Livro de Marco Polo*, cap. XXVIII da trad. port. de Valentim Fernandes, e ainda o *Cathay*, do já citado Yule (vol. IV, p. 329), no cap. XLVII e também na p. 365.

Segundo Ibn-Qaldune (*Prolegom.*, I, p. 142) na sua época os Ismaelitas Assassinos eram conhecidos pelo nome de **فداوي** (*fadaūī*), dedicado, confidente.

Em cat. ant. havia *axixé*, mas no mod. é *assessi* (Moll, 1737).

Atá. — Falta no *Dicionário*. Do ár. **حتى** (*hattā*), até. É um arcaísmo. Por dissimilação do **ت** duplo foi desta palavra que nasceu a preposição esp. *hasta*.

Atabal. — Esta palavra não pode derivar-se evidentemente de *atṭabāl* (**الطبل**) como quere Nascentes. Seria impossível. Deve ser de *at-tabbāl*, que significa *aquele que toca tambor*. Houve uma confusão entre as duas palavras. A prosódia justifica-a.

Atabaque. — Nascentes esquece frequentemente a boa doutrina de Dozy. Se nesta palavra, em vez de se guiar por Eguilaz, fosse consultar o *Glossaire* teria uma melhor explicação: de **الطبق** (*at-tabaq*), prato. É estranho que Dalgado, embora dubitativamente, aceitasse a hipótese do persa.

Atafera. — Foi Dozy quem derivou esta palavra de **الصفرة** (*ad-dafra*).

Atafona. — A forma ár. é **الطاحونة**, a transcrição deve ser *at-fāhūna*.

Atalaia. — Mal transcrita em Nascentes: como é **الطلائج**, deve ser *at-talā'i'a*. É o pl. de *(tala'i'a)*, lugar alto donde se vigia; sentinelha.

Atambor. — Cf. *Tambor*.

Atauxia. — Falta no *Dicionário*. De **التوشية** (*at-tawxiā*), infinito da 2.ª forma do verbo **uxā**, *embelezar*. Na Península esta palavra devia ter tido um sentido mais limitado (Dozy).

Atriaga. — Q. v. *Triaga*.

Atum. — Em árabe há duas formas: **الظن** (*at-tun*) e **الظن** (*at-tunn*).

Avania. — Tenho a impressão de que o étimo imediato desta palavra está no grego ἀλεύα, calúnia.

Avaria. — A explicação é de Dozy (de عوار (*‘auār*) e suf. -ia para o italiano e daí é que passou para o português). Devie aceitou esta explicação.

Avelório. — Deve-se a Engelmann a explicação de اللُّؤْر (al-*baltōr*), *crystal*.

A explicação de Eguilaz parece-me melhor (de بلوري, *baltōri*, *crystalino*).

Axorca. — O ár. السُّرْكَة (*as-sorka*) pode-se traduzir muito simplesmente por *pulseira*. Também aparece a forma *xorcea*: «... vestiduras compridas de cetim branco, & *xorcias* douradas nos peis...», F. M. Pinto, *Peregr.*, cap. CLXVII.

Azáfama. — A palavra الزَّاهِمَة (*az-zahma*) significa *pressa*, *multidão*, *barafunda*, *bathordia*.

Azambujo. — Na realidade a palavra não é árabe, mas berbere; mas isso não querer dizer que a portuguesa se derive desta, que é ثَرْبَجَت (tharbbūjat). Dozy deu esta palavra, que Nascentes traz mal transcrita, porque se baseou em Lokotsch. Em árabe é الزَّنْبُوْج (az-zanbūj) e significa *oliveira branca*. Engelmann diz que não encontrou esta palavra nos léxicos, mas que ela representa a transcrição dumha achada num glossário latino-árabe. Ben-Cedira trá-la. Deve tratar-se dunha palavra ocidental. O esp. tem *acebache*.

Azaqui. — Nascentes dá como étimo desta palavra o «ár. *azzakīt*». Não indica o autor em que se baseou, nem a tradução do vocábulo.

Esse étimo não está certo. A palavra donde deriva a nossa é vulgar ainda hoje na língua árabe: é الزَّكَاة (az-zakā) e significa *décimo de esmola*; *esmola legal*; *imposto sobre o gado*. Éste décimo é a contribuição que todo o muçulmano deve pagar. Vem preceituado no *Alcorão* (ii, 211, 255 e 269 a 275). Consiste em contribuir com $\frac{1}{10}$ dos frutos, gados, mercadorias, metais preciosos, bens móveis para a comunidade. Passou para a nossa legislação medieval e aí designava o tributo do décimo dos frutos da terra que o mouro sob a alcada de el-rei de Portugal pagava à fazenda pública. Os mouros forros pagavam a décima do gado: era a *alfitra*. Cf. «E que dedes a mim Alfre, e azaqui, e a dízima de todo vosso trabalho», *Leges*, p. 396.

Azaria. — Antes de Eguilaz já Dozy tinha proposto السَّرِيَّة (az-*sariya*).

Azarnefe. — Q. v. *Azaznefe*.

Azarola. — É preferível o nome de unidade: الزَّعْدَرَة (az-zādarra).

Azehibe. — Cf. *Acipe*.

Azêbre. — Nascentes explicou bem: de الصَّبَر (az-*ṣabir*), *aloés*. A transcrição é que não me parece boa: *assibar*. Excluindo o já conhecido caso dos *ss* por *ṣṣ*, parece-me que a distribuição vocálica está ao contrário. Pelo menos todos os dicionaristas que consultei assim o dizem. Transcrevemos alguns:

Kazimirski: «صَبَرٌ. 1. Sue de toute plante amère. 2. Myrrhe. On écrit quelquefois صَبَرٌ. Les poètes se servent souvent d'un jeu de mots tiré de la double signification de صَبَرٌ patience et amertume».

Belot: «صَبَرٌ. Sue de toute plante amère. Myrrhe. Amertume».

Ben-Cedira: «صَبْرَةٌ, صَبْرَةٌ, aloés, myrrhe».

Freytag: «صَبْرَةٌ ... Succus plantae amarae».

Engelmann dera **الصبار** (*aq-qabār*), que não explica a palavra portuguesa. A prosódia opõe-se e as variantes da silaba final nas variantes portuguesas ainda mais: *azever*, *azever*, *azerver*, *azôbre*, etc.

Diz Nascentes que «o z é irregular». Note estes casos: *azenha* (q. v.), *azeviche* (q. v.), *azimute* (de **السموت**, *aq-qimūt*, pl. de **سمت**, *qamīt*), etc., no que diz respeito a palavras de origem árabe; e *azédo*, *azinheiro*, *azeo* (<*acino*>), de origem latina.

Azemel.—1.—**الزمال** (*az-zammāl*). É do mesmo radical que *azémola*.

2.—Na acepção de *comitiva dum chefe* de **الزملة**, *az-zemala*; o fr. usa *zamala*.

3.—A crescente-se esta acepção, que falta no *Dicionário*: «pessoa débil, pelém» (Trás-os-Montes), segundo M. L. Wagner (*Alguns Arabismos*, 451).

De **الزمال** (*az-zamal*), «faible, impuisant», segundo o mesmo estudioso.

Azenha.—**التنية** (*aq-qānia*) significa *nora, roda de irrigação* e ainda, segundo Belot, o *animal que a faz mover*, mas nunca *balde de tirar água*. A raiz é **لـ** (*qanā*), *regar*. No português arcaico a forma ordinária era *acenha* e nos documentos em latim bárbaro *acenia*.

Azeviche.—Foi Engelmann quem derivou esta palavra de **السباح** (*aq-qabāj*).

Segundo um passo do *Mosta'ini* (ms. de Nápoles) citado por Dozy, na Península pronunciava-se **الزباج** (*az-zebij*).

Aziago.—Fokker (*ZrPh*, 560) pregunta se esta palavra não é tirada «de l'arab *aqiqiyā*, le pluriel de *qaqī*, malheureux, fatal, avec métathèse (*aqyiqāq* pour *aqiqiyā*)». Não conheço em árabe uma palavra semelhante a *qaqī* com aquele sentido. *Desgraçado* é **شقى** (*xaqī*). A doutrina é péssima. Está bem em Nascentes: de *aegyptiāeu* (*dies*), dia de infelicidade.

Azimute.—Bem explicado (de **السموت**, *aq-qimūt*, pl. de **سمت**). Para o z irregular q. v. *azôbre*.

Azinhaga.—A forma que dá Nascentes (*azzanaga*) é oriental (**الزنقة** (*az-zinqa*)). A ocidental é **الزنقا** (*az-zinaiqa*). O a do artigo vem acentuado indevidamente, mas isso deve ser devido a uma *grafia*.

Azinhavre.—Foi Dozy quem derivou esta palavra de **الزنجر** (*az-zanjār*). Não aceito essa explicação por dificuldades fonéticas facilmente comprehensíveis.

Azofra.—Falta no *Dicionário*. No port. arc. ocorria *zofra*: «... se o cavallo trabalha na gram queatura quebra lhy a *zofra* e desseca ataa que morre», Mest. Giraldo, *Alveitaria*, cap. xvii. Significa a «capacidade de trabalhar; ardor no trabalho». Do ár. **النحر** (*aq-qohra*), trabalho; obrigação, faxina, tarefa. Explicação de Dozy.

Azougue.—*Azzance* daria *azouga*; deve ser de **الزاق** (*az-zāuāq*), que é a verdadeira forma árabe. Nascentes seguiu integralmente (embora não o diga) a doutrina de Lokotsch, art. 2298.

Azul. — Não sei como Nascentes admitiu que esta palavra pudesse derivar do persa; ela já existia no port. arc., como se mostra no *Dicionário*; nesse período da nossa língua julgo que as relações de Portugal com os persas eram nulas. A palavra é antiga na Europa; o latim medieval conhecia já o *azurum*. A forma portuguesa, na minha opinião, entrou pelo provençal (*azur*)¹; este recebeu-a ou do árabe-persa زُرْد (tāzūrd), *lapis-lazuli*, ou do italiano, que a receberia daquela. Cf. Melander, 91. Engelmann quis derivar o português directamente daquela forma árabe-persa.

Azulejo. — Simonet (*Gloss.*) traz uma forma زَلِج (zallaiju) com o mesmo sentido; no Dicionário de Ben-Cedira vem زَلِج (zulaiju), que significa «carreame de fáscine»; qualquer destas palavras com o artigo (الزَّلِج, az-zulaiju) explica perfeitamente, segundo eu penso, a palavra portuguesa.

Azurracha. — Partindo do princípio de que a etimologia desta palavra estivesse na realidade numa raiz زَلِج (zalaj), não seria الزَّلَاج (az-zulāj) que a explicaria, mas o seu nome de unidade: الزَّلَاجَة (az-zulāja). Deve-se a Dozy a explicação que o *Dicionário* traz.

B

Babucha. — Esta palavra não se pode evidentemente derivar do persa; nesta língua é پاپوش (pāpūsh). A doutrina, embora não o diga, é de Dalgado (*Gloss.*, s. v. *papuses*). Se tivéssemos recebido esta palavra do persa só poderia ter sido, pelo menos, na época do primeiro contacto com esse povo: no século XVI, e, nesse caso, os *pás* mantinham-se sob a forma de *p*. Além disso o ش daria *x* e não *ch*, que só pode vir de *צ*. Por isso a melhor explicação é que o étimo port. e esp. (onde é *babucha* também) está no árabe بَابُوحَة (babūhah), nome de unidade de بَابُوح (babūh). Cf. o it. *babbuccia*.

Lokotsch (1625) viu bem o problema.

Babuino. — A explicação de Lokotsch não me parece aceitável.

Badana. — Antes de Lokotsch já Engelmann explicara esta palavra por بَطَانَة (bitāna), *boldres*. Houve portanto assimilação de *i*—*a*>*a*—*a* e abrandamento do *b*.

Bafari. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de بَهْرَى (bahri), *mari-timo*, porque «suivant Tamarid ce faucon aurait reçu ce nom, parce qu'il est un haleon que passe la mer». Dozy apoia esta doutrina e cita em abonação este passo de Cobarrubias: «El padre Guadix dizer, valer tanto, como ultra marino; porque los primeros que vinieron á Espanha se trouxeron de las islas Setentrionales, navegando con ellos por mares tan remotos».

¹ Na língua arcaica havia *azur*: «todo o campo era cuberto por çima de hūn muy rico pano de sirgo de hūna collar de muy fino *azur* com estrellas d'ouro...», *Crestomatia*, p. 136.

Evangelista (q. v. bibliografia final) faz estas curiosas considerações: «... estos (tagarotes) son unos falcones ochavados como huevo y quieren parecer a los *baharies*...», p. 229, e sobretudo: «*Baharies* es nombre visayano y Segund Turan poco con el onbre presumese que vienen aprender la lengua como los muchachos...», p. 230.

A palavra ainda se usa hoje na Argélia com este sentido. Cf., a propósito do *bafari*, Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da Caça de Altanaria*, cap. II.

Bagaxa. — O étimo de Lokotsch não serve.

Balache. — É necessário saber-se a antiguidade desta palavra em português.

Se entrou no século XVI, não vejo dificuldade em se admitir como étimo a forma árabe-persa بلح (balahx), rubi, segundo a explicação de Dozy (s. v. *balare*) e depois aproveitada por Devic. Se entrou antes, surge-nos a dificuldade da transformação do لح em ch, a não ser que se ligasse à raiz بلج (balaja), brilhar.

O nome da região persa é بلخان (balahxān). O it. tem *balascio*, o fr. e prov. *balais* e o esp. *balaj* e *balax*.

Balanquim, Baldaquim, Baldaguino, Baldoquim. — A primeira forma é citada por Nascentes no seu devido lugar, mas tenho dúvidas sobre a sua legitimidade portuguesa. A terceira falta no *Dicionário*. O nome árabe de *Bagdad* é بغداد (Bagdād). Na Idade Média escrevia-se *Baldac*¹ e *Baudas* (Dozy e Yule, *Travels*, I, 65). Qualquer daquelas palavras deriva-se do relativo de *Baldac* (*Baldaguí*) e não de um possessivo, como se diz no *Dicionário*, s. v. *Balanquimm* (*sic*). A palavra devia ter entrado na realidade através do italiano (Cf. Yule, op. e loc. citt.). O fr. tem *balduchin* (cf. Brunot, *Hist.*, II, p. 209).

Baldoquim é a forma do *Livro de Montaria*: «... ca trazer homem quando fosse ao monte por tempo de agua húa gona muy longa de *balduquim*...», p. 17.

Balde, Baldio, Baldo. — A doutrina é de Dozy. M. L. Wagner aceitou-a (*Alguns Arabismos*, p. 440, nota), (de بظيل, *batīl*). Vem bem, portanto, em Nascentes.

Baldio. — É na realidade de *baldo* e do sufixo românico -io. M. L. Wagner também aceitou essa doutrina (*Alguns Arabismos*, p. 440, nota); apenas acrescenta: «parece que já em árabe *bātīl* se aplica ao terreno estéril e sem cultura».

Bambu. — Note-se que, segundo Devic, em malaio há بامبو (bambū). Esta observação não querer dizer desprêzo pela forma marata dada por Nascentes baseado em Dalgado.

Bandar. — Cf. *Bandel*.

Bandel. — Falta no *Dicionário*. Trata-se dumha palavra freqüente nos nossos escritores quinhentistas que trataram das cousas orientais. Tenreiro deu-nos o seu significado: «... desembarcámos em hum lugar de casas palhoças, que se chama o *Bandel*, que em nossa lingua quer dizer porto...», *Itin.*, p. 8. De بندر (bandar), *cidade marítima, cidade de comércio, porto*. Esta palavra é árabe-persa.

¹ *Baldach* é a forma usada na trad. feita por Valentim Fernandes do *Livro de Marco Polo*, cap. XVI do Liv. 1.^o

Não se deve confundir com uma palavra industânea idêntica que significa *máeaco*.

Dalgado deriva do persa. Em indo-inglês há a forma *bander*, que pode corresponder ao port. quinhentista *bandar*, mais próximo do étimo. Cf. Barros, IV, pp. 2 e 48.

Cf. ainda o importante trabalho de Gabriel Ferrand, «L'Élément Persan dans les Textes Nautiques Arabes», no *Journal Asiatique*, 1924, p. 239.

Bangue. — Inclino-me mais para o persa-indust. بڠ (bang), étimo do árabe بڠ (bang). Esta, portanto, não podia ser a origem, como pretendeu Lokotsch.

Baque. — O étimo de Sousa não pode ser levado em conta (de وقع, *uqā'a*, queda). Se aceitássemos este, muitos outros devíamos aceitar que estão nas mesmas circunstâncias fonéticas de *baque*. (Cf. por exemplo *banco* de دنک, *uanku*). Não sei explicar este vocábulo.

Bar. — Falta no *Dicionário*. É uma palavra vulgaríssima nos nossos quinhentistas. Dalgado estudeou-a com profundidade no seu *Glossário Luso-Asiático*. Designava um péso usado na costa oriental de África e na Ásia. Dalgado (obra citada) dá muita exemplificação.

Aparece com as grafias *bahar* e *bar*: «... que o Achém desse logo ao Bata cinco *bares* de ouro, que fazem na nossa moeda duzentos mil cruzados...», M. Pinto, *Peregrinação*, I, cap. XIII; «... acabado de embarcar hús cem *bares* de estanho...», idem, *ibidem*, I, cap. XVIII. «... não poderia auer mais que trezêtos *bahares*...», Castanheda, *História*, I, cap. LX; «... nunca os nossos poderão auer mais de mil & duzêtos quintais de pimenta dos quatro mil *bahares* q̄ os mercadores tinhão prometidos», idem, *ibidem*, I, cap. LXI. O *bar* tinha a função de pesar outras coisas (por muito estranho que pareça) além de metais e especiarias. Prova-o este passo: «A 30 de abril de 547, a Afonso de Rojas, para poder carregar na náo d'El-Rei que vae a Malaca pela via de Palecate, vinte *bares* de roupas e fazendas», no «Livre das mercês que fez (D. João de Castro) aos homens que serviram el-rei N. S. no cerco de Dio», publicado por A. Baião na *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Cérco de Dio*, pp. 296-383. O passo vem na p. 319.

Para se ter uma ideia da equivalência do *bar* e ao mesmo tempo para mostrar que a palavra foi conhecida de escritores estrangeiros cito estes passos: «... y la (cañora) de la China se vende por *Bares* (que tiene el *Bar* a cerea de seyscientas libras)», Cristóvão da Costa, *Tratado*, p. 250; «I quali *Bar*, si grandi, come piccoli sono frassole 20, & ogni frassola è man (mão) dicec, che sariano mani 200 il *Bar*... Ul sono *Buri* di molti pesi e con molta diferença», G. Balbi, *Viaggio*, II, 51. Para conhecer essas diferenças ver os *Documentos remetidos da Índia* pelo índice sistemático e o *Hudson-Jobson*, s.v.

Do ár. بار (bar), um péso. Esta palavra também pode significar *pimenta, especiaria*.

Baraço. — A forma ár. é مرس (maraq). Nascentes não transcreveu bem portanto. O m passou a b como no top. *Muçamedes* (de *Abu Zimates*). Cf. Rev. Lusit., XXIV, p. 207, n. 1 (Top. Port., do Dr. Joaquim da Silveira).

Barbacã. — A palavra já existia em português antes das relações directas com a Pérsia; por isso necessário se torna outra explicação. Não sei qual seja. Embora também não a aceite, cito ainda a de Devic: de بربخ (barbah).

Bardacha. — Falta no *Dicionário*. De بَرْدَج (bardaja), nome de unidade de بَرْدَج (bardaj), sodomia. A origem da palavra árabe deve estar no persa بَرْدَج (bardah). Cf. o it. bardascia, fr. bardache, esp. bardaja e bardaje.

Baril. — Falta no *Dicionário*. De بَارِع (bāra'i), excelente, distinto (Dozy).

Barraca. — Segundo Pentti Aalto («Contribution à l'Étymologie de «baraque» em *Neuphilologische Mitteilungen*, vol. 39) barraca é uma palavra de origem oriental, mas não árabe, que entrou muito cedo nas línguas peninsulares. De origem talvez babilónica, trazida não se sabe por quem (Cartagineses? Fenícios?). O A. cita na p. 385 dois passos interessantes; um de Dan, *Histoire de Barbarie* (1637) e outro de uma *Voyage dans les États barbaresques* (1785), onde se mostra que os árabes conheciam a palavra. Designava cada uma das tendas do aluar.

Ben-Cedira (*Dict. Franz.-Ar.*, s. v. *baraque*) dá uma forma بَرَّاكَو (bar'rākō). É possível que seja a forma europeia, mas também não é impossível que ela sirva para fazer alguma luz neste problema tam intrincado. O pl. da palavra árabe é fracto بَرَّاكَت (barārk), o que a faz supor antiga.

Barrão. — Em Santarém chama-se assim ao homem dos arredores. É o ár. بَرَانِي (barrāni), de fora de terra, estrangeiro. Cf. *albarrā*.

Barregā. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de بَرَكَان (barakān). Se estiver aqui a explicação seria preferível بَرَكَان (barakāna).

Barroca. — As hipóteses árabicas apresentadas no *Dicionário* para explicar esta palavra não me parecem dignas de crédito.

Barroco. — As hipóteses árabicas apresentadas no *Dicionário* para explicar esta palavra não me parecem dignas de crédito.

Baxá. — Em persa não existe nenhuma palavra semelhante a *paxá*. O que há é شاهزاد (padxād), senhor rei, da expressão شاهزاد (pād xāz); (q. v. *Paxá*). Em árabe é باخا (bāxā), forma que também é turca. A doutrina é de Dalgado (*Gloss.*, s. v.).

Baxá aparece com as grafias *baxaa*, *baixa* e *baxá*. Passos esclarecedores de sentido: «He senhoreado polo grão turco, onde tem hum *Baxaa* por governador della...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 57; «... e por algüs foy dito ao *Baxaa* governador da cidade...», idem, *ibidem*, p. 57; «... nem mercador sair pera fora sem hum sinal, ou sello do Governador e *Baxaa* della...», idem, *ibidem*, p. 59; *Baxá* é vulgar nos nomes de certas entidades orientais: «... de que era Capitão mor Soleymão *Baxā* Visorrey do Cayro...», M. Pinto, *Peregrinação*, I, cap. vii. Em Barros há ainda *baxiá* (IV, 2, pp. 602, 718, 719, etc.).

A forma pérssica entrou por outro lado directamente no português. Cf. *paxá*.

Bazar (1). — Não há dúvida que esta palavra era conhecida em Portugal no séc. XVI:

«... abastada de todas fruitas mantimentos e cousas necessarias, com dous *baazares* grandes homde se vende cru, e cozinhado...», Mestre Afonso, *Itinerário*, pp. 162-163. Cf. ainda pp. 166, 188, 232 e 251 e para outros autores os citados por Dalgado no *Boletim de Segunda Classe*, IX, p. 778 e sgs.

Lokotsch (287) não tem portanto razão ao dizer que a palavra foi trazida pelos viajantes do séc. XVII; em Portugal já ela era conhecida antes.

Na minha opinião a palavra também nos veio directamente do persa **بازار** (*bāzār*). Esta palavra estava muito espalhada pelo Oriente: existia na Índia e ainda hoje em tureo.

Bazar (2).—Falta no *Dicionário*. Concreção calcárea que serve de antídoto a certas doenças. Cf.: «Junto desta cidade, em húa serra pequena, se crião huns animaes, que saõ tamanhos como corços grandes, que crião húa pedra no bucho, a que chamaõ *bazar*, que val entre elles muito, e he muito estimada, por ter virtude contra a peçonha: cria-se esta pedra naquelles animaes por virtude de húa herba que cōinein, que se não acha nas outras partes. A pedra he de cōr verde escura, e taõ grossa, e comprida, como o dedo minimo de hum homem, e eu vi a sua experiença», Tenreiro, *Itinerário*, p. 11.

O nome do animal era *bugoldaf*: «... húa pedra tamonha como húa aquellaã, muyto prouetosa cōtra a peçonha que acha na cabeça de húa alimaria a que na India chamão *bugoldaf*», Castanheda, *Hist.*, I, cap. 46.

«The word is a corruption of the P. (persian) name of the thing, *padzahr*, «pellens venenum», or *pazahr*... No doubt the term came to us, with so many others, from Arab medical writers, so much studied in the Middle Ages, and this accounts for the *b*, as Arabic has no *p*, and writers *bazahr*», Hobson-Jobson, s. v. *Bezoar*. Alguns dicionaristas mencionam esta palavra como portuguesa, entre elas o próprio Nascentes.

Bedém.—Bem em Nascentes. (Do ár. بدن, *beden*).

Beduíno.—بدوي (*badūī*) não é um adjetivo possessivo. É um êrro de gramática árabe em que Nascentes já caiu s. v. *Balanquim*. Os adj. poss. formam-se com o sufixo ي; os nomes de relação, como é este caso, com ة, o que é diferente. Se fosse um adj. poss. era بدوی (*badūī*), e significava o meu deserto, e بدوی (*badūī*) é o que habita o deserto (بدوی, *badua*).

Beliz.—A forma árabe الجليس (*iblīq*), demónio, tem como correspondente vulgar بلیس (*belīq*) (Dozy). A palavra portuguesa aparece neste passo da *Eufrosina*: «... dame tantas cousas para comer; discreta como *bdiz*, e lee e escreve quanto quer», p. 78.

Benjoim.—A explicação é de Dozy, baseado na obra *Beschrijving van Groot Java* (p. 67), de Valentijn (de جان جاوه, *jan jāwē*, *resina javanesa*), mas, segundo Devic, «par javanais; il faut entendre de Sumatra, car les Arabes appelaient cette grande île Java. C'est de Sumatra que nous vient le benjoim le plus estimé».

Bezoar.—Q. v. *Bazar*².

Bisnaga.—Na realidade a origem está no latim *pastinaca*; entrou pelo árabe vulgar بستانقة (*bixnāqa*), mas note-se que a forma clássica não é *bastināj*, mas بستانقة (*bixtināqa*) (Dozy; Simonet, *Gloss.*, p. 430).

A evolução fonética do vocábulo latino para o árabe parece-me que se fez de maneira muito mais simples: o *a* da sílaba inicial passou a *i* na palavra árabe porque era pretónica. É um fenómeno vulgaríssimo da fonética do ár. vulgar. Cf. por exemplo: كبیر (*tābīr*), grande, no vulgar é *klir* e no port. é *Quebir*, *Quibir* (Alcacer Quibir). Esta ausência vocálica é reproduzida por *i* ou *e* na forma romance.

A palavra é hispânica. O e latino manteve-se em árabe, como se viu. O **ق**, seu representante, é que se abrandou ao entrar no port., como em *açougue*, de **السوق** (*aqṣ-ṣūq*).

Boleta. — Explicação de Engelmann (de **بلوطة**, *botella*).

Bórax. — Doutrina de Engelmann (de **بورق**, *būraq*, de persa).

Bugia, Bugio. — Deverá ser de **بجانية** (*bajāīa*), nome relativo da cidade donde se exportavam as velas, tal como possivelmente os macacos (Dozy). A segunda palavra é masculina em português, julgo que por causa do género do nome do animal.

C

Cabaia. — De **كاباية** (*kabāīa*), por **قباية** (*qabāīa*), decreto com base no árabe-persa **قا** (*cabā*), *fato de homem com mangas* (Dozy). Foram os portugueses que introduziram esta palavra no Oriente. É vulgaríssima em holandês por causa do seu largo uso em Java. Cf. Hobson-Jobson, s. v. *Cabaya*.

Cabide. — Gonçalves Viana previu bem: segundo explicação verbal do Dr. David Lopes a base d'este vocábulo deve estar realmente no radical **قبض** (*qabāḍa*), *agarrar*, mas na forma **قباض** (*qibāḍ*), plural do masdar **قبا** (*qabda*), *pega*.

Cabila, Gabilda. — **قبيلة** (*qabila*) significa *tribu* (dos povos nómadas), melhor: *geração*. Há uma variante: *cabilda*. Cf.: «Mandou Nuno Fernandes a Lobo Barriga, que fosse as Azemel de Abia, onde os Capitães das *Cabildas*, e Aduares tinhão as suas tendas», *Góis, Cr. D. Manuel*, iii, cap. xxxii. «Am-
tre estes homens, ha gerassõeys a que eles chamão *cabiltas*, e antre elas humas mais autigas e nobres que outras», *Castries*, p. 20. Em provençal havia *alcaci*, cf.: «Totz los *Alcaris* a mandatz / Mas mutz, Maurz Gotz e Barbaris», *Raynouard, Choix*, iv, 85, citado por Dozy, s. v. *Algoz*. Cf. Gonç. Viana, *Palestras*, pp. 84-85. Na *Crónica de D. Pedro de Meneses*, de Azurara, vem a palavra com artigo: «Eu, disse o Mouro, saú da *Alcabilia* de Bene-
çaide, o qual contende com a *Alcabilia* de Beneigein por causa de huma
moça...», p. 335¹.

Caçarete. — Não me parece viável o étimo arábico apresentado para esta palavra.

Cachopo. — O professor Wagner (*Algumas Arabismos*, p. 444) dá **حشف** (*haxef*), pl. de **حشفة** (*haxafa*), *escolho*. Não posso aceitar esta explicação. O A. diz que o **ح** «dá regularmente *k* (*c*) em hispano-românico». Não conheço nenhum outro exemplo. O A. também não os dá. Julgo que confundiu com o **خ**; mesmo com este fonema essa passagem começou a observar-se tarde. Cf. *Califa*. A passagem de **خ** a *ch* (grupo ordinariamente oriundo de **ج**) é outra di-
ficultade.

Cacim, Gamcim. — De **خمسين** (*hamqīn*), *cinqüenta*, porque êste vento (no Egipto)
sopra durante aquele número de dias.

Caciz. — Cf. *Açafate*. De **قسيس** (*qaṣīṣ*), *sacerdote cristão*, mas, apesar desta significação, no séc. xvi designava qualquer sacerdote oriental; cf.: «... & assi

¹ No vol. II dos *Inéditos*.

o jurara no livro das flores, que em quanto vivesse seria inimicissimo da nação Portuguesa, & de todo o mais gencro de homem que professasse a ley Christam, o que el Rey & o *caciz* Moulana lhe louvaraõ muyto...», F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, pp. 94-95; «... e o sobrepujáron, vindo alguns *cacizes* de sua seta a falar-lhes», B. Rodrigues, *Anais*, I, 380; «E o rey de Palimbão, que sempre foi amigo d'aquelle fortaleza (Malaca) tinha tambem mandando (*sic*) sua enbaixada; e hum grande de seu reino aparentado com muitos reys d'aquelle archipelago (Sunda) que he como bispo entre os seus *cacizes*...», *Documentos remetidos da India*, I, 415 (datado de 24 de Dezembro de 1610)¹.

Cadi. — Deriva na verdade de قادی (qādī), mas não directamente; esta palavra entrou pelo francês: a forma vernácula é *alcalde* (q. v.).

Cadimo. — A forma ár. قادم (qādim).

Gafarro. — Palavra rara. Passos abonatórios: «... por nos dizerem os almoçreves, q̄ havíamos de passar por hum lugar, donde se pagava *gafarro*, q̄ he h̄u direyo como portagem em Portugal, & aleavalla em Castella...», P. Aveiro, *Itinerário*, cap. LXXX; «... sahirão quatro, ou cinco homens com armas, & cō elles h̄u turco muy aposseado, & nos pedirraõ *gafarro*, o qual naquelle lugar he o mayor q̄ se paga na Terra Santa, em especial os que vaõ em romaria a Jerusalém, q̄ os de volta pagaõ menos... & muito encommendades ao sobrinho do Baxá de Damasco, por tanto não devíamos *gafarro*», idem, *ibidem*, cap. LXXX; «passado aquelle tão aspero encontro, ficando os *caferreiros* feridos, & sem *gafarro*, q̄ euydo ser a causa que mais os magoou...», idem, *ibidem*, cap. LXXX. Cf. Dalgado, *Gloss.*, s. v. *Gafar*.

Do ár. حفار (hafār), protecção².

Café. — Não conheço a significação de *vinho* para قهوة (qahwa). Não é impossível que a palavra tenha entrado no português pelo italiano, e neste pelo tureo; na realidade ela tem o aspecto de oriental. O Prof. David Lopes (*Alguns Vocabulários*, p. 6) julga-a entrada pelo francês, mas, segundo Melander, a palavra só data do séc. XVII e eu julgo-a (embora não possua ainda dados concretos) anterior a essa época em português.

Cáfila. — قافلة (qāfila) é *caravana*.

Cafiz. — A forma ár. قفیز (qafīz). Designa uma medida para coisas sêcas.

O *cafiz* era inferior à *finga* (q. v.): «... deixardes a cassa cō sementeyra feyta assy cōuē a saler de tres *cafizes* e V. flanegas de genteo e dous *cafizes* h̄ua flanega de tres *cafizes* e V. flanegas de genteo e dous *cafizes*

¹ HERCULANO DA PERDA de *Arzila* empregou o vocábulo no sentido de sacerdote muçulmano: «... contra o qual na mesquita de Fés / A gazúa prégava o *caciz*», p. 141.

A palavra parece que também foi usada em Portugal como apelido, ou, pelo menos, como alcunha: «*Cacis* era h̄u alfayate / que morava ali aa sea», Gil VICENTE, *Româgem*, II, 184 v. A edição das *Obras* de 1852 traz *Assis*.

² Cf. ainda: «Os árabes maquílios impuseram este tributo nos territórios abandonados pelos Zogba; consistia no pagamento de com jovens fêmeas de camelos escolhidas por elos próprios», IBEN-CALDUNE, *História dos Berberes* (trad. de Slane), I, p. 87.

húa ffanega de trigo...», «Docum., de S.º Maria de Aguiar», *Rev. Lusit.*, xiii, p. 14.

Cafre.—A explicação é de Engelmann (de كافر, *kāfir*).

Çaga.—V. *Saga*.

Caimacão.—A explicação é de Dozy (de قائم مقام, *qāim maqām*, que está num lugar, tenente).

Calaim.—A forma ár. dada por Lokotsh não vem bem transcrita no *Dicionário*. O que aquele traz é *kal'a* (= قلع). Esta forma porém não explica a portuguesa. É boa neste ponto a doutrina de Dalgado: a palavra malaia deriva do ár. قلعی (*qal'a'i*), estanho do Oriente.

Calibre.—A etimologia julgo-a em قالب (*qālib*), mas a evolução não se fez directamente, mas pelo italiano *calíbro* (Cf. Melander, 92). A palavra árabe foi proposta por Engelmann, mas Dozy não a aceitou por causa do acento e significado, que afinal não se opõe; significa «la moule dans lequel on verse l'airain fondu, une forme, un corps moulé d'après une certaine forme».

Califa.—Em árabe é خليفة (*khālīfa*, sucessor) (do profeta). O خ no período arcaico da língua dava *f*, mas esta palavra é documentada tardivamente; o خ em palavras modernas dá *c* (= *k*), mas como na *Canção de Roldão* nos aparece a forma *algalife*¹ e na *Naiss. du cheval au cygne* (séc. XII) vem *calife*, penso numa intervenção francesa. A passagem de خ a *c* (= *k*) só se generalizou no século XVI.

Camsim.—Q. v. *Cacim*.

Cão.—Além das significações de *branco* e do tam conhecido animal esta palavra tem ainda outra: o de *chefe, príncipe, general oriental*. De خان (*khān*), com origem no persa, que por sua vez a recebeu dos mongóis. Cf.: «Ho gram eā tābē mādou...», G. Resende, *Miscelânea*, est. 10 da ed. Mendes dos Remédios; «... e porque ham, ácerca dos Mogores ou Tartaros, quer dizer rey, também chamão aos que querem ham, e nós corintamente lhe chamamos cam, e por ventura milbor», Orta, *Colóquios*, I, p. 123. Acerca da equivalência nobiliárquica cf.: «Húa moura vímos filha de hum can, que é duque...», na *Relação das Cousas da Cristandade*, p. xvii; «Chegando ao campo do Xá achamos Alexê Cān, duque de Gorgi...», p. xxx.

Por influência geralmente francesa há quem escreva *khan*. Nos escritores do Oriente aparecem muitos orientais cujos nomes terminam com esta forma: *Rumeção* (Cast. VIII, p. 226), *Jusardão* (*Dio*, 27), *Idalcão*, etc.

Caramelo.—A etimologia de Sousa nem merece esta linha de comentários.

Carava.—O ár. قرابة (*qarāba*) pode-se traduzir por *parentesco, consangüinidade*.

Caravana.—É sem a mínima sombra de dúvida de origem árabe: de قروان (*qairuān*). Talvez melhor قيروانة (*qairuāna*). Segundo Hobson-Jobson a palavra é antiga na Europa.

Caravançará.—Melhor do que *caravansará*. A forma persa é سراپا (*qairuān qarārī*), *casa da caravana*. «A estas casas chamão em a língua Per-

¹ «Dist l'algalifes: Mal nos avez baillit», v. 453; «Dunc li envieji mun uncle l'algalifes», v. 493; «Et l'algalifes sum uncle et sis fedeik», v. 505; «De l'algalifes nel devez pas blasmer», v. 681.

siana *Carvançaras*, que quer dizer, pouzada de casilas, e estrangeiros. Estas casas costumão fazer mouros honrados por suas almas, como autre nos hospitaes, pera se recolherem nellas os caminhantes, e gentes, que vão em casilas», Tenr., *Itin.*, p. 8.

Carmesim. — De قرمزي (qarmezī), *vermelho*. Cf. *Alquermes*. O it. tem *carmesino*, o fr. *eramoisi* (que já aparece em Rabelais, *Gargantua*, I, cap. viii) e o esp. *carmesi*.

Carpuz. — Falta no *Dicionário*. Do turco قارپۇز (qārpūz), melão de água.

Carraca. — Foi Dozy quem apresentou dubitativamente قرافق (qurāqir), plural de قرقور (quraqr). É uma explicação que julgo difícil. Cf. *Coracora*.

Um passo abonatório: «... Esperarão pela rica Malaca, / Que vem carregada como huma *carraca*...», Barros, *Clarimundo*, III, cap. iv, p. 392 da ed. de 1742.

A propósito de *carraca* cf. o interessante estudo de C. R. Boxer, «On a Portuguese Carrack's Bill of Lading in 1625», publicado na *Biblos*, vol. xvi, p. 193.

Carrafo. — Cf. *Sarrafo*.

Catar. — Falta no *Dicionário* como substantivo. Cf.: «Ha nesta terra muitos recoveiros: tem cada hum sete, ou quatorze, ou vinte e húa mullas; e a cada sete se chama hum *catar*, que quer dizer recova; e dizem, he recoveiro de hum *catar*, ou dous», Tenr., *Itin.*, p. 10. De قطار (qatār), *fila de camelos*.

Catua. — Cf. *Saga*.

Catual. — O persa é کتوال (katuāl) e significa realmente *comandante de fortaleza*.

Ceca-e-Meca. — *Ceca* representa o ár. قها (qehā). Esta palavra designa não só o *troquel*, mas também a própria moeda. Cf. *Cequim*.

Ceiba. — Wagner (*Alguns Arabismos*, 436 e sgs.) deriva do ár. سایبا (ṣāiba), *pôsto em liberdade* (gado) de maneira a poder pastar à vontade. P. H. Ureña (*Rev. Fil. Esp.*, xxii, p. 175) dij-la oriunda do taino.

Ceifa. — A forma ár. é صيفا (ṣifā), que na verdade significa *verão*.

Ceilil. — De سبتي (ṣabtī) na realidade. É o nome relativo de *Ceuta*. O *I* não é devido às causas que Nascentes aponta, mas sim ao facto de o sufixo سـ poder atrair, entre outros fonemas, um *-l*, como em *candil*, *cordonil*, *maravétil*, *saferil*, etc. Na forma feminina usava-se *ecitil*: «... oytocentas e dez e sete dobras maladias. E tres dobras *çeitilis*...», *Doc. rel. a Marracos*, I, 249 (cf. ainda pp. 452, 475, 476).

Também aparecia a grafia *cepitil*: «... pagaram por cada hum hum *ceptijl*», «Foral Novo da Guarda», no *Arg. Hist. de Port.*, I, p. 99; «E de carga mayor de pescado ou marisco hum real e cinquo *ceptijls*», idem, *ibidem*, p. 101; «Clerigos solteiros pagarão onze *ceptilis*...», *Elucidário*, s. v. *Clerigos Solteiros*.

Cejana. — Antes de Lokotsch e G. Viana já Dozy tinha apresentado جان (cajan), *prião*. É preferível o nome de unidade: جاجانا (cajanā).

Cenoura. — É uma palavra de difícil explicação.

Cequim. — O nome da moeda é قها (ṣāiba), o derivado سـ (ṣabtī). A explicação, que julgo exacta, é a de Dozy. O it. tem *zechinio* e o fr. *sequin*.

Cerome. — A explicação de Engelmann é: de سـ (ṣabtī) (zalham), baseado no *Dict. des noms des vêtements*, de Dozy.

Chafariz. — A forma árabe é صهريج (ṣaharīj), *cisterna* (explicação de Engelmann, corroborada por Dozy). Resta demonstrar como o **ص** poderia dar origem a **ch**. Não me parece que a palavra seja moderna na língua. Viterbo (s. v. *Custagem*) cita num documento de 1447 onde ela ocorre. O esp. tem *zafareche* e *zafariche*.

Chale. — Q. v. *Xaile*.

Chalupa. — O étimo de Eguilaz é uma fantasia.

Chanca. — Em ár. hispânico havia حanca (janka), que explica perfeitamente esta palavra. Vem em Simonet, *Glossário*, s. v.

Charco. — O *Dicionário da Academia Espanhola* necessita dum severo comentário aos seus arabismos. Quere isto dizer que não merece confiança. A origem árabeica desta palavra é uma fantasia.

Cherivia. — O étimo é de Dozy: de كاراويا (karauia). Nascentes não transcreveram bem. Eu tenho dúvidas nesta explicação. Como pode um **ك** dar **ch**?

Cherva. — Como a forma ár. é خروع a transcrição deve ser *herwa*.

Chifra. — Não há nenhum fonema árabeico que em transcrição corresponda a **ch** em port.; por isso estranho a forma que Nascentes dá como étimo desta palavra: *chafra*. A forma árabe é شفرا, cuja transcrição é *zafra*. Julgo difícil esta etimologia. Na minha opinião a palavra é derivada de *chifre*; o **ش** não dá **ch**; este só pode derivar-se de um **ج**.

Chita. — M. Dalgado (*Ceilão*, p. 144, s. v.) dá como étimo a forma industâника **چیتیت** (*chilinti*). Belot dá um ár. **شیت** (*xit*).

Choca. — A forma persa é جوکان (jukān) e não *chogan* portanto. O **ج** dá regularmente **ch**. *Choca* deve ser um derivado regressivo.

Chué. — No ár. do Andaluz era شوي (xuī). Julgo que nesta forma pode estar uma explicação mais aceitável.

Chul. — Falta no *Dicionário*. Segundo Max L. Wagner (*Biblos*, x, p. 447) de سوات (guuāt), pl. de سوّا (guūā), «*anus*, evidentemente o plural equivalia ao de *nádegas*. A significação de *anus* só é atestada na Península Ibérica». Por minha parte vejo grandes dificuldades de ordem fonética na evolução daquela palavra árabe para a portuguesa; por isso não accito esta explicação.

Cide. — Em árabe vulgar é سيد (ṣīd). *Seid* (transcrição má) corresponde ao árabe clássico سید, *ṣaidu*. Daquele, pois, é que se deve derivar. No Oriente os nossos viajantes ouviam pronunciar a palavra duma maneira semelhante à clássica. Cf.: «He senhoraada (a vila de Racalaem) pelo Sufi, em que estão huns mouros que comem os tributos daquelle terra, que se chamaõ Ceides, que dizem que saõ parentes de Ale, e de Mafamedes», Tenr., *Itin.*, p. 103; «... em que estão gentes, que chamaõ Ceides, que entre elles tem por fidalgos, e senhores...», *idem*, p. 104; «Será de douis mil vizinhos mouros mercadores... que já atrás disse que se chamaõ Ceides», *idem*, p. 105, mas na *Peregrinação* (I, cap. viii): «... & que o Capitão della que se chamava Cide Ale».

Cifra. — «Do árabe صفر» (*ṣifr*); é preferível صفرة (*ṣifra*). A transcrição é com **ç** e não com **s**. Cf. *zero*.

Citara. — Apenas a transcrição me merece reparos: deve ser *ȝitāra* (de ȝ). Significa *cortina*.

Colcotar. — O ár. é ققطار (*qolqotār*), «vitriolum flavum, chalcitis». A forma grega a que esta palavra corresponde é κακάζων ou καλαζόν (Engelmann).

Coracora. — Não há dúvida que esta palavra representa قرقرة (*qoraqūra*), barco mercante, por vezes enorme (Dozy).

Cúbeba. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de كعبه (*kubāba*), «espécie de poivre». A deslocação do acento é estranha, o que me faz pensar antes em كعبه (*kubaba*).

Curcuma. — É necessário um nome de unidade para melhor explicação desta palavra: كركمة (*kurkuma*).

D

Damasco. — A forma árabe do nome da cidade é دمشق (*damaqāq*).

Damasquim. — Deriva do nome relativo do antecedente: دمشقي (*damaqī*). Cf.: «elle queria comprar em Florença hum lama-quim de brocado branco...», Lopo de Almeida, *Cartas de Itália*, p. 4.

Daroez, Darnez. — Esta palavra é a forma vernácula correspondente ao galicismo *derviche* (q. v.). Cf.: «... o Profeta Nobi abastou de deleites aos *daroezes* da casa de Meca...», Fernão M. Pinto, *Peregrinação*, cap. LIX.

Dei. — Na transcrição dada pelo *Dicionário* da forma árabe originária desta palavra está um dos pouquíssimos exemplos da representação de um د : *dā'i* (de اعی *dā'i*).

Derviche. — O árabe درويش (*derwīsh*) significa *fanático*, membro dumna ordem religiosa muçulmana. Esta palavra existe em turco, onde tem a mesma significação. A forma port. entrou pelo francês; a vernácula é *daroez* (q. v.). Na Índia a palavra cedeu o lugar a *faquir* (q. v.).

Diafa, Diefa. — Cf. *Adiaph.*

Djin. — Partei-me de dar voltas a Lokotschi e não encontrei a mais pequena referência a esta palavra e muito menos no art. 726, indicado por Nascentes.

E

Elche. — O árabe علچ (*'elj*) significa propriamente *escravo branco, cristão, estrangeiro*. A palavra era conhecida dos escritores que trataram das epopeias de Marrocos e do Oriente.

Elixir. — Boa a doutrina do *Dicionário*. O gr. έλιξ (ou ἔλιξ) gerou o ár. الکسیر (*al-akṣīr*) (Engelmann). Apenas uma observação: julgo que esta palavra entrou no português pelo francês, onde é documentável desde o séc. XIII (Dauzat, *Dict. Etym.*, s. v.).

Enxadrista. — É pena que Nascentes não tenha feito um artigo especial para *enxadrez*. *Enxadres* não existia por *xadrez*, como Nascentes parece acreditar. *Enxadrez* é um divergente da mesma forma que deu *xadrez* (q. v.), mas acompanhada pelo artigo árabe que evolucionou para *en-*, tal como sucedeu com *enxara*, *enxeços*, *enxérga*, *enxoval*, etc.

Enxaqueca. — O ár. السقعة (*az-xaqīqa*) tem a mesma significação que a palavra portuguesa.

Enxara. — Foi Dozy quem derivou esta palavra de الشُّعْرَ (ax-xa^aarā), *sarça*. Cf. Leite de Vasconcelos, *De Terra em Terra*, II, 182.

Enxecos. — A explicação é de Engelmann: de الشُّق (ax-xaq), *labor, moléstia*.

Enxérga. — Pode ainda significar a carne que se vende fora do açougue e a ólho.

Nesta acepção falta no Dicionário, embora fosse explicada por Dozy: de شَرْق (xarg), *in partes longiores diffissam (carnem), ut siccaretur, soli exposuit*. Em consequência da existência da sílaba *en* na forma portuguesa, é necessário supor-se a forma com artigo e no nome de unidade: الشرقة (ax-xarqa).

Enxoaval. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra de الشُّوَار (ax-xauār), que achou em P. Alcalá com a significação de *dote de casamento*.

Enxovia. — A estar esta palavra ligada, como pensou Dozy, com *algibe* (de الجب, al-jubb) a grafia devia ser em português *enchovia* (de الجبنة, al-jubbīnah).

Estragão. — O ár. طَرْخَون (tarhūn) não pode dar directamente em port. *estragão*. Julgo que está devida ao fr. *estragon*. Não sei explicar o grupo inicial *es-*, mas note-se que em prov. havia *estargon*, em al. *esdragon* e em russo, búlgaro, checo e polaco *estragon* (Lokotsch, 2034).

Dauzat (*Dict. Etym.*), s. v. *estragon*, diz esta palavra uma alteração de *targon*, que aparece em Rabelais.

F

Falifa. — Falta no Dicionário. De خَنِفَة (banīfa), *manto mouro* (Engelmann).

Falifa não é, como diz Santa Rosa, uma alteração de *pelica*; *falifa* era nem mais nem menos do que a pele de cordeiro: «piel de corderos que ha nombre falifa», *Cortes de León y de Castilla* de Afonso X, I, p. 70. Cf. ainda: «tam gordo que nom pode teer em aquella lide senom huuma *falifa* delgada e huuma vara na mão», *Scriptores*, p. 267.

Faluca. — Note-se que فُلُوك (fatiha) é uma forma vulgar; o clássico é فُلُك (fulk).

Fanga. — Antes de Lokotsch já Dozy tinha proposto فَنِيقَة (fanīqa) ou (fanga). Na realidade as duas palavras alternam em árabe. Embora os dicionaristas Belot e Ben-Cedira tragam as formas فَنِيقَة e فَنِيق, isso não deve causar desconfiança à explicação de Dozy: como se sabe, uma das características do árabe do Andaluz era a formação de nomes de unidade. Dozy reforça a sua explicação dizendo que encontrou «... chez un auteur du x^e siècle, Becri (p. 113, l. 1), qui dit que la *fanea* de Cordoue contenait de son temps vingt *moudd* (em esp. *almud*)». Trata-se pois de uma medida de capacidade peninsular. Em port. *fanga* era «um mercado ou açougue especial de cereais, que em algumas partes servia igualmente para os frutos de casa, para os legumes, etc.», Herculano, *Hist.*, VIII, p. 228. Gama Barros (*Hist. da Admunt.*, II, p. 156) dá-lhe a mesma significação. A evolução do sentido de medida para o de mercado é um alargamento semântico vulgar; o todo passa a ser designado por uma das partes mais ou menos características: o mercado dos cereais passou a ser designado pela mesma palavra

que designava a medida (possivelmente a mais vulgar) por que os mesmos cereais eram aí vendidos. A palavra pode ser atestada em documentos antigos; eis dois passos abonatórios: «Ecclesie de penamacor accipient primitias singular *faangas* de omni pane», *Leyes*, 539; «Meis açougues, et *fanegas* et balnea de sancta Maria de faarom...», *idem*, 737. *Fanegas* era uma forma vulgar; talvez julgassem tratar-se daum lat. X *fanera*, *fanega* ou *fanica*.

Faqir. — O que Nascentes diz está certo. A etimologia é que tem um pequeno nada: como é فَقِيرٌ (*fāqīr*), a transcrição deve ser *fāqīr* (ou *fākīr*, para seguir as equivalências que usou) e não *fakir*. Cf. Hobson-Jobson s. v. *Fakeer*.

Farda. — É preferível o nome de unidade: حَفْرٌ (*fardā*).

Farota. — Falta no *Dicionário*. Steiger (*Contrib.*, 120) dá حَرْوَطَةٌ (*harūṭa*). M. L. Wagner (*Biblos*, 431, 443) aceita.

Farrupo. — Wagner (*Algumas Arabismos*, 442) aceita حَرْفٌ (*harīf*), *cordeiro*, como étimo desta palavra. Deve ser essa na realidade a explicação.

Viterbo (*Elucidário*) dá a forma *Farropo*.

Fasquia. — O étimo está no ár. فَصْقِيَّةٌ (*fazqīya*). A transcrição de Nascentes (tirada de Diez) é estranha. Cf. *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, p. 229. Em port. arc. havia *fazquia*: «Polas fazquias e buraquos da porta braadauam...», *Scrip-tores*, p. 78. O que justifica o ص.

Fasta. — Falta no *Dicionário*. A moderna preposição espanhola *hasta* tinha, como se sabe, este equivalente arcaico. Em português também existia (cf. Viterbo, *Elucidário*, s. v.). Hoje é dialetal. Camilo empregou-a: «Comeram *fasta* fóra os trez, sem darem tanto do fastio de Pedro», *Mistérios de Fafe*, cap. ix, p. 104 da 4^a edição.

O étimo está no ár. حَتَّىٰ (*hatta*), até (Engelmann). Dozy aceitou esta explicação e até a abonou com formas romances que a justificam (*ulta*, *ata*, *hata*), etc.

Cf. também: Zauner, *Altspan. Element.*, §§ 44 e 82; a crítica de M. L. Wagner à «Contribución» de Arnaldo Steiger (*Volkstum und Kultur der Romanen*, VI, p. 292).

Fateixa. — Julgo a explicação de Dozy (de حَطَافٌ, *hatāf*) impossível de aceitar.

Fatia. — A forma dada por Dozy é طَافٌ (*fatāf*), que significa *migalha*. A de Cornu (*Port. Spr.*, § 131) é *fatila*, que em árabe é طَافِلَةٌ (*fatāla*). A significação (que não foi dada) é... torcida. Estamos, portanto, diante de duas explicações que não seduzem.

Fato. — As etimologias até agora propostas (pelo menos as que eu conheço) não satisfazem: quase todas dão como base do vocábulo português o espanhol *hato*. Eu penso que apenas há de comum entre ambos a origem. Como diz Nascentes, Cortesão tira o esp. do árabe *actao* e Egüilaz de *Hadd*, porção ou pitada, parte. Confesso a minha repugnância perante estas explicações. Julgo que a explicação é outra.

Segundo Beaussier existe em árabe um vocábulo que significa *poissons*; é um colectivo, segundo diz o mesmo dicionarista; não é portanto difícil ver a significação de *cardume*. Essa palavra é حَاتٍ (*hātū*). A fonética não se opõe, antes pelo contrário auxilia extraordinariamente a minha explicação. Vejamos agora sob o ponto de vista semântico: deve ser, se eu penso bem, um caso perfeitamente análogo a *alabão*, *alavão*, de *allevamen* (cf. M. L.

Wagner, *Alguns Arabismos*, p. 431). Como o erudito filólogo mostra, a palavra latina significa *cardume* precisamente e dêsse sentido passou a designar *rebanho*. Comparando com este caso não me parece difícil acreditar que o étimo de *fato* poderá ser o árabe *hātū*, peixes, cardume.

Conforme escrevi no *Boletim de Filologia* (vi, p. 20) foi por desenvolvimento semântico de *fato* rebanho que apareceram em português as acepções de *haveres* e *vestimenta*.

Favarraz. — Falta no *Dicionário*. Do ár. حَبَّ الرَّأْسِ (*habb ar-rāṣ*), grão de cabeça (Rev. Lusit., XIII, p. 223).

Febra. — A forma árabe é طَفْرَبَةُ (*tarfaba*). Steiger aceitou a explicação (*Contribución*, 270).

Filele. — Foi Dozy quem derivou esta palavra de فيلالي (*filālī*), adj. do nome *tafilete*. Baseou-se em Desfrémery.

Cf. L. Brunet, *Tannerie*, s. v.

Firmão. — Não é esta forma de emprégo muito aconselhável em português. Veio-nos pelo francês *firman*. São preferíveis *formão* (que Nascentes regista com remissão para aqui) ou *alforma* (que não foi registado). Para melhor exposição do que digo q. v. David Lopes, *Toponímia Árabe*, p. 39.

Férro (2). — Como Nascentes costuma seguir o sistema francês de transcrever o č por kh, fiquei muito surpreendido ao verificar no seu *Dicionário* que esta palavra deriva «do ár. *Khurr*, livre». خَرْر (*khurr*, ou, como quere Nascentes, *Khurr*) designa a tremonha do moinho. **Férro** deriva de خَرْر (*hurr*), palavra que significa livre, contrário de escravo.

O feminino designa em Póvoa de Midões uma ovelha ou cabra que, tendo sido coberta, não ficou grávida.

De *férro* formou-se o verbo *forrar*: «Como varreo aa vassoura / que vintem nam me ficasse / veo me dizer que a moura / pedia que a *forrasse*», G. Vic., *Juiz*, fl. 223 v.; «Se vos pagaes tanto della / *forrarey* la era maa dia», idem, *ibidem*, fl. 224; «adargaivos sempre do sereno, fugi de lugares apaulados, *forraitos* de barretinha de retros, e prezaivos de mal regido...», J. F. de Vasconcelos, *Eufrosina*, p. 11.

Fota. — É realmente do ár. فُطْتَةُ (*futṭatā*) que esta palavra deriva. A palavra árabe não significa realmente lenço, mas não sei se *avental de banho*, mas com certeza *avental só*.

A palavra portuguesa empregava-se na verdade com a acepção de *turbante*: «... & nas cabeças *fotas* cō viuos de seda laurados de fio douro...», Castanheda, *História*, I, cap. VI, p. 18; «... & na cabeça húa *fota* de seda de veludo de muytas cores & douro...», idem, *ibidem*, I, cap. VI, p. 20.

Julgo que o verdadeiro sentido da palavra era a designação de qualquer género de tecido rico: «Quando entra hum convidado em casa do convidador, lhe manda estender húa *fota* de seda, ou outro pano rico...», Tenreiro, *Itinerário*, p. 18; «... passa por sima do dito panno, ou *fota* com muita ceremonia...», idem, *ibidem*, «Aqui se técem muitas sedas, setins, *fotas*, brocadilhos...», idem, *ibidem*, p. 23; «... estavaõ muitas alcatifas, e sobre ellas *fotas* de seda estendidas...», idem, *ibidem*, p. 35.

De *fota* derivou-se *foteado*: «... & na cabeça húa touca muyto *foteada*...», Castanheda, *Hist.*, I, cap. 24, p. 88. Este passo parece justificar ainda mais o que eu disse antes.

Friso. — Dozy deriva de اَفْرِيز (ifrīz e não ifris, como traz Nascentes). Segundo Freytag significa «corona et supercilium parietis ad pluviam arcendam». A forma grega a que esta palavra árabe talvez corresponda é ζωφόρα.

Fulano. — Como a forma ar. era *fūlān* (*Leges*, 602, etc.) julgo que esta veio pelo espanhol. (Do ár. *فُلَان*, *fulān*, um certo).

Fusta (1). — A explicação de Figueiredo é ridícula. O étimo deve estar em **فَسْطَة** (*fuṣṭa*), nome de unidade de **فَسْطَة** (*fuṣṭ*), *tenda de algodão*, e daí só o nome do tecido.

Fustão. — Nascentes diz o ár. *Fostāt* de origem latina, mas esqueceu-lhe dizer de que palavra. Ora **فَسْطَاطَة** (*fuṣṭāt*) e também **فَسْطَاتِ** (*fuṣṭat*) designa *tenda, acampamento* (Beaussier); *campo; lugar de reunião duma povoação* (Belot); era ainda, segundo este dicionarista, o *nome do velho Cairo*. A palavra árabe é na verdade de origem estrangeira. Parece que no Cairo a indústria da tecelagem estava muito desenvolvida; por isso parece também possível a relação entre **فَسْطَاطَة** (*fuṣṭāt*), Cairo, e **فَسْطَان** (*fuṣṭān*), *vestido*. Também existe em árabe a palavra **فَسْطَان** (*fuṣṭān*), com mudança de ب em ت. Esta última parece ser a mais vulgar, visto que Belot, embora indique ambas, dá a significação na segunda e a primeira remete-a para ela. Pelo que se verifica, Júlio Moreira (*Estudos*, II, 284) tinha razão.

A palavra *fustão* é antiga em português; já aparece numa poesia de João Airas de Santiago (séc. XIII) onde se diz:

Ai mia filha, por Deus guisade vós
que vos veja esse *fustan* tragar
(NUNES, *C. de Amigo*, n.º 286).

Cf. ainda: «... dezessete varas e mea descorçia e quatro peças e mea do *fustan*...», *Doc. rel. a Marrocos*, I, p. 557.

G

Gabela. — Na minha opinião esta palavra vem do francês *gabelle*, que, segundo Darmesteter (*Dict. Etym.*, s. v.), tem origem no prov. *gabela*; o mesmo dicionarista julga esta de origem incerta, mas afinal é o árabe قَبَالَة (qabāla) que está no port. *alcabala* (q. v.).

Gaita. — Deve derivar do árabe غَيْثَة (guīta), *obôê*.

Galanga. — Não está bem o que diz Nascentes. O étimo é خَلَانْجَان (khalanjān), que Nascentes transcreve *khalangan*. Um Ç corresponde a j e nunca a g (= gu). Há casos dessa letra dar g: *almogama*, *moganga*, etc. (cf. D. Lopes, *Cousas Arábico-Port.*, p. 9), mas não normalmente. A explicação é de Dozy.

Ganhão. — Julgo muito boa a doutrina de Nascentes neste artigo. (Do árabe غَنَم, *gannām*, *pastor*, com influência de *ganbar*. Cf. *alganame*).

Garrafa. — Deriva na realidade de غَرَافَة (garrafā), *colher de vasilha*. É um nome de unidade necessário para explicar satisfatoriamente não só a forma portuguesa, mas também as do it. *caraffa*, esp. *garrafa*, ant. cat. *cherraba*

e até talvez a do fr. *carafe*. Beaussier dá **غَرَاف** (*garrāf*) com a significação de «cuiller à pot»; a propósito desta palavra Brunot (*Noms de récip.*, s. v.) diz que é «roue de noria munie d'une chaîne à godets (le nom du godet est passé à la roue). Le classique a **غراف** (*garāf*) avec le sens de gobelet à boire». A forma dada por Beaussier é a vulgar para designar *garrafa*, ao lado de **صُوْمَه** (*redōma*).

Garrama. — Falta no *Dicionário*. Do ár. **غَرَامَة** (*garāma*) (Engelmann).

Garroba. — Q. v. *Alfurroba*.

Gazela. — *Gazäl* (<**غَرَال**) daria *gazel*. É necessário o nome de unidade: **غَرَالَة** (*gazāla*). Em fr. há *gazelle* e *algazel* (Darmesteter). Esta é que talvez se possa filiar na primeira forma.

Gaziva. — Cf. *Razia*.

Gazua. — O ár. **جَازِعَة** (*gazua*) significa *incursão*, *invasão*, *expedição militar*, *campanha*, *surtida*. O resto da doutrina parece-me bem.

Gelba, Gelva. — A. Coelho baseara-se em Dozy (de **جَلْبَة**, *jelba*, barquito do Mar Vermelho). Cf.: «... vimos tres vellas surtas & parecendones q serião *gelvas*, ou tarradas da outra costa...», Mendes Pinto, *Peregrinação*, I, cap. v.

Gengibre. — Não há dúvida que esta palavra deve derivar-se de **جَنْجِيل** (*zen-jebil*), o mesmo. O facto de o vocábulo português não se apresentar com o artigo não é suficiente para se eliminar a hipótese árabe. Não se pode admitir para o espanhol (onde a palavra é em tudo idêntica à nossa) um étimo distinto só pelo facto de o nosso não trazer artigo. Foi o que disse Dalgado. Muitas palavras houve no árabe que passaram para o port. sem artigo. Lembro-me dum caso interessante: *Alcaria* é vulgar na Toponímia, onde também há *Caria*. Em árabe há a variante **جَنْجِير** (*çanjetib*).

O lat. *zingiber* (ou *zingibéri*, *zincibér*) daria *gingembre*.

Orta ocupa-se do *gengibre* no colóquio xxvi (vol. II).

Gergelim. — Como em *galanga* Nascentes transcreveu mal o **ج** (por *g*). **جاڭلان** é *juljulän* e não *jurgulän*. Na Península parece que se pronunciava **الجَنْجِلِين** (*al-jonjolän*) (Dozy).

Formas românicas: it. *giuggiolino* e *zerzelino*; fr. *jugeoline*. Em port. também há *zirzelim*. (*Hobson-Jobson*, s. v. *gingeli*).

Gineta. — A explicação é de Dozy: de **جَرْنِيَّة** (*jarnīt*); melhor seria de **جَرْنِيَّة** (*jarnītā*). Mas não comprehendo a frase «a inicial árabe é um *xin*, por conseguinte a transcrição melhor é *jineta*». Nem a inicial é um *xine*, nem um *xine* se deve transcrever por *j*, nem *jineta* é uma boa transcrição.

Ginete. — Foi Dozy quem pretendeu derivar esta palavra de **زناتي** (*zanātā*), nome dumha tribo berbere que era a fornecedora de cavalos de Granada. Na minha opinião o étimo deve estar num derivado daquela palavra, mas não nela. Será talvez preferível **زناتي** (*zanātā*), o que é dos Zanatas; zanatense. É portanto um nome relativo. Com a palavra *zanati* designar-se-ia o cavaleiro e o cavalo oriundos daquela tribo. O sentido de cavaleiro alargou-se até designar os cavaleiros árabes (cf. *Canc. do Yat*, n.º 74). Cf. *Zenata*. Q. v. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, VI, p. 24.

Giz. — Julgo boa a doutrina de Dozy: do ár. **جِيز** (*jibṣ*), que por sua vez deriva do gr. γύψος (= lat. *gypsum*).

Guadameci. — Bem em Nascentes; cf. **غَادَمَقِي** (*gadāmeqī*), relativa a Gadamés. Nota-se que *guad-* é uma má pronúncia. Seria uma palavra recebida pelo espanhol, ou uma analogia com Guadiana?

Apareciam formas sem o *n* semi-vogal: «...as boas *gudāmeqīz*, pro Iº morabitino», *Leges*, 1, p. 743; «... e 7 coxos de raz, e 3 de *godemecil*...», «Cartas de Quitação de D. Manuel», *Arg. Hist. Port.*, vol. 1, doc. 5; «... e 11 panos de armar de *godamecis*...», idem, *ibidem*; «... mandou desmanchar todos os seus *guadamecis* dourados...», *História Quinhentista do Segundo Círculo de Dio*, p. 51.

No *Cid* aparece a forma *guadalmeqi*: «... bastir quiero dos arcas; / inchámoslas d'arena, ea bien serán pesadas, / cubiertas de *guadalmeqi* e bien enclaveadas», vv. 85-87.

Gueixo. — Falta no *Dicionário*. Significa *novilho, bezerro*. É um vocábulo dos Açores. Wagner (*Alguns Arabismos*, 443) não julga difícil aproximar esta palavra de **كَبْش** (*kebx*), *carneiro*.

Guilha. — A forma ár. é **غِلَّة** (*gila*) e significa realmente *colheita*.

Gunileme. — Evidentemente que **جُنِيلِمَة** (*tāmī*) não pode explicar a palavra portuguesa. Desconheço uma explicação melhor.

H

Hájibe. — Falta no *Dicionário*. De **حَاجِبٌ** (*hājib*), *camarista*. Dozy, *Glossaire*, p. 129 (s. v. *Alquacil*). Cf. D. Lopes, *Árabes*, pp. 195-196; Here., *História*, 1, 102, 104.

Harmala. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de **الحرمل** (*al-harmal*), «*cruta silvestris*». O étimo não satisfaz completamente; é necessário o nome de unidade seu artigo: **حرملة** (*harmala*).

Haxixe. — Nascentes, além de não dar uma boa transcrição dos xines, não indicou a quantidade do *tā*. A forma árabe é **حَشِيشَة**, portanto a transcrição será *haxixe*.

Héjira. — Está bem no *Dicionário*. De **هِجْرَة** (*hijra*), *emigração, fuga*. A palavra é empregada em árabe com os dois sentidos. Nascentes traduz por *emigração*. Para o caso especial que a palavra *héjira* designa, na minha opinião essa tradução é a menos própria. Recentemente os Srs. Eremílde Viana e Guy de Hollanda (no 1º número do *Boletim do Centro de Estudos Históricos* de Rio de Janeiro) dão também preferência a *emigração*; no número seguinte J. C. Raja Gabaglia prefere *fuga*, mas Eremílde Viana no mesmo número responde tirando esta conclusão: «Os autores preferem, pois, *migração* a qualquer outra significação para *héjira*. Abandono voluntário de amigos ou parentes mais se aproxima de *migração* ou de *emigração* que de *fuga*. *Retirada* também não é termo feliz, enquanto não seja perfeito». Ora a verdade deve dizer-se: estes autores parecem não ser arabistas; basearam-se no que disseram dicionários que indicam essas acepções. Portanto para podermos traduzir com precisão o vocábulo temos que analisar as condições em que Maomé saiu de Meca. Maomé tinha amigos em Iatrebe. Os coreixistas (guardas da Caaba), a quem não convinha uma nova religião que possivel-

mente viria lesar os seus interesses, ao saberem da conversão dos de Iatrebe, temeram o futuro e decidiram liquidar o intruso e com essa intenção foram procurá-lo a casa; é então que protegido pela escuridão da noite, depois de se furtar a todas as perseguições, conseguiu escapar-se-lhes e atingir a cidade (a futura *Medina*), donde partiu para a Guerra Santa. É uma autêntica *fuga*, feita na realidade voluntariamente, mas para... não ser morto.

Note-se que o Prof. David Lopes (*Árabes*, p. 99) traduz a palavra por *fuga*.

A palavra *hijira* devia ter entrado tarde no português; uma das provas mais evidentes está na falta do artigo de que os árabes fazem sempre acompanhar a palavra quando esta se refere à *fuga* de Mafoma.

I

Iatagā. — Em turco, além de ياطغان (*iatağāne*), existe também a forma يطغان (*iṭṭagāne*). A primeira é mais vulgar.

Imame. — É uma boa grafia. *Imam* pode obrigar a uma má leitura, além disso é um galeçismo (cf. Gonç. Viana, *Poestras*, p. 64). A forma árabe é امام (*imām*), o que está à frente. «É o celebrante ou o sacerdote que preside à oração da assembleia dos fieis na mesquita. Os muçulmanos não tem hierarquia como os catholicoss (D. Lopes, *Árabes*, p. 96); em geral pode ser qualquer indivíduo, mas é necessário que conheça a liturgia; mas também o podem ser pessoas muito cultas ou muito respeitadas. O soberano também era por vezes investido (ou investia-se) nessas funções. «Nome que também tomam os soberanos como chefes supremos religiosos; e em especial os primeiros califas com Ali e os seus sucessores legítimos» (D. Lopes, *op. cit.*, p. 196). Eis porque em certas regiões *Imame* designava o soberano; cf. este passo tirado de *Hobson-Jobson* (s. v. *Imam*): «The Prince of this country is called *Imam* who is guardia at Mahomet's Tomb...», Fryer, 220. Acérea de *Imam* cf. ainda Iben-Caldune, *Prolegom.*, I, pp. 384 e 463.

Islame. — Deriva na realidade de اسلام (*islām*), resignação à vontade de Deus (D. Lopes, *Árabes*, p. 186), mas não se trata de um infinitivo. Este modo não existe em árabe. É substituído pelo chamado *masdar* ou *nome de ação*, que também não é aplicável a *islām*. Esta palavra é um substantivo derivado do verbo سلم (*salama*).

J

Jaez. — Bem explicado em Nascentes: de جهز (*jahāz*), arreio de camelo. Daqui passou a designar: 1.º Arreio de cavalgadura; 2.º Qualidade, gênero, indole (C. de Fig.). Teoreiro, em dois passos, mostra os dois sentidos: «... por diante da dita tenda huu alpendre do mesmo *jaez*...», *Itin.*, p. 35; «... e apparato de *jaezes* ricos, e andas, e vestidos...», *idem*, p. 84.

Jarra. — Bem no *Dicionário*. (De جرة, *jarra*). É uma palavra que passou a muitas línguas românicas: cast. *jarra*; gerra; cat. arec. *aljerra*, *jarra*; prov.

jarra; sic. *giarra*, etc. (cf. W. Giese, *Volkskundliches aus Ost. Granada*, 37, e Moll, 1702).

No Oriente era uma medida. Cf. *História Inédita do Segundo Círculo de Díla*, pp. 243, 247, 336, etc.

Javali.—Boa doutrina (de جَلْي, *jaratī*, montes).

Julepo.—Note-se que o *a* é longo. Portanto a forma árabe é جَلَب (*jalāb*), *pogão calmante*. Cf. it. *gialebbe*, esp. *jalepe*, fr. *jalep*.

L

Laca.—Precisa-se do nome de unidade: لَكَّا (*laka*). Em persa é لَكَّه (*lak*).

Antes de Dozy já Gólio e Freytag se tinham ocupado desse vocábulo.

Lacrau.—Bem em Nascentes: de ár. المَقْرَب (*al-maqrab*). Esqueceu dizer que houve a aférese do *a* do artigo.

Laqueca.—Também há *alaqueca*. De العَقِيقَة (*al-aqīqa*). Esta palavra está bem em Nascentes, mas não diz onde colheu a informação. Já tinha sido explicada por Sousa. Dozy aceitou a sua doutrina. Designa a cornalina, pedra preciosa que pára o fluxo do sangue: «... esta pedra tem a virtude mais erara que todallas outras, porque estanca o sangue mui de supitos», *Orta, Colóquios*, II, p. 225.

Laranja.—Bem em Nascentes: do ár. لَارْنَج (*nārnj*), que é de origem persa (نَارْنَج, *nārnj*). Note-se porém que há em ár. vulg. a forma لَارْنَج que, na forma de nome de unidade, explica perfeitamente a palavra portuguesa. Cf. os comentários de Américo de Castro ao *Dicionário de la Lengua Castellana* da Real Academia Espanhola (14.ª ed., de 1914) na *Revista de Filologia Espanhola*, II, p. 54.

Lascarim.—De العسكري (*al-aṣkārī*), *soldado*. *Ascarim* é um italianoísmo que se vulgarizou com a campanha etíopica.

Era também usual a palavra *lasear*: «... pelo que se deve ordenar que lá se remedie isto, assoldadando aos *laseares* árabes...», *Documentos remetidos da Índia*, I, p. 96. Por este passo parece compreender-se que a palavra era sinónima de *lasearium*, mas na *Crón. de D. Manuel*, de Damião de Góis, aparece com um sentido diferente: «... lo que sabêlo ho gouernador della, a que chamã *Laseor*, lhe mandou...», IV, cap. 27, p. 62.

Este sentido não foi registado no *Hobson-Jobson* (s. v. *Laseur*).

Deve tratar-se de um derivado regressivo de *lasearium*. Essa derivação penso que foi realizada pelos portugueses e da língua destes é que entrou no uso vulgar do Oriente. Os holandeses e os ingleses colheram assim o vocábulo.

Hobson-Jobson pregunta se não teriam sido estes que realizaram essa derivação. . .

Leilão.—Na minha opinião esta palavra ainda não foi explicada satisfatoriamente. Julgo-a do árabe الاعْلَان (*al-a'�ān*) forma vulgar, *estandarte, bandeira; aviso, notificação; tabuleta, anúncio*. Já depois de ter escrito isto li em *Hobson-Jobson* (s. v. *neelam*) que C. P. Brown nas suas notas mis. pensara

em العَلَمْ (*al-alām*), em que eu antes também pensara; mas a que eu apresento mais acima parece-me preferível por causa do ditongo.

Georges Colin, *Notes de Dialectologie Arabe*¹, diz a palavra عَلَمْ (*alām*) hispânica e a única usada ainda hoje em Marrocos. Segundo afirma em nota, Amador de los Rios (*Trofeos militares de la reconquista*, Madrid, 1893, pp. 116 e 127) cita essa palavra como existente nas inscrições dos estandartes dos Banū Marin.

Segundo o mesmo autor عَلَمْ (*alām*) é a forma ocidental correspondente ao clássico طَلَمْ (*talām*). O alongamento é pois local.

Nos *Anais de Arzila* aparece a forma ainda com o *a*- do artigo: «... que, como toda a vila estava ocupada no *atelão*, así dos mouros como dos cavalos e selas...», 1, p. 313.

Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, vi, p. 26.

Leziria. — Nascentes esqueceu um trabalho muito importante: o do Prof. David Lopes no *Boletim de Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa (vol. v, p. 449). Por ai se verá que a explicação de Eguiiaz e Gonç. Viana não é boa (de *الجزيرة*, *al-jazā'ir*, pl. de *ilha*), porque «não deve ser a significação primitiva de *ilha* que explica a da nossa *leziria*. As lezirias são formulais das terras que arrastam as águas dos rios e se depositam nas margens dêles, quando se espalham. Ora em árabe essas terras chamam-se *terras de ilhas*, como diz Alauame no seu tratado de agricultura

التراب الجزيرية، *ard-aljazā'ir*, ou أرض الجزائر...».

«De *الجزيرة*, *aljazā'ir*, os árabes fizeram o adjetivo *aljaziriā*, *de forma ou natureza de ilha, insular*, citado acima, que é exactamente a forma portuguesa *leziria*, mas acentuada diferentemente, isto é, aguda, e não pode por isso explicá-la», pelo que «deve explicar-se por *aljazira* em vez de *algezira* e dissimilação de *z*, e queda do *a* inicial por confusão com o artigo português *a*». É esta a doutrina do Mestre, com a qual estou em absoluto acôrdo.

Lima (fruto). — Não é na verdade um regressivo de *limão*. É o nome de unidade (نَسْكَة, *naskha*) de لِيم (*līm*) (Dozy). لِيم é uma divergente de لِيُون (*līyūn*). Cf. *limão* (Dozy).

Limão. — De لِيُون (*līyūn*), limão na verdade (Engelmann).

M

Maçal. — Wagner (*Alguns Arabismos*, p. 430) aceita a explicação de Sousa (de عَصْل, *maql*). O *a* deve ser epentético.

Maçaroca. — A explicação de Nascentes não é bem a que escreveu Dozy: este derivou o vocábulo de رَكَّة (*māqīra roka*). A segunda palavra é o

¹ *Hespéris*, t. x, p. 106.

representante do germ. *roca*, de que havia vestígios na língua dos Moçárabes. Cf. Simonet, *Glosario*, s. v. *rūcca*. A forma moç. era رُكّا (rukka).

Macio. — A explicação que dá como base desta palavra o ár. مَسِح (maṣīḥ) é, na minha opinião, a mais razoável.

Madraço. — Não sei como se pode ligar esta palavra a مَطْرَاح (matrah).

Manchil. — Não foi Sousa, mas sim Moura quem explicou pela primeira vez esta palavra pelo ár. منجل (manjil), foice. Dozy aceitou essa explicação.

Mandil. — A forma ár. é مَنْدِيل. A transcrição deve ser portanto *mandil*. A respeito doutrina parece-me bem.

Marabu, Marabuto. — A primeira palavra é um galicismo; a segunda devem-na ao espanhol ou ao italiano. A forma vernácula é *morábito* (q. v.).

Maravedi. — É na realidade do ár. granadino مَوْرَبْتِي (morabītī), o que é dos Ahorávidas. É uma divergência de *morebitíno* (q. v.).

Marfim. — Esta palavra ainda não teve uma explicação satisfatória. Engelmann já reconheceu nela a existência de فيل (fil), elefante, mas a expressão que apresenta está errada. Um árabe nunca diria نَبْ فِيل (nab fil), mas sim نَبْ الْفَيل (nab al-fil), dente de elefante. Dozy, depois de várias considerações, confessa que não sabe explicar a palavra.

Se me for lícito também pretendo dizer o que me parecer acérea da origem desta palavra. Não há dúvida que ela constitui na origem uma expressão. O seu segundo elemento é الفيل (al-fil), o elefante. A dificuldade está toda no *m* inicial. Ora *dente* em árabe, melhor do que نَبْ (nab), cuja forma vulgar é سَنْ (sinn). Esta palavra é feminina. Portanto para designar o que é do elefante devia usar-se a expressão bem árabe نَبْ الْفَيل (nab al-fil); o *u* caiu por asérese e temos مَالْفِيل (m al-fil), o que daria um *malfil* e por dissimilação *marfil*, que era a forma areáica.

As frases compostas por اَمْ قَرْقَرْ (umim) são vulgares em árabe. Cf. قَرْقَرْ (qarqar), a do coxazar: o sapo. O mesmo se observa com o masculino أَبْنَى (abnā) (cf. *pataca*). Cf. o que escrevi no *Boletim de Filologia*, vi, p. 15.

Marlota. — A explicação foi dada por Engelmann: o gr. παζιάτη (de que os coptas fizeram παζότη) deu em ár. مَلْوَثَة (malwāṭa), donde, por dissimilação dos *ll*, o port. *marlota*. Cf. também Dozy, *Dictionnaire des noms des vêtements*.

Maromba. — Julgo pouco provável o étimo desta palavra no ár. *mabrūm*, apresentado por Dozy.

Masmorra. — De مَهْمُورَة (mathmūra), que significa fossa e não celeiro. O *u* não deu o irregularmente. Cf. *açougue*, *açoute*, etc.

Másrio. — O nome deste mineral está na realidade ligado ao ár. مصر (miṣr), nome do Egipto. A palavra deve ter como base o nome relativo: مصري (miṣrī). A sua forma deve-se à nacionalização de uma forma alatinada daquele relativo: *masrīm*, que C. de Figueiredo cita.

Diga-se a propósito que desse relativo formou-se no português quinhentista a forma *meccerim*: «He habitada (Fua) de mouros Arabios, e *Meccerim*», A. Tenreiro, *Itinerário*, p. 92.

Matraca. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra da مطرقة (*mitraqa*). Nascentes não o indica.

Mesquinho. — Deriva-se do ár. مسكن (miskin), *pobre, desgraçado*. A raiz é سكن (qakana), *acalmar-se, estar tranqüilo*. Não é preciso pois ir buscar o assírio e o aramaico. Essas etimologias, além de desnecessárias para este caso, são perigosas.

Como curiosidade: no *Glossário de Reichenau* (séc. ix) diz-se que «Saraceni *miskinum mendicum vocant*». Citação de Savj-Lopez, *Orígenes Neo-Latinus*, p. 311, nota.

Mesquita. — Mesquid também é forma berbere. Cf. *timezguida* em Laoust, «Pêcheurs Berbères du Sous» (*Hespéris*, III, p. 245). Almagide, forma regular e equivalente ao esp. arc. *almagid*, é um nome de sítio em Portugal.

Mimbar. — O منبر (*minbar*) é o *púlpito das mesquitas*.

Minarete. — Não há dúvida que é um galicismo. Gonçalves Viana (*Palestras*, pp. 14-15 na 1.ª edição, 9-10 na 2.ª) diz que é a palavra árabe منارة (*ma-nâra*) pronunciada à turea. Nascentes, indicando a fonte, diz isto mesmo. Diga-se porém que essa doutrina não é do grande glotólogo português mas do Prof. David Lopes, que afirmou isso num artigo publicado no jornal *O Século* a 23 de Abril de 1906. Este Prof. voltou a ocupar-se do assunto no seu trabalho *Alguns verídulos árabico-portugueses*, etc., p. 6. Põe afi de parte a sua doutrina anterior «porque dentro da própria língua árabe tenho razão suficiente dessa forma». A palavra deve ter ido parar ao francês pelo árabe oriental (Egipto, Síria, etc.); ao a terminal... que no ocidente é a fechado, no oriente é e fechado: minaret, pois, à francesa, que se veio a escrever *minarete*, o qual na nossa Península deu *minarete*, com a pronúncia do t, como sorbet deu sorvete».

Miralmuminim. — Miramolim é forma mais portuguesa (q. v.).

Miramolim. — Nascentes dá *Mirumolin*, que nunca vi. A forma que aponta (*amir al-muminim*) não é exata. Em árabe é أمير المؤمنين (*amîr al-mâminîn*), o príncipe dos crentes. Nunes, na sua *Gramática* (2.ª ed.), não dá a forma com m, nem *miralmuminim* ou *miramolin*, mas *miramolin*. Acrescente-se ainda que Nunes não era evidentemente autoridade em assuntos relacionados com o árabe. Nascentes deve saber isto. A propósito desta palavra devia consultar de preferência *Os Árabes nas obras de A. Herculano*, do Prof. David Lopes. Ocupa-se dela na p. 196.

Mitical. — De acordo com o meu sistema de transcrição (mais de acôrdo com a fonética hispano-árabe) prefiro a *mitical* a forma *mitiqâl*¹. Em árabe é متيقلا. Esta palavra designa uma *pêso de matérias preciosas de 24 quilates* (4 gr. e 679) (Ben-Cedira), e ainda uma *moeda de ouro*. A palavra ocorre em Santor (p. 160). Num documento de 1114 publicado pelo Dr. Rui de Azevedo (*O mosteiro de Lorvão*, p. 230-1) ocorre a forma *metheales*. Viterbo estuda a palavra s. v. *Metheales*, ou *Metkaes*. Tem boa infermação. No séc. xvi a palavra *mitical* era vulgar nos escritores do Oriente (Castanheda, por exemplo).

¹ O valor fonético do م é *ts* hoje no Norte de África. Evidentemente que essa transcrição não interessa à Filologia Ibero-Árabe.

Moçafó. — Falta no *Dicionário*. É uma palavra vulgar no séc. XVI (cf. Castanheda, II, p. 182; VIII, 263; Mendes Pinto, cap. 175; Góis, Cr. *D. Man.*, II, cap. 34). Foi estudada por Dalgado, *Glossário*, s. v., e David Lopes, *Alguns vocabulários*, p. 2. De **صَفْحٌ** (*saufahf*), *livro, volume*. É uma palavra moderna: designa *Acorão*, mas os muçulmanos neste sentido empregam o artigo **الصَّحْفُ**, *al-saūfahf*.

Moçarabe. — A forma ár. **مُسْتَعِرٌ** cuja transcrição deve ser portanto *moustarab*. Para as várias explicações que têm sido apresentadas q. v. a trad. de *Almávarí de D. Paseval Gayangos*, I, p. 420.

Moçuaquim. — A ter base em **مسْوَاقَةٍ** (*mīqākah*) (Dozy), esta palavra devia derivar do nome relativo: **مسْوَاقٍ** (*mīqākī*).

Mofatra. — Como em ár. **مُخْطَرَةٌ**, a transcrição deve ser *michtara*.

Mogangas. — Dozy não dá *gōnij*, mas **مُغَانِجٌ** (*muganj*).

Monção. — Em árabe **مُؤْمَنَةٌ** (*mūqānah*), além de *determinado festa religiosa muçulmana* (Ben-Ceslira), designa ainda *estação da peregrinação a Meca e das feiras solenes; o tempo da ecifa* (Freytag e Belot) e finalmente *uma doença que não ataca sendo uma só vez*.

Também aparecia a forma *monção*: «... dizendo que o tempo e *monção* era gastado...», Mestre João, *Itin.*, p. 135; «É por ser a *monção* para a Índia...», Castanheda, *Hist.*, II, p. 3; «... q̄ podesse partir para Portugal na *monção*», idem, *ibidem*, I, p. 116.

Morabitino. — Falta no *Dicionário*. É uma divergência da *maravidi* (q. v.). Os almorávidas emuderam uma moeda, a princípio de ouro e depois também em prata, que d'elles tomou o nome, e existiu entre nós até o fin. do séc. XV, *maravidi* (*maravidi* é formado sobre o plural), que nos documentos em latim é *morabitino* e *marabitino*, e é apenas o adjetivo árabe **مَوْرَابِطٌ** (يَارِي)¹, ou seja *morabiti* (*donar*) (Viterbo, *Elucublários*, II, p. 77); David Lopes, *Árabes em Herediano*, p. 191. É pois uma palavra de formação crudita.

Morábito. — É estranho que Nascentes não estude esta palavra no local próprio e o faça na palavra que não é a veraculta (*marabuto*). Mesmo aqui não cita os *Árabes em Herediano*, do Dr. David Lopes, onde se trata da palavra nas pp. 191-192.

Moxama. — Em árabe é **مُكْحَلَفٌ** (*mukhalaf*) e não *mosketatti*, *peixe seco e salgado*.

Antes de Egüilaz já Dozy explicara esta palavra.

Muezim. — É um galicismo. A palavra não sofreu nenhuma influência turca, como diz Nascentes, baseado em Egüilaz, Dozy e outros, mas sim francesa, onde é *muezin*. Esta palavra tem a sua origem no árabe **مُؤذِنٌ** (*muadhīn*), que deu normalmente em português *almoechão* (q. v.).

Mufti. — O ár. **مُفْتَنٌ** (*muftī*) significa *o que dá consultas jurídicas e interpreta a lei*.

Múmia. — Foi Engelmann quem primeiro derivou esta palavra do árabe **مُمِيَّةٌ** (*mūmia*), o que é ou está em cera.

¹ Os caracteres árabicos não vêm na obra.

Musselina. — *Mucelina* é que devia ser a boa grafia da palavra. Em árabe é الموصلى (*mūṣ̲lī*); deriva de *الموصل* (*al-mūṣ̲l*), nome de Mogul, no rio Tigre.

A palavra entrou na Península talvez pelo francês *musseline*; o esp. *muscélina* parece justificar as minhas palavras. É esta talvez a razão da generalização da grafia com *ss*.

N

Nababo. — A palavra نواب (*nauāb*) é que é plural de نائب (*nāibā*).

Nadir. — ¿ Onde encontrou Nascentes a forma *nzir*? ¿ Como pode ela explicar a palavra portuguesa? O étimo está no árabe نظير (*naṣ̲īr*), ponto diametralmente oposto a outro.

Nafé. — A transcrição de Nascentes não é rigorosa. A نفحة deve corresponder *nafha* e não *nafaa*.

Nafka. — Deve ser o árabe نفطة (*nafta*), que designa o mesmo.

Naipe. — Julgo também esta palavra com base no árabe نايب (*nāib*).

Nenúfar. — Foi o árabe نينوفر (*nīnūfar*) que gerou a forma portuguesa (Engelmann).

Nesga. — A forma نسج (*neg*), *entrelido*, vem em Cobarrubias; Engelmann não aceitou essa explicação, mas Dozy já a aceitou. É preferível o nome de unidade سج (*negja*); note-se a influência do mesmo fenômeno que se observou em *almogama*, *galanga*, *moganga*, etc.

Nochatro. — Não foi Dozy, mas Engelmann quem explicou esta palavra pelo árabe نشادر (*naxādr*), *sal amoníaco*.

Eduardo de Lisboa, num artigo denominado «O dicionário do Sr. Nascentes», no *Diário Português*, propõe uma forma do ár. vulgar *nuchatar* (aliás *nuxdtar*, como escreve mais abaixo), que colheu em Pedro Alcalá¹. Será uma variante da que Engelmann apresentou.

Não me repugna aceitar esta nova explicação.

Nora (2). — A forma ár. é ناعورة. A transcrição deve ser portanto *nāra*. A explicação foi dada por Engelmann, que Nascentes não cita.

O

Odiá. — O mesmo que *adiá*. Esta palavra é moderna e veio do Oriente: indica-a a acentuação; vem de أدي (i*hadiā*), presente. A forma antiga é *alfadia*.

Ogiva. — Esta palavra deriva na realidade do fr., onde é de origem árabe, como o demonstrou recentemente o Sr. Georges S. Colin na *Romania*, LXIV, p. 377. A doutrina do artigo é, na minha opinião, de tal maneira segura que nem merece discussão. Deriva de الجب (*al-jibb*), que deu em português *aljibe* (q. v.). *Aljibe* é a forma castelhana, que entrou no francês, onde as

¹ Petri Hispani de lingua arabica libri duo, edição de Logarde, p. 391.

expressões *croix d'angive*, *croix angivière*, *croisée d'angive* «ont un équivalent formel et sémantique dans l'expression espagnole *boceta de Aljibe*.

Osmâni. — Em árabe é realmente عثمانى (oçmanî), mas em turco é عثمانلى (oçmanlı). Julgo que é esta a etimologia da palavra portuguesa. A primeira daria *otmâne*, *otmão*. A palavra significa *um turco*; a sua base é aquela forma árabe que é o nome do fundador do Império *otomano* (em turco عثمانى (oçmâni)). Este nome conserva-se na Argélia em famílias de origem turca.

Otomano. — Será talvez preferível derivar esta palavra de عثمانى (oçmâni), relativo a Otmão.

P

Padixá. — Cf. *Paxá*.

Papagaio. — Foi Dozy quem apresentou ببغاء (babugā), baseado em Deffrémery. Dozy, embora acredite na origem árabe dos vocábulos europeus, crê na origem africana da palavra. Quando pensou na origem indiana e orientalista Kern desiladiu-o. Isto diz ele próprio no *Glossaire*; vê porque não consigo compreender o «talvez de origem india» de Nascentes. Embora a palavra árabe não esteja muito encoberta há algumas características na portuguesa de difícil explicação: a passagem dos ب ب a *p* e a sílaba *ga* dar *gato*. Duas hipóteses: § não estaremos na presença de etimologias populares com *papa* e *gato*?

§ Não teria vindo do provençal (*popagni*), visto que a palavra é documentada nos trovadores?

Paparaz. — Cf. *Albarraz*.

Pataca. — O étimo deve estar realmente em أبو طلاقة (abū ṭāqā); no árabe vulgar بطلاقه (bāṭāqā). A tradução de Nascentes é que não me parece muito feliz. Conforme já lhe fiz sentir numas observações ao *Dicionário*, na *Bibliografia Filológica* (verbete n.º 284), o vocábulo أبو (abū) «na realidade significa *pai*, mas serve também para indicar uma característica de qualquer coisa ou pessoa» (Cf. *Rev. Lusit.*, xxv, p. 203). Quere dizer: deve traduzir-se por *o da janelu*. Há em árabe muitas expressões deste género: أبو الجول (abū fāraq, *o do curaçeiro*) é o leão; a esfinge é أبو فارس (abū al-ḥasw), o do terror. Meyer-Lübke (*REW*, s. v. *abu Kirdan*) traduz por... *pai dos piolhos* (*Vater der Läuse*). Evidentemente que é um erro estranho; deve ser *piolhoso*. أبو tem função no gênero masculino idêntica à do أم (umm) para o feminino (q. v. *marfim*). A propósito cf. os *Suppléments aux Dict. Arabes* de Dozy s. v. onde a doutrina é vasta e segura.

Patacho. — Embora o *ch* de certo modo se possa opor, julgo esta palavra filiada no árabe بطاش (batāš).

Patchuli. — Note-se que em ár. há باتشولي (batēnli).

Pateca. — Falta no *Dicionário*. Designa uma espécie de melancia. Dalgado (*Ceilão*, p. 169) diz que a palavra já existia em port. arc. Eu só a conheço a partir do séc. xvii; a evolução do خ para c (= k) é estranha no período mais antigo da língua. De بطخ (batīħ).

Paxá.—A palavra tem o seu étimo no persa پادخان (pād xāh), *senhor rei*. Em port. é abonável a forma *padixá*. A forma *Padxá* aparece-nos no *Itinerário de Tenreiro* (p. 194). Em árabe é بادخان (bād xān), que nos aparece freqüentemente no séc. xvi sob a forma *baxá*: «... que fosse cegura pera hir meu caminho do que foy dado aviso ao dito *Baxaa*», Tenreiro, p. 59. A forma portuguesa *paxá* (escrita erradamente *pachá*) deve ter a sua origem no turco پادخان (pād xān). A forma persa também se usa na Turquia. Ligue-se com *Baxá*, que é a mesma palavra introduzida pelo árabe.

Q

Quediva.—O persa vulgar é خدیوی (khudīyī) e não *khudīyē*, como escreveu Nascentes baseado em Lokotsch. Aquela é que deve explicar a nossa forma. Significa *príncipe, rei*. Este título era usado pelo vice-rei do Egipto.

Quilate.—O árabe قيلاط (qīlāt) tem origem no grego καράτιον (Engelmann). Esta palavra foi estudada modernamente pelo Prof. Rebêlo Gonçalves (*Elem. Gr. do Voc. Port.*, p. 21).

Quintal (pêso).—Foi Engelmann quem explicou esta palavra pelo árabe قنطر (qanṭar).

R

Rabadão.—Falta no *Dicionário*. De رب الصن (rabb al-ṣin), *dono de carneiros*. Este vocábulo foi estudado por Dozy, Conde de Ficalho, Wagner (*Myuns Arabismos*, 428) e Steiger (p. 111).

Rajá.—Não é preciso o sânscrito para explicar esta palavra. Basta o industâ-nico راجا (rājā). Em árabe foi أچه (rajaḥu) que originou a portuguesa *rajao*: «Também vi o que me dizeis sobre o Ada *Rajao*», doc. de 16 de Janeiro de 1607, em *Doc. Remet.*, I, p. 74.

Ramadão.—A forma ár. é رمضان (ramadān).

Rás.—Não sei como é o título na língua vulgar da Abissínia. Não há dúvida que deve existir um semelhante na forma e no sentido ao árabico; o recente conflito italo-abexim o provou. Não é impossível que esteja ligado por apertado parentesco à palavra árabe رئيس (rāīs) (cf. *arrais*), adjetivo de رأس (rās), *cabeça* (cf. *rês*). Aquele vocábulo significa *capitão*. Na Índia representava geralmente um nobre nativo de posição respeitável. É muito vulgar a forma *raiz* em os nossos escritos de 500 e posteriores para designar um indivíduo de elevado cargo social: «... assi me escreve Ayres de Saldanha e o arcebispo primaz, que por morte de *Raiz Xarafo*, guazil de Ormuz, foi eleito em seu lugar um filho mais velho *Raiz Nordim*...», *Doc. Remet.*, I, 15 (de 26 de Fevereiro de 1605).

Razia.—Falta no *Dicionário*. De غزية (gazīa), *incurso militar*. O mesmo sentido que غزوة (gazwa, q. v.). É um galicismo; a forma vernácula é *gazea*. Para o fr. o غ é r: غرب (garb) é Rarb.

Rebate. — Cuervo e Meuñdez Pidal quiseram aparentar este vocábulo com o verbo *rebatar*. Em Portugal Adolfo Coelho (*Dic. Etim.*) quis seguir essa doutrina. Foi em vão. J. Oliver Asín (*Origem árabe de rebato, etc.*) demonstrou com bastante propriedade a sua origem árabe, embora Dozy já a tivesse visto. A origem está em لَبَّى (labbi), *convento fortificando que guarda as fronteiras*; ali recebiam instrução espiritual e militar os povos das vizinhanças. Nas suas torres acendiam-se fogneiras em caso de perigo. O fumo de dia, as chamas de noite, preveniam os habitantes da aproximação do inimigo, isto é, davam o *alarme*, significado do vocábulo. Cf. a propósito a crítica feita pelo Prof. Dr. David Lopes ao trabalho citado de Asín na *Rev. da Fac. de Letras de Lisboa*, t. 1, p. 314 e sgs. Emende-se portanto tudo o que Nascentes diz a propósito.

Reçaga. — Falta no *Dicionário*. Forma reforjativa de *Saga* (q. v.).

Recamar. — Mais uma vez se tenta derivar directamente um verbo português doutro árabe. É em vão. Para o presente caso devia-se ter bem presente o que escreveu Engelmann s. v. *recumo*, donde se formou o verbo; o subst. derivou-o de رَقْمٌ (raqm), *bordada; número, caligrafia*, enja raiz é رَقْ (raqqa), *bordar*. Cf. o it. *ricamo*.

Recife. — Wagner (*Algumas Arabismos*, p. 444), assim como Leite de Vasconcelos¹, pretende ligar esta palavra ao ár. رَفِيفٌ (rafif), que no Ocidente significa *collines d'un littoral, d'une rive* (Beaussier). Leite de Vasconcelos chega mesmo a propor um intermediário *acerrife, *ac'riffe colhido não sei onde e formado não sei como. A evolução fonética é difícil. Julgo mais viável este étimo, que já foi proposto por Engelmann e aceitado por Dozy: de رَصِيفٌ (rashif), que em Freytag significa: «Lapidés serie copaerente in loco ubi aqua fluit transeundi causa disposita». Ben-Cedira acrescenta ainda: *cais, passeio*.

Também havia *arrecife*: «Não tem bô porto por ser quasi costa brava, & estar de dentro d'íl arrecife...», Castaneda, *História*, I, cap. x.

Récua. — Engelmann propôs infundadamente رَكْبَرْ (rikbar), *hesta de carga*.

O acento e a significação opõem-se, mas Dozy apresentou رَكْبَرْ (rikbar), *grupo de viajantes montados em bestas*. Para melhor explicar as formas portuguesas e espanholas é necessário um nome de unidade: رَكْبَرْ (rikbar), com passagem de *b* a *v* (*récua*), aparecimento de um o epentético, como em *alcáçova*, e a redução do *e* trouxe *récua*. O *v* ainda se manteve em *recoceiro* e *recoceagem*, derivados de *récua*, largamente atestado. Não sei onde Nascentes encontrou um ár. alkushba que explique *alcáçova*. Em árabe é العَشَبَةُ (al-qasaba), com ش, que nunca correspondeu a *sh* ou *x*.

Redoma. — Foi Dozy quem primeiro derivou este vocábulo de صَوْمَلْ (schomel), *lagena, garrafa*. Baseou-se em Dombay.

Refém. — Boa doutrina (de رَهْنٌ, rihān, pl. de رَهْنٌ, rihā, penhor).

Regueifa. — Foi Engelmann quem derivou esta palavra de رَغْيَفَةٌ (regyafat), *torta, pão*.

¹ *Estudos de Philologia Mirandesa*, II, pp. 16-17.

Rés. — De رأس (*rās*), *cabeça*. Bem em Nascentes.

Resma. — رِزْمَة (*rizma*) tem também o mesmo significado que a forma portuguesa. Com o significado de *pacote*, *embrulho*, deu em português *rima*. (Cf. o *Dicionário*, s. v.).

Retama. — Engelmann derivou (e bem) do nome de unidade: رَتَمَة (*retama*).

Ribete. — A forma árabe é رِبَطٌ, portanto a transcrição deve ser *ribat*.

Roca (3). — A رُوكَه (*rokh*) (melhor رَوْحَة (*rokhah*)) designa uma águia fabulosa de certos contos árabes de que alguns autores, igualmente árabes, falam como causa verídica. No jôgo do xadrez, a tórra chamava-se outrora *roca* ou *roque*, que se deriva deste mesmo vocábulo.

Roque. — Cf. *Roca*.

Rosalgar. — Foi Dozy quem derivou esta palavra de رَوْجَه الْعَارِي (*rohj al-gār*), *pô da caverna*.

Rume. — A doutrina de Nascentes não está bem. «O que é *Rum*? O A. pretende aclarar assim: «isto é, Turquia, incluindo a Grécia e a Ásia Menor». Evidentemente que Dalgallo não foi muito feliz nesta explicação, tal como em dizer a palavra derivada do hindustâni-persa-árabe. «Mas qual destas línguas foi o seu berço? Muito antes de os portugueses chegarem ao Oriente já a palavra existia. A sua forma era روم (*rūm*) ou رومى (*rūmī*), derivada de روما (*rūma*), *Roma*. Os gregos eram *rumes* porque estavam no império romano (do Oriente). É assim que são designados no *Ajbar Majmua* (p. 5). Os egípcios e os turcos que fizeram parte do império bizantino foram também considerados *rumes*. Eis a razão por que os nossos escritores chamavam assim aos turcos, nossos inimigos no Oriente.

Em berbere اِرْوَمِي (*irwāmī*) designa um cristão (Jaubert, s. v. *chrétien*).

S

Saboga. — Em ár. é صَبُوقَة (*ṣabūqa*) e não qualquer forma com س como traz Nascentes na sua transcrição (*sabūq*). A explicação é de Dozy.

Sacre. — O étimo deve estar realmente no ár. صَقْر (*ṣaqr*), *falco de caça*. Não sei se o lat. med. *sacer* terá alguma relação com a forma árabe.

Lokotsch (N.º 1799) pretende ligar ao mesmo radical o port. *çafaro*, falção. Não conheço essa palavra com essa significação, nem tampouco ela se podia ligar foneticamente a esta raiz. O prov. tem *sacre*.

Sáfare. — De سَفَرْهَ (*ṣafrah*), *do campo, do deserto; inculto, reles*. Para doutrina moderna q. v. Wagner (*Rev. de Fil. Esp.*, xxxi, pp. 239-240) e Steiger, *Cont.*, p. 264. Do mesmo radical o trasmontano *saforil*, port. *saforino*; esp. ant. *çafara*.

Saga. — A propósito desta palavra q. v. o que eu escrevi no *Boletim de Filologia*, v. p. 170 (de سَاقَة, *ṣāqa*).

Saguão. — سَطْرَان (*ṣatrān*) significa *pátio*; Pidal (*Origenes*, 150) documenta esta palavra num vocabulista árabe do séc. xiii, publicado por Schiaparelli com a significação de *porticus*. Pidal considera-a uma voz obscura,

mas afinal é vulgar no Magrebe¹. Esta é a etimologia geralmente seguida; note-se porém que não vejo perfeitamente a sua evolução fonética.

Salá (1).—De ﷺ (qalā), oração. Nascentes diz: «Do ár. *salat*, oração»; o *t* não tem razão de ser, visto que o *z* raramente se transcreve. No séc. xvi a palavra parece que significava *agradecimento, reverência*. Cf.: «Noso amigo recebeo o presente com fulia, & grandes *qalas*», J. F. de Vase., *Ulys.*, p. 247. Cf. ainda o esp. *Hacer la salá a uno*.

Salá (2).—Sacerdote mouro. O vocábulo é pouco empregado nesta acepção.

Não há dúvida que está relacionado com o verbo ﷺ (qidā), orar. A forma árabe devia ser ﷺ (muqlā), *aquele que ora*. Fenômeno idêntico sucedeu com *essacana* (q. v.). Cf.: «... o fez saber a Lazerimque o qual lhe enviou os *qolas*...», Álvares, *Cr. Inf. Santa*, p. 44.

Salema.—O ótimo apresentado (de Sousa) não pode ser tomado a sério.

Salooio.—Nascentes acha «um pouco artificiosa a explicação de David Lopes», mas tenho pena de que não diga porquê. Para mim nada se opõe à etimologia de صهاروي (qahwī), camponês.

O Prof. M. Wagner parece não concordar com esta explicação e apresenta ﻣَحْرَف (gahra) (*Biblos*, ix, p. 445, e *L. K. Rom.*, xi, p. 380). A sua doutrina não me parece segura neste ponto. Note-se que aquela palavra deu *sáforo*.

Sanefa.—Falta só indicar a quantidade do *i* (de ﺗَنِيفَة, qanīfa). A explicação é de Engelmann.

Sapato.—Confesso que não vejo grandes dificuldades em derivar esta palavra do ár. سَبَاط (qabbāt), supatos.

Sarabatana.—De سَرَابَاتَانَة (zarabatāna), forma dialetal da Península e Oriente. Do clássico سَطْنَة (pabatāna). Também aparece *Zarabatana*.

Sarraceno.—O grego σαράξης deve ter base em شرقين (xarqān), pl. de شرقى (xarqū), oriental, muçulmana oriental.

Sarrafo.—Esta palavra podia ter ainda o sentido de *cambista*; nesta acepção falta no *Dicionário*. É de origem árabe: de صَرَاف (qarrāf), do verbo صَرَف (qarraf), trocar dinheiro. Na edição do *Itinerário* de Tenreiro, de A. Baião, vem *carafos*. A propósito desta palavra q. v.: Hobson-Jobson (s. v. *shroff*), Dalgado, *Glossário* (s. v. e *Suplemento*), Ramusio (t. fl. 188r) e o que eu escrevi no *Boletim de Filologia*, t. vi, p. 29.

Saudade.—A hipótese árabe apresentada por João Ribeiro (*Curiosidades Verbaes*, p. 197) não tem a mínima aceitação: de سُوْدَاء (qaudā), melaneolia. Raciocinemos um pouco: سُوْدَاء (qaudā) tem como correspondente vulgar مُودَّا (qūdā), que evolucionando com normalidade daria *quda*, forma que é

¹ A palavra سطوان (qātuān) tem como variante سلطان (uṣṭān). Esta é documentável em Aben-Quzmane: «Xannar aknāmu haraj al-uṣṭān», Nikl traduziu êste verso que ocorre na canção xx: «l se arremangue, salga al za-guâna».

atestada no Arcipreste de Hita, *Libro de Buen Amor*, est. 1510. Cf. a propósito o que escrevi no *Boletim de Filologia*, t. vi, p. 18. Além de não se poder pois explicar o ditongo *au*, também não se explica o aparecimento da última sílaba e ainda menos a acentuação do vocábulo português.

Seira. — Do ár. شرفة (*xairfa*), que tem como étimo o gót. **sahrfia*, cesta, canasta, acajate (W. Giese na *ZrPh.*, liv, p. 515). Meyer-Lübke (*REW*, 7515) cita o gót., mas não a forma arábica dada como intermediária.

Esta diz-nos que a boa grafia é *scira*.

Serralho. — Apesar de não se tratar dumha palavra arábica, não resisto à tentação de a comentar. Embora não o diga, Nascentes seguiu a transcrição de Lokotsh (1842), que é boa para... alemãs. A forma persica é سراي (garā). Significa *castelo*, *palácio*. É a casa habitada pelas mulheres e corresponde ao *harém* árabe. A propósito da palavra persica cf. *caravâncari*. A palavra devia ter entrado realmente pelo italiano *serruglio*.

Siroco. — De شرق (*xarq*), nome com que no Oriente designam o *vento sueste* quente e desgrudável do Mediterrâneo. Aquela palavra deve ser uma deformação de شروق (*xarūq*), aurora, nascer do sol (Ben-Cedira). A palavra entrou pelo francês ou pelo italiano. A forma vernácula é Xaroço. A hipótese de Dozy é foneticamente inaceitável (de شرقی, *xarqī*, oriental).

Sofá. — A palavra realmente tem origem no árabe صفا (*sfā*), mas é necessário dizer-se: 1.º Que é do árabe oriental, como o mostra a sua acentuação; 2.º Que entrou pelo francês.

Soldão, Sultão. — São duas palavras muito conhecidas de quem consulta com freqüência as obras dos séculos xv e xvi, principalmente as relativas ao Oriente. O étimo está em سلطان (*gulfān*). Julgo a segunda mais moderna do que a primeira. *Soldão* devia talvez ter entrado pelo italiano. Dante já a empregou: «... tenne la terra che'l Soldan correge», *Inferno*, v, v. 60; «... né mercantante in terra di Soldano», *idem*, xxvii, v. 101. Em todos os passos designa os reis do Egito. Em port. já nos aparece na *Cr. dos Frad. Men.* (i, 251, etc., ii, 189). Apesar de no *Glossário* dessa obra o Prof. Nunes afirmar que a palavra designava «qualquer potentado oriental ou seguidor do mahometismo», julgo não ter dúvida à vista dos passos citados, que, tal como nos de Dante, se referem ao rei do Egito. Num passo da versão latina de que Nunes nos fornece o correspondente a outro romance onde a palavra *Soldão* aparece, vem: «ad Soldani Aegiptii Castra» (i, p. 38, n. 1). Na tradução dispensaram-se de escrever a frase determinativa do *Egito* que a palavra *Aegiptii* (em genitivo) exigia, porque *Soldão* já era do Egito.

Era portanto uma forma estrangeira, possivelmente italiana como disse; o abrandamento de *b* em *d* ainda mais o justifica, por não ser intervocálico. O inglês ainda hoje tem a forma *soldan* para significar sultão, que é a forma entrada directamente do árabe no português.

Soquear. — Falta no *Dicionário*. Significa *feirar*. Foi empregado por Damião de Góis na *Cr. de D. Man.*: «... deixou ho negócio pera hum dos dias que elles acostumauam vir à qidade fazer feira, a que chamão soquear...», vol. iv, pp. 106-107. De *soça*, *coca* (< سوق, *xūq*, mercado). Cf. *agougue*.

Sorvete. — Esta palavra está mal explicada no *Dicionário*. O étimo está no ár. شربات (*xarbāt*), *bebidas*, pl. de شربة (*xarabah*), mas foi o italiano que deu origem às formas francesa e portuguesa. Do mesmo radical é a palavra que deu *xarope* (q.v.). شربات tem hoje uso muito corrente na Argélia; designa ali uma limonada.

Sucune. — Falta no *Dicionário*. De سکون (*çukūne*), *repouso, imobilidade*. É o nome do sinal indicativo de que a consoante não tem vogal.

Sultão. — Cf. *Soldão*.

Sumaque. — Falta no *Dicionário*. É o nome de um arbusto dos países quentes. De سماق (*çummāq*).

Suna. — Bem no *Dicionário* (do ár. سنّة, *çunna, palavra, acto e aprovação do Profeta; ortodoxia muçulmana*).

Sura. — Falta no *Dicionário*. Do ár. سورا (*çūra*), *oração da abertura*.

T

Tabaxir. — Em Belet طباشير (*tabāxīr*) significa também *giz*. Deve ser esta a forma que explica o *tabaxir dos alfaiates*.

Na Argélia corre a forma داباشير (*dabāxīr*), que é uma alteração desta. Designa o gesso.

Tabefe. — Foi Engelmann, que Nascentes não cita, quem derivou esta palavra de طبیخ (*tabīħ*), o que está cozido.

Tabi. — O nome árabe do bairro é تابي (*tatābi*), mal trauserto portanto em Nascentes. Devia ter portanto uma forma hipotética *utabi*, que explica aquela por aférese.

Tabica. — Bem em Nascentes (de طبیقة, *tabīqa*, placa de ferro ou cobre, guarnecida com um prego, que se emprega nos arreios dos cavalos ou a ferá-los, Dozy).

Tabique. — Achô bem o que escreveu Lokotsch: Engelmann não foi feliz em pretender derivar esta palavra de تشبيك (*taxbīk*); é preferível na realidade a forma طبیق (*tabīq*).

Taforea. — A explicação é de Engelmann. É muito interessante, mas Nascentes reduziu-a ao mínimo: طیوریة (*taifūriyah*) significa propriamente *prato, escudela*; a significação de navio deve ser hispânica. Cf. جفن (*javf*), que é *escudela*, mas na Península era uma *fusta, género de nave* (P. de Alcalá).

Tagarela. — Nascentes não inseriu esta palavra no *Dicionário*, mas sim *tagarelar*, que derivou de *garroular*, baseado em Silva Bastos. Evidentemente que não é aceitável. *Tugarela* deve ser o representante de تکلام (*takalām*), o que fala muito. Esta palavra formou-se da 5.^a forma do verbo كلام (*ka-lama*), *ferir*, mas que na 2.^a forma (onde se deriva a 5.^a) significa *falar*. Houve assimilação do tipo *t—m>t—l* e depois dissimilação de *t—l* em *r—l* com abrandamento do ك e imala como é de regra (Explicação dada verbalmente pelo Prof. Dr. David Lopes).

Taibo. — Embora muito antes da redacção da obra de Nascentes esta palavra já estivesse explicada, falta no *Dicionário*. De طَيْبٌ (*taib*) *bom, agradável*. Este vocábulo foi largamente estudado por Júlio Merreira (*Estados*, I, 216; II, 315) e D. Carolina M. de Vasconcelos (*Rev. Lusit.*, XI, p. 14, e XII, p. 133, onde se pode encontrar abundante exemplificação).

Taifa. — A forma proposta por Cortesão não explica *taifa*. Este vocábulo deriva de طَافِيَّةٌ (*tāfiyah*), que significa *bando, companhia; parte, porção; nação*. É uma etimologia que não deixa as menores dúvidas.

Talco. — A palavra árabe é طُلْقٌ (*talq*).

Tamarindo. — Bem explicada em Nascentes (de تَمَرُ الْهِنْدِيُّ, *tamar al-hindi*, *tamara indiana*). Como acrescento: por etimologia popular corria (e corre) a forma *tamarinho*: «... canella, pimenta, *tamarinho*...», F. M. Pinto, *Peregr.*, cap. cxvii: «... convém a saber mamgas, e jacas, e *tamarinhos*...», Cr. dos reis de Bisn., p. 81.

Tambor. — Não há dúvida que recebemos esta palavra do árabe, onde é طَبُورٌ (*tanbūr*). A palavra é antiga no português; em textos arcaicos também aparece por vezes a forma *ataubor*, onde se pode talvez ver vestígios do artigo arábico, ao contrário do que disse Nunes (*Gram. Hist.*, p. 162), que julgava o *a-* prostético.

Tannine. — Do ár. تَنْوِينٌ (*tanwīn*).

Tara. — Nascentes não explica perfeitamente a significação do vocábulo árabe. Ora طَرَحَ (*taraha*) tem na verdade base no verbo طَرَحَ (*taraha*), que significa *rejeitar, deduzir, desfalear*; طَرَحَ quere dizer *aquilo* das mercadorias que se rejeita: os recipientes.

Taracena. — Cf. *tercena*.

Tarbuche. — A palavra existe em árabe: طَرْبُوشٌ (*tarbūx*), *calote vermelho* e *capacho*.

Tarefa. — Falta no *Dicionário*. De طَرِيقَةٌ (*tariqa*) ou طَرَاحَةٌ (*tarāha*), segundo Dozy, *soga de pau*. Cf. *tareia*.

Tareia. — Julgo esta palavra um espanholismo. A forma vernácula correspondente é *Tarefa*.

Tarifa. — A forma ár. é تَعْرِيفٌ (*ta'arif*), mas é necessário o nome de unidade, que é testemunhável na forma argelina: طَارِيفَةٌ (*tārifah*), correspondente ao ár. dialectal تَعْرِيفَةٌ (*ta'arifah*). O ت deu ط na Argélia.

Tarima, Tarimba. — Do ár. طَرِيمَةٌ (*tarīma*), que, segundo P. Alcalá, significa *cama de madeira*. A explicação é de Engelmann.

Tarrafa. — De طَرَحَ (*tarāha*), do verbo طَرَحَ (*taraha*), *lançar*.

Tercena. — O siciliano dá-nos também uma forma onde o ت inicial se endureceu: *tirzana*. A explicação de Meyer-Lübke não serve, a não ser para o esp. *atarazana*. Em árabe é دَارُ الصَّنْعَةِ (*dār aṣ-ṣinā'a*).

Toranja. — É necessário o nome de unidade: تُرْنِجَةٌ (*turanja*).

Tremôço. — É na realidade uma palavra grega (*δίρρεια*) entrada pelo árabe تُرْمُقَ (*turniq*). Quem primeiro, que eu saiba, deu esta explicação foi Engelmann. Em 1930 o Prof. Rebêlo Gonçalves tratou deste vocábulo nos seus *Elem. Gr. do Voc. Port.* (p. 21). Devido decerto a uma distração aparece

neste trabalho a forma árabe acompanhada de artigo. É evidentemente demais.

Triaga. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra do grego, por intermédio arábico. Modernamente o Dr. Rebêlo Gonçalves (*Elem. Gr. da Lng. Port.*, p. 21) deu a mesma explicação. A forma grega é *τρίπαζη* (*trípazē*) e a árabe **تَرِيَاقٌ** (*tarīaq*).

Esta doutrina merece um pequeno reparo: é necessário o nome de unidade desta última, para que a explicação seja absolutamente satisfatória.

Tripa. — Esta palavra entrou no port. possivelmente através do fr. ou do it., onde há *tripe* e *trippa*, respectivamente. Não sei ao certo qual o étimo destas formas, mas o ár. **جَنْبُ** (*therb*) não é difícil de aceitar.

Túrbito. — A forma árabe-pérsica é **تُرْبَّة** (*turbid*). É o nome de uma planta purgativa.

Turgimão. — Derive lá donde derivar a palavra árabe **تُرْجِمَانٌ** (*turjimān*), do que eu não tenho dúvida é em basear nela a portuguesa. Aquela palavra significa à letra *o que explica um discurso, e dai intérprete*.

A palavra é antiga em português. Já ocorre no códice 200 de Aleobaya (séc. xv): «O quarto caso he que se hy ha *torgimān*, que entendia assy ad Confessor Este pode confessar os seus pecados...» (fl. 201 v., 15). Frei João Álvares também a empregou: «... e huu cristão, que la viaua com ele, a que chamauan alcaide Migeel, que foy aly *torgimān* das entregas do Ifante», *Cr. Inf. Santo*, cap. xii, p. 29; «... enuiou o Ifante por aquele *torgiman* cometer a Cala-ben-cala estes partidos...», cap. xv, p. 38.

Frei Pantaleão de Aveiro empregou no seu *Itinerário da Terra Santa* a forma *turcimão*: «... mas o nosso *turcimão*, como homem esperto com consentimento do Padre Guardião tomou cinco, ou mais cruzados...», p. 87 da ed. de 1721. «Não haverá nesta forma influência do italiano *turcimanno*?»

U

Ulemá. — **علماء** (*ulimā*) é na realidade um plural; o seu singular é **علم** (*ulim*), *sábio*, que está no português *álime* (q.v.).

Os *ulemás* são os magistrados e os doutores da lei muçulmana, isto é, os alcaldes e os imames. Cf. a propósito: D. Lopes, *Arabes em Herediano*, pp. 202-203; *História de Portugal* dirigida por Damão Peres, I, p. 410.

V

Valadio. — Gonçalves Viana tinha razão: deve ser o árabe **بَلَادِي** (*baladī*), *do campo, camponês*. Tomou o sufixo *-o*, como *salão*.

X

Xá. — Na realidade esta palavra deriva do persa **شَاه** (*shāh*). Nascentes transcreveu *shah*. Porquê?

Leu com certeza o que diz Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional*, na p. 145, a êste propósito e sobretudo a primeira frase da página seguinte. Voltem ao assunto nas pp. 222-290.

Xabandar. — A origem está no persa شاه بندار (*xāh bandar*), *senhor do porto*.

Aparece muitas vezes escrito شاه بندار (*xāhbandar*) e em malaio شهندار (*xahbandar*). O *xabandar* era um funcionário público encarregado da vigilância do porto, da receita dos direitos alfandegários e até, em certas regiões, das transacções comerciais realizadas por conta de el-rei. Segundo Braz de Albuquerque dá a entender¹, havia em Malaca quatro indivíduos a que se dava o nome de *xabandares*, que eram como que os cônsculos modernos.

Cf.: «... *xabandar* he ofício antre os gentios & mouros, como antre nos patrão da ribeira...», Cast., *Hist.*, I. III, cap. xvii, p. 47.

De *xabandar* derivou-se *xabandaria*: «... ainda ficarão aos mouros duas daquela parte, & outras duas da parte do mar, & hña delas estaua a *xabandaria* que tiraua ao longo da praya...», Cast., *Hist.*, I. V, cap. LXXXV, p. 307. *Xabandaria* era como a ribeira das nauas entre nós.

Xabepa. — Falta no *Dicionário*. Trata-se do representante português de *azarbeb* que ocorre em Hita (*Buen Amor*, 1233). *Xabepa* é documentável no *Itinerário* de Mestre Afonso: «... tamjém ate a noite com huns atabales como os das nossas canas, e com hñas *xabepas*, que são como charavelas...», p. 168, e «... hña grande praça honlue lem buns, prégão outros, deitão sortes, e tamjém seus atabales e *xabepas* como em caixão...», p. 189.

É o ár. شبابا (*xababa*), que designa uma espécie de flauta.

Xácará. — João Ribeiro (*Rev. Ling. Port.*, I, n.º 4, 1920, p. 48, nota) diz o «esp. *jácará*, romance em verso, cantiga, de origem incerta».

Está bem em Nascentes. A transcrição é que não me parece muito portuguesa: se a palavra árabe é شعر, deve ser *xávar*.

Kadrez. — Está bem. É de شطرنج (*xatranj*) que derivou esta palavra portuguesa. Não podia ser ela a origem de *acedrenche*, como o A. querer s. v. Era foneticamente impossível. De شطرنج (*xatranj*), acompanhado do artigo, vem *enxadrez*: «E pois jogaes o *enxadrez* dirvosey huma cousa...», Orta, *Colóquios*, x, p. 124; «E elles jogam bem o *enxadrez?*», idem, *ibidem*, p. 125.

Xaguão. — Cf. *Saguão*.

Xaille. — Vem no *Dicionário* s. v. *chale*, que é má ortografia. De شال (*xāl*), o mesmo.

Kairel. — A acreditar na etimologia dada por Dozy, baseado em Müller, a grafia mais perfeita seria *chairel*: de جلال (*Jalāl*), pl. de جل (*jall*), *cobertura de cavalo*. Nascentes transcreve mal (*jitel*).

¹ «... a quinta (dignidade) he *Xabandar*, e destes havia quatro, cada hum de sua nação: hum da China, outro da Jaoa, outro de Cambaya, e outro de Bengala. E eram todas as terras repartidas por quatro homens destes, e cada hum tinha sua parte, e o Tamungo era juiz da Alfandega sobre todos estes», ALBUQUERQUE, *Comentários*, parte III, cap. xviii. *Tamungo* é o malaio تامونگون (*tamuñguñ*).

Xaputa. — É uma forma derivada de شبوطة (*xabūṭa*), não de *shabut*, como escreve Nascentes. O ش não equivale a *sh*; a segunda sílaba é longa e é necessário ainda o nome de unidade.

Xaquima. — Falta no *Dicionário*. Significa *enbezada*, *açalmo*, *freio*. De شكمة (*xalīma*), *freio* (Engelmann e depois confirmado por Dozy).

Xara. — Nascentes transcreveu mal (*sha'ra*). A forma ár. é شرفة (*xat'ra*), *matta ou brecha*. A explicação é de Engelmann.

Xareta. — O árabe شرطة (*xarīṭa*) significa *severda de navios* em P. de Alcalá.

Xarope. — De شراب (*xarāb*), *bebida*. Cf. fr. e prov. *sirape*, ingl. *syrup*. O p. que Gonçalves Viana (*Apostilas*, II, p. 557) estranhou, nada tem de extraordinário. Cf. por exemplo *alperche*, *pataca*, etc.

Da forma com artigo veio *enxaropez*: «...lançou em terra o *enxarope*, que na māão tiyuba...», Álvares, *Cr. Inf. D. Fern.*, p. 7.

Do mesmo radical de *xarope*, mas por outra via, veio para o português *sorvete* (q. v.).

Xaveco. — A palavra arábica شفاف (*xalbāk*) parece-me que na realidade explica bem a portuguesa.

Xenabe. — É o grego ξεπάνη entrado pelo árabe خناب (*xināb*) (Dozy). Cf. Roselé Gonçalves, *Elem. Gr. do Uoc. Port.*, p. 21. É estranha a passagem de ش a x.

Xequê. — Gonçalves Viana era um mestre indiscutível, mas isso não lhe dava foros de infalibilidade.

A palavra *xequê*, na opinião de G. Viana, foi «estabelecida pelos nossos antigos escritores... e não transmitida tradicionalmente por audição, visto que a última letra da palavra (o ظ)... a sétima do respectivo alfabeto, o cujo valor é o do *f* castelhano actual, a ser tradicional a transmissão, estaria representada por *f*, como em *alfaiate*, *alfare*...» (*Apostilos*, II, pp. 558-559).

G. Viana esqueceu-se de que essa doutrina só é verdadeira quando se trata das palavras vindas do árabe para o português no período árabeo d'este.

Nas palavras entradas mais tarde o ظ evolucionou para *k*: *califé*, *rão* (dignidade), etc.

Outro tanto aconteceu com *xepor*, que pode ser abonada, entre outros, nos seguintes passos: «Vijnos tambem louátar / sem nínguē, se non por si, / ho xequê ismael sophi...», G. de Res., *Miserlândia*, est. 12; «... captiuaram hum dos principaes Xequés, do Leizobeta, dos que stauam allo redor Dazamor...», D. de Góis, *Cr. D. Mon.*, IV, cap. XI, p. 99; «... per conselho, & auiso que tinha de hum Xequê de Chaul per nome Mahamedo...», idem, *ibidem*, cap. LXXXIII, p. 179; «... forão ter a hú lugar grande chiamado Mete senboreado por hú Xequê...», Cast., *Historia*, I, cap. LXIV, pp. 183-184, etc.

Emende-se portanto Nascentes neste ponto.

Nascentes também não transcreveram bem a palavra arábica.

Pego-lhe que leia o que escreveu G. Viana na *Ortografia Nacional* (pp. 145 e 146) a propósito das transcrições do tipo da que usou no *Dicionário*.

A forma arábica é ظ ; a transcrição deve ser muito simplesmente *xh*.

2.—A palavra *xequê* em determinado lance do jogo do xadrez deve ser a palavra *xá* substituída por *xequê*. As duas confundem-se muitas vezes, não só hoje, mas já no séc. XVI. Q. v. a propósito Orta, *Colóquios*, I, p. 124.

Xerásim. — Falta no *Dicionário*. De شرافي (axarafi), com aférese, *moeda de ouro; dinar* (Dozy e depois Dalgado, *Glossário*, s. v.). سرافي (sarifi), como alguns querem, não pode explicar o nosso vocábulo.

Kerife. — شريف (xerif) significa propriamente *nobre*. Esta palavra apareceu-me com duas variantes gráficas: «... chegou a Feez huu mouro Chaffife com recado del Rey de Granada ...», Álvares, Cr. Inf. Santo, p. 76; «... fazia guerra aos Reis de Féz, Marrocos, & abo Senhor da serra, & assy abo Serife, fazendosse pagar das pareas.. », Góis, Cr. D. Manuel¹, III, pp. 122-123.

Xiita. — De شيعة (xi'ita), que evolucionou com a articulação do ة.

Korça. — Cf. Axoreta.

Z

Zagal. — O ár. غل (zagal) significa realmente *pessoa animosa, forte, corajosa*.

A evolução não estava explicada; essa dificuldade hoje pode dizer-se que desapareceu, visto que o verso de Aben Cuzmane زعل كلتي وصرت كبرت (cresceu-me a barba e fiz-me mancebo), traduzido por Egnilaz, vem mostrar já a palavra com o sentido de mancebo, «de modo que pode ser que este fosse o sentido originário no árabe peninsular e que o significado de *pastorinho, pastor* seja posterior», Wagner, *Algumas Arabismos*, 429.

Zambuco. — Falta no *Dicionário*. De صنبوق (qanbūq) (Dalgado).

Zarabatana. — Cf. Sarabatana.

Zaragatoa. — Foi Engelmann quem explicou esta palavra. Nascentes não o cita.

Derivou-a de بزر قطنون (bazar qatūn). O primeiro elemento não é árabe, mas persa. Dozy aceitou esta explicação.

Zedoária. — Bem em Nascentes (de زدوار, zedwār, *planta iudiciaria*). Também existe a forma جدواز, jadwār).

Zejel. — De رجل (zejel), *cancão popular*. Cf. a propósito Ribera y Tarragó, *Dissertaciones y Opáculos*, I, p. 40, e Iben-Caldune, *Prolegom.*, III, pp. 422, n., 436 e 441.

Zeneta. — Esta palavra derivou na realidade do árabe. É do mesmo radical de *ginetē*. Esta, como eu o disse na devida altura, parece-me ser زنانی (zannātī); zeneta deve ser de زنان (zannātā), nome da tribo dos zanatenses. Cf. Iben-Caldune, *Hist. dos Berb.*, III, p. 179, n.

Zero. — Bem em Nascentes. Zero é portanto uma divergência de *cifra* (q. v.).

Zirbo. — Bem em Nascentes (de زرب, thirb, membrana que reveste o interior do baixo-ventre).

Zoina. — A transcrição não está perfeita: se o ár. é زينة (Dozy), deve ser zānia.

Zorزال. — Dozy foi buscar a Alcalá زرزال (zorzal), com a significação de *terdo*. Aquela palavra alterna com زرور (zorzor).

¹ Nesta obra aparece mais vezes esta forma: pelo menos no seguinte passo: «... dizem hos Scriptores Arabios muitas vezes com ha sua gente, & algúia nossa desbaratou ha do Serife Príncipe de Sus...», II, p. 56.

Algumas obras consultadas

- AJBAR MAJMAA. — Cf. Lafuente y Alcántara.
- ALMEIDA (Lopo de). — *Cartas da Itália* editadas por M. Rodrigues Lapa. É o volume III dos *Textos da Literatura Portuguesa* editados pelo Centro de Estudos Filológicos. Lisboa, 1935.
- ASÍN (Miguel). — Cf. Ribera (Julio).
- AVEIRO (Frey Pantaleão d'). — *Itinerário da Terra Santa, e suas particularidades, composto por... oferecido a Jesu Crucificado*. Lisboa, 1721.
- AZEVEDO (Pedro de). — *Documentos das Chancelarias Reais anteriores a 1531 Relativos a Marrocos* publicados... sob a direcção de Pedro de Azevedo. Lisboa (1915).
- AZCRARA (Gomes Eanes de). — *Chronica do Conde D. Duarte de Menezes nos Inéditos da História Portuguesa*, vol. III.
- BAIÃO (António). — *Itinerários da Índia e Portugal por terra*, revistos e prefaciados por... I. Itinerário de António Tenreiro. II. Itinerário de Mestre Afonso. Coimbra, 1923.
- *História Quinhentista* (Inédita) do Segundo Círculo de Dio, ilustrada com a correspondência original, também inédita, de D. João de Castro, D. João de Masearenhas e outros, publicada e largamente prefaciada por... Coimbra, 1927.
- BEAUSSEUR (Marcelin). — *Dictionnaire Pratique Arabe-Français*. Nouvelle Edition, revue, corrigée et augmentée par M. Mohamed Ben Cheneb. Alger, 1931.
- BELOT (J. B.). — *Vocabulário Arabe-Francês à l'usage des Étudiants*, 3.^a edição. Beirute, 1893.
- BEN-SEDIRA (Belkassem). — *Dictionnaire Arabe-Français...* Nouvelle Édition. Alger, s. d.
- *Dictionnaire Français-Arabe...* Nouvelle Édition. Alger, s. d.
- BLUTEAU (D. Rafael). — *Vocabulário Portuguez e Latino...* pelo Padre... Coimbra, 1712.
- BRENOT (Louis). — «Noms de Récipiens à Rabats», na *Hespéris*, I, pp. 111-140.
- BURNELL. — Q. v. *Hobson-Jobson*.
- CAÑES (P. Francisco). — *Diccionario Español-Latino-Arabigo*. Madrid, 1787.
- CASTANHEDA (Fernão Lopes de). — *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Nova edição. Lisboa, 1833.
- CHAPMAN (Major F. R. H.). — *How to Learn Hindustani*. Third edition. London, 1918.
- Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Álvarez Pereira*. Com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remédios. Coimbra, 1911.
- CORREIA (Gaspar). — *Lendas da Índia*. Publicadas por ordem da... Academia Real das Ciencias e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, 1922.
- CORTESÃO (António Augusto). — «Quonástico Medieval Português» (Separata do *Archeólogo Português*, vol. III e sgns.). Lisboa, 1912.
- *Subsidios para um Diccionário Completo (Historico-Etymológico) da Língua Portuguesa*. Coimbra, 1900-1901.
- DALGADO (Sebastião Rodolfo). — *Glossário Luso-Asiático* por... Coimbra, 1919-1921.
- Diplomata et Chartae*. — Lisboa, 1867.

- DOZY et ENGELMANN. — *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leida, 1869.
- DU CANGE. — *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis...* cum supplementis integris D. P. Carpenterii. Editio nova. Niort, 1883-1887.
- ENGELMANN. — Q. v. Dozy.
- ESTEVEZ PEREIRA (Francisco Maria). — *Vida do Abba Samuel do Mosteiro do Kalamon*. Versão Ethiopica. Memoria destinada à X sessão de Congresso International dos Orientalistas. 1894.
- EVANGELISTA. — «*Libro de Cetereria de Ecangelista Y una Profecia del mismo*, con Prólogo, variantes, notas y glosarios», in *ZrPh*, 1, p. 222.
- FIGUEIREDO (Cândido de). — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova edição. Lisboa, 1913.
- FREIRE (Francisco José). — *Reflexões sobre a Língua Portugueza*. Lisboa, 1842.
- FREYTAG (G. W.). — *Lexicon Arabico-Latinum ex opere suo maiore in usum tironum exceptum edidit...* Halis Saxonum apud C. A. Sewetschke et filium. MDCCXXXVIII.
- GALVÃO (Duarte). — *Chronica de El-Rei D. Afonso Henriques por...* (Biblioteca de Clássicos Portugueses). Lisboa, 1906.
- GOLIO (Jacob). — *Lexicon Arabico-Latinum*. Lugduni Batavorum, 1653.
- GONÇALVES VIANA (Aniceto dos Reis). — *Apostilas aos Dicionários Portugueses*. Lisboa, 1908.
- *Ortografia Nacional. Simplificação e Uniformização Sistemática das Ortografias Portuguesas*. Lisboa, 1904.
- *Palestras Filolójicas*. 2.ª edição acrescentada pelo autor. Lisboa, 1931.
- *Vocabulário Ortográfico e remissivo da Língua Portuguesa*. 1.ª edição, 1912. *Idem*, 2.ª edição, 1913.
- HERCULANO (Alexandre). — *História de Portugal*. Oitava edição. Lisboa, s. d. *História Quinhentista (Inédita) do Segundo Círculo de Dão*. — Q. v. Baião.
- HITA (Arcipreste de). — *Libro de buen Amor*, edição dos Clásicos Castellanos. Edição e notas de Julio Cejador y Frauea. Madrid.
- HOBSON-JOBSON. — A Glossary of Colloquial Anglo-Indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive by Col. Henry Yule... and A. C. Burnell. New Edition edited by William Crooke... London, 1903.
- JALBERT (P. Amédée). — *Grammaire et Dictionnaire abrégés de la langue berbère* composés par... et publiés par la Société de Géographie. Paris. Imprimerie Royale, 1844.
- KAZIMIRSKI (A. de Biberstein). — *Dictionnaire Arabe-Français* contenant toutes les racines de la langue arabe. Paris, 1860.
- LAFUENTE y ALCÁNTARA (Don Emilio). — Colección de Obras Arábicas de Historia y Geografía que publica La Real Academia de la Historia. Tomo Primero — *Ajbar Machmuà* (Colección de Tradiciones). Crónica anónima del siglo xi, dada á luz por primera vez, trad. y anot. por... Madrid, 1867.
- LEÃO (Duarte Nunes de). — *Origem e Orthographia da Língua Portugueza*. Nova edição correcta e emendada, conforme a de 1784. Lisboa, 1864.
- LEITE DE VASCONCELOS (J.). — *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa, 1900-1901.
- LOPES (David). — «Alguns Vocabulários Arábico-Portugueses de Natureza Religiosa, Étnica e Lexicológica» (separata do vol. xi da *Revista da Universidade de Coimbra*). Coimbra, 1930.

- LOPES (David). — *Anais de Arzila*. — Q. v. Rodrigues (Bernardo).
- «Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano». Notas marginais de língua e história portuguesa. Separata do *Boletim de Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vol. iii e iv. Lisboa, 1911.
- *Chronica dos Reis de Bisnaga*. Manuscrito Inédito do Século xvii. Lisboa, 1897.
- «Cousas Arábico-Portuguesas. Algumas etimologias». Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. x.
- *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XIII, XVII e XVIII*. Barcelos, 1936.
- *História de Arzila* durante o domínio português. Coimbra, 1925.
- *Textos em Aljâmião Portuguesa*. Documentos para a História do Domínio português em Safim extraídos dos originais da Torre do Tombo. Lisboa, 1897.
- 1.* «Toponymia Árabe de Portugal», extrait de la *Revue Hispanique*, tome ix. Paris, 1902.
- 2.* «Toponímia Árabe de Portugal», *Rev. Lusit.*, vol. 24, p. 257.
- LOPES (Fernão). — *Crónica de D. Pedro I*. Com uma introdução por Damião Peres. Barcelos, 1932.
- MARÇAIS (W.). — *Textos Árabes de Tanger*. Paris, Imprimerie Nacional, 1911.
- MENDES PINTO (Fernão). — *Peregrinação*. Nova edição, conforme a de 1614, precedida de uma notícia bio-bibliográfica por Jordão de Freitas. Vila Nova de Gaia, 1930-1931.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS (D. Carolina). — *Cancioneiro da Ajuda*, edição crítica e commentada. Halle, 1904.
- MOLL (Francesch de B.). — «Suplement Català al Diccionari Romànic Etimològic». Separata do *Annari de l'Ufficina Romanica de Lingüistica i Literatura*, vol. i.
- MOURE (Frei José de Santo António). — Q. v. Sousa, *Vestigios*.
- NASCENTES (Antenor). — *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.
- Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo. Lisboa, 1806.
- NUNES (José Joaquim). — *Crestomatia Arcáica*. Excertos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século xvi. 2.* edição. Lisboa, (1921).
- *Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia). 2.* edição. Lisboa, 1930.
- NUNES DE LEÃO (Duarte). — Q. v. Leão (Duarte Nunes de).
- ORTA (Garcia da). — *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Edição Publicada por... Academia Real das Sciencias de Lisboa, dirigida e annotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa, 1891.
- PIDAL (Ramon Menéndez). — *Cantar de Mio Cid*. Texto, Gramática y Vocabulario. Madrid, 1908-1911.
- POMBINHO JÚNIOR (Tenente). — «Vocabulário Alentejano» (Subsídios para o léxico português), no vol. xxv da *Rev. Lusit.*, p. 58.
- RAMUSIO. — Primo volume, & terza edizione delle *Navigationi et Viaggi* raccolto già da M. Gio. Battista Ramusio, & com molta & vaghi discorsi, da lui in molti luoghi dichiarato & illustrato... Veneza, 1563.

- «Relação das Cousas da Cristandade que vimos na Pérsia e na Arménia». Inédito dos principios do Século xvii publicado por António Baião nos seus *Itinerários da Índia a Portugal por terra*, nas pp. xvii e xxxiii.
- RIBEIRO (João). — *Curiosidades Verbaes*. Estudos applicaveis à língua nacional. São Paulo, 1927.
- «A Influência do Árabe na Língua Portuguesa», na *Revista de Língua Portuguesa*, fase. 49 (1927), pp. 149 a 184.
- RIBERA (Julián) e M. ASÍX. — *Manuscritos Árabes y Aljamiados de la Biblioteca de la Junta* (para Ampliación de Estudios e Investigaciones científicas). Noticia y extractos por los alumnos de la sección árabe bajo la dirección de... Madrid, 1912.
- RICE (C. C.). — «Hispanic Etymologies», na *Language*, x, n.º 1, p. 27.
- RODRIGUES (Bernardo). — *Anais de Arzila*. Crónica Inédita do Século xvi... publicada por ordem da Academia das Ciéncias de Lisboa e sob a direcção de David Lopes. Lisboa. (1915-1919).
- S. BERNARDO (Frei Gaspar de). — *Itinerario da Índia por terra ate a Ilha de Chypre...* composto por... Lisboa, 1842.
- SAVI-LOPEZ (Paolo). — *Origenes Neolatinos*. Trad. de Pilar Sánchez Sarto. Editorial Labor. Barcelona, 1935.
- Scriptores*. — Lisboa, 1856.
- SICARD (Jules). — *Vocabulaire Franco-Arabe. Dialecte Marocain*. 4.ª ed. Paris. Larose, 1931.
- SILVEIRA (Joaquim da). — «Toponímia Portuguesa». *Rev. Lusit.*, xvi, pp. 143-158; xvii, pp. 114-134; xxiv, pp. 189-226; xxxiii, pp. 233-268.
- SOUSA (Frei João de). — *Vestígios da Língua Árabe em Portugal...* por... e augmentado e annotado por Fr. Jorge de Santo Antonio Moura. Lisboa, 1830.
- SOUSA VITERBO (Francisco Marques de). — «O Orientalismo em Portugal no Século xvi». Separata do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 12.ª série, n.º 7 e 8. 1893.
- Stanford Dictionary (The) of Anglicised words and Phrases* by C. A. M. Fenell. Cambridge, 1892.
- STEIGER (Arnold). — «Soda», in *Vox Romanica*, ii, p. 53.
- TAVARES TEIXEIRA. — «Vocabulario Transmontano» (colhido no Concelho de Moncorvo), in *Rev. Lusit.*, vol. xiii, pp. 110-126.
- TENREIRO (António). — Q. v. Baião, *Itinerários*.
- USQUE (Samuel). — *Consolaçam ás tribulações de Israel*. Com revisão e prefácio de Mendes dos Remédios. Coimbra, 1906.
- VASCONCELOS (D. Carolina Michaëlis de). — Q. v. Michaëlis de Vasconcelos (D. Carolina).
- VIANA (A. R. Gonçalves). — Q. v. Gonçalves Viana.
- VICENTE (Gil). — *Obras completas de...* Reimpressão «fac-similada» da edição de 1562. Lisboa, 1928.
- VIEIRA (Fr. Domingos). — *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza* pelo Dr. ... Porto, 1871-1874.
- VOSSLER (Karl). — *Poesie der Einsamkeit in Spanien*. Erster Teil. Munique, 1935.
- WAGNER (Max Leopold). — «Sobre Alguns Arabismos do Português». *Biblos*, vol. x, pp. 427-453. Servi-me da revista.
- YULE (Cor. Henry). — Q. v. Hobson-Jobson.

JOSÉ PEDRO MACHADO.